



**Julia Casotti Nogueira**

**Cartografias de um estrangeiro:  
trânsitos e afetos nas ruas do  
Rio de Janeiro**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Frederico Oliveira Coelho

Rio de Janeiro  
Abril de 2016



**Julia Casotti Nogueira**

**Cartografias de um estrangeiro:  
trânsitos e afetos nas ruas do  
Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Frederico Oliveira Coelho**

Orientador  
Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Miguel Jost Ramos**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Alexandre Graça Faria**

UFJF

**Profa. Denise Barruezo Portinari**

Coordenadora Setorial do Centro  
de Teologia e Ciências Humanas  
– PUC-Rio

Rio de Janeiro, 08 de abril de 2016

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

## Julia Casotti Nogueira

Julia Casotti Nogueira possui graduação em Comunicação Social – habilitação Jornalismo (2007-11) pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Trabalhou por dois anos e meio (2011-13) como repórter no jornal *A Gazeta*, no Espírito Santo. Atuou nas editorias de Cultura, Política e Gastronomia. A partir de 2013, começou a atuar como *freelancer*, produzindo mostras de cinema, cobertura de shows e assessoria de comunicação de eventos culturais. Atualmente presta serviço ao Instituto Tecgraf de Desenvolvimento de Software Técnico-Científico da PUC-Rio (Tecgraf/PUC-Rio) como produtora de conteúdo, tradutora e revisora de textos. Seus interesses voltam-se para movimentos culturais, literatura, cidade e para a vida do lado de fora (de preferência, nas ruas).

### Ficha Catalográfica

Nogueira, Julia Casotti

Cartografias de um estrangeiro: trânsitos e afetos nas ruas do Rio de Janeiro / Julia Casotti Nogueira ; orientador: Frederico Oliveira Coelho. – 2016.

159 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2016.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Cidade. 3. Estrangeiro. 4. Caminhada. 5. Cartografia. I. Coelho, Frederico Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD:800

## Agradecimentos

Uma pesquisa feita a tantas mãos, por causa dos acasos, das surpresas e dos encontros na cidade. Ao me mudar para o Rio de Janeiro, uma rede de afetos foi construída e outra, mais antiga, se estabeleceu forte. Aos amigos queridos, um obrigada cheio de amor.

Mariana Machado, pelo amor incondicional ponto de referência.

Adriana Dieuzeide, por estar na minha vida há 16 anos me ensinando tanto sobre amor e diferenças.

Ana Claudia, farol que me guia com tanta ternura e acolhimento. Obrigada pela cumplicidade que construímos todos os dias.

Ethel de Paula, meu primeiro colo no Rio de Janeiro. Sem você, não teria dado certo.

Isabella e Tullio, meu casal preferido, por ser a mistura perfeita entre diversão e razão e por me apresentar de perto a Zona Norte.

Gabriela, seus abraços, conselhos e admiração são essenciais.

Vanessa, por ser a primeira carioca a dividir os delírios e as alegrias comigo.

Caroline, pela doçura e pelo privilégio de um encontro inesperado, nossa amizade nasceu para voar.

Thaiss, por me ensinar tanto sobre compaixão e espiritualidade.

Juliana, por estar presente nos momentos mais importantes da minha vida.

Paula, por andar de mãos dadas comigo – não importa o que aconteça.

Vitor, por ser ponto luminoso nessa trajetória.

Renata e Rafael, por serem símbolo de amor e de boas energias.

Maria Gabriela, por me acompanhar na abertura de portais e nas maluquices cheias de amor.

Amigos queridos do Mestrado e Doutorado, um obrigada especial à Mariana (amiga parceira de todas as horas), Fred (referência literária dos papos poéticos), Valquíria (companheira de rede na Paissandu e das conversas esclarecedoras infinitas), Ricardo (meu ombro amigo) e Tiago (amigo sensível) por tudo – e ainda é pouco. Obrigada também Ana Gabriela, Daniela, Livia, Luis Claudio, Joana, Aicha, Gustavo, Wallace, Bernardo, Ana Luiza e Rebeca, por todos os papos e pelas partilhas sensíveis.

Capixabas amados, que estão perto, mesmo fisicamente longe.

Amigas da 2007/2 da Ufes, juntas somos tão diferentes e tão potentes.

Rio de Janeiro, por me proporcionar tantos encontros.

Fortaleza, que me recebeu (e recebe) de braços abertos.

À força da espiritualidade.

Também agradeço o ótimo trabalho da secretaria do Departamento de Letras da PUC-Rio, com agradecimento especial à Daniele. Aos professores da PUC-Rio, por terem expandido meus conhecimentos, em todos os sentidos. Entre eles, agradeço imensamente ao meu orientador querido e atento Frederico Coelho. Uma parceria que chegou quase aos 45 do segundo tempo, mas que foi maravilhosa: um misto de rigor sincero, alegria e muito trabalho. Obrigada por me ajudar a construir os detalhes mais importantes da dissertação e, ainda assim, nunca deixar a leveza para trás. VAMOS NESSA!

Ao Miguel Jost, meu primeiro orientador no Mestrado, pela parceria, amizade, ótimas conversas, conselhos e apontamentos teóricos. À Marília Rothier, pela generosidade em compartilhar com carinho tanto conhecimento. Ao Júlio Diniz, pela força de suas aulas e por ter me incentivado a tentar o Mestrado em Letras da PUC. À Rosana Kohl Bines, por todo o apoio, críticas minuciosas e construtivas e pela disposição de ouvir e ajudar.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa no segundo ano de Mestrado, tão importante para que eu pudesse me dedicar ainda mais à pesquisa.

Ao Instituto Tecgraf/PUC-Rio, pela delicadeza, respeito e compreensão. Vocês são os melhores companheiros de trabalho que tive até hoje.

Obrigada ainda e, principalmente, à minha família. Mãe e pai, vocês são a razão de tudo: coragem e amor transbordam entre nós. Meus irmãos, sobrinhos queridos, tias, tios, avós, primos: cada fragmento de nossa convivência é definitivo na construção de quem me tornei, e me torno, todos os dias.

## Resumo

Nogueira, Julia Casotti; Coelho, Frederico Oliveira. **Cartografias de um estrangeiro: trânsitos e afetos nas ruas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2016. 159p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A pesquisa *Cartografias de um estrangeiro: trânsitos e afetos nas ruas do Rio de Janeiro* tem o intuito de (re)criar os trânsitos de um “narrador ‘estrangeiro’”, que passa a morar no Rio a partir de agosto de 2013. Seguindo o método proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), o desejo é construir, com um texto acompanhado de ilustrações, fotografias e colagens, uma cartografia deste corpo, aberto às surpresas que transbordam das dobras da cidade. O trabalho busca nas ruas o que desloque o olhar, não só no sentido físico e decorativo, mas também como possibilidade de sensibilizar, de afetar e quebrar a rotina. Assim, a dissertação investiga os múltiplos encontros proporcionados em uma cidade. É possível pensar esse narrador que veio de fora como alguém mais inserido/inscrito na capital carioca ao caminhar pelas rotas afetivas do espaço urbano? Ao se deslocar, principalmente, por bairros da Zona Sul, Centro e Zona Norte, sua narrativa busca uma visão aberta e ativa, desdobrada em quatro eixos teóricos: 1) cidade; 2) o outro, estrangeiro de mim mesmo; 3) caminhada; 4) afetos. Leitura de estudos sócio-históricos, geográficos e filosóficos sobre as palavras-chave citadas acima, assim como questões suscitadas pelos atravessamentos dele no Rio, é convite para explorar uma pesquisa construída e experimentada.

## Palavras-chave

Cidade; estrangeiro; caminhada; cartografia.

## Abstract

Nogueira, Julia Casotti; Coelho, Frederico Oliveira (Advisor). **Cartographies of a foreigner: transits and affections in the streets of Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2016. 159p. MSc. Dissertation – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The research Cartography of a foreigner: transits and affections in the streets of Rio de Janeiro have the intention of (re)creating the transits of a “foreign’ narrator”, who starts living in Rio since August of 2013. Starting from the method proposed by Gilles Deleuze and Félix Guattari (1995), the desire is to construct, with a text accompanied by illustrations, photographs and collages, a cartography of this body, open to the surprises that overflow the city’s folds. The work searches in the streets what dislocates the eye, not only in the physical and decorative sense, but also with possibility of sensitizing, of affecting and breaking the routine. This way, the dissertation investigates the multiple encounters proportioned in a city. Is it possible to think if this narrator who came from outside feels more inserted/registered in the capital of Rio while walking through the affective routes of urban space? While dislocating, mainly by neighborhoods of South Zone, Downtown and North Zone, his narrative searches for an open and active sight, constructing narratives that unfold in four theoretical axes: 1) city; 2) the other, foreigner of own self; 3) the walk; 4) affections. Lectures of socio-historical, geographical and philosophical aspects of the keywords cited above, as well as questions raised by his passage in Rio, are invitations for the research to be built and experimented.

## Keywords

City; foreigner; walk; cartography.

## Sumário

1. Uma possibilidade de encontro	13
2. Primeiro movimento: o encontro com a cidade	18
2.1. Trânsitos no palco da cidade	18
2.2. Cidades, código experimental	24
2.3. Estrangeiro: entre a fuga e a origem	26
2.4. Encontros com o outro na cidade	29
2.5. Construção dos próprios mapas	36
2.6. Pistas não-objetivas	40
3. Segundo movimento: sobre os próprios pés	47
3.1. Perder-se também é caminho	47
3.2. Vida vivida do lado de fora (nomes para inspirar)	53
3.3. Movimentos artísticos e a caminhada	59
3.4. Primórdios da caminhada	61
3.5. Atenção durante as caminhadas	64
3.6. Cidades construídas e experimentadas	70
3.7. Cidade como máquina de histórias	75
4. Terceiro movimento: criação de cartografias-literárias	80
4.1. Montagem dos afetos	80
4.2. Sobre deixar o “eu” de lado e andar pelas mesmas ruas	84
4.3. O amor é feito de cortes	88
4.4. Você não vai passar	90
4.5. Guia de ônibus	90
4.6. Observar pelo canto do olho	92
4.7. Banca dos mapas	93
4.8. Saudade, a impossibilidade de se desconectar	97
4.9. Amanhecer na Candelária	98
4.10. O sol há de voltar	100



4.11 Notas do diário estrangeiro	102
4.12. 365 dias de Cléa	103
4.13. Outro, alteridade, amor e reconhecimento	105
4.14 Intervenções: desvios que levantam a cabeça	106
4.15. Dor solar na cidade	111
4.16. Fidelidade	112
4.17. Uma noite na Avenida Brasil	115
4.18. Sobre o mar	117
4.19. Memória da cidade	119
4.20. Rascunho de uma carta nunca enviada	120
4.21. Mistura entre arte e ciência	121
4.22. Derrubadas na cidade	122
4.23. Ler a cidade	125
4.24. Terreno desorganizado	128
4.25. Pistas sobre a caminhada	131
4.26. Olhar do morador estrangeiro	133
4.27. Pequeno recorte da Zona Norte	135
4.28. Trilha	139
4.29. Bibliografia ressignificada	141
5. Portas abertas para a reinvenção	147
6. Referências bibliográficas	152
6.1. Bibliografia barra lateral	158

## Lista de Figuras

Figura 1 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	19
Figura 2 - Colagem sob fotografia da artista Mariana Smith.	21
Figura 3 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	24
Figura 4 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	26
Figura 5 - Ilustração de Laura Pannuzio.	28
Figura 6 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	29
Figura 7 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	30
Figura 8 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	31
Figura 9 - Colagem a partir de imagens da Revista <i>Avoante</i> .	37
Figura 10 - Mapa antigo do Rio de Janeiro.	38
Figura 11 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	40
Figura 12 – Ilustração da obra de José Leonilson.	42
Figura 13 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	43
Figura 14 - Trecho do livro de Gonçalo M. Tavares, <i>O Homem ou é tonto ou é mulher</i> (2005).	45
Figura 15 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	46
Figura 16 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	47
Figura 17 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	48
Figura 18 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	49
Figura 19 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	52
Figura 20 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	54
Figura 21 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	55
Figura 22 - Colagem a partir de imagens da Revista <i>Avoante</i> .	59
Figura 23 – Fotografia produzida por Julia Casotti.	64
Figura 24 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	66
Figura 25 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	67
Figura 26 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	70
Figura 27 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	72
Figura 28 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	74
Figura 29 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	76
Figura 30 - Colagem a partir de folder do Instituto Moreira Salles.	78
Figura 31 - Trabalho do artista Jozias Benedicto.	82

Figura 32 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	84
Figura 33 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	85
Figura 34 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	86
Figura 35 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	87
Figura 36 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	89
Figura 37 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	91
Figura 38 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	92
Figura 39 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	94
Figura 40 - Mapa antigo do Rio de Janeiro.	96
Figura 41 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	97
Figura 42 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	99
Figura 43 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	100
Figura 44 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	102
Figura 45 - Obra do artista plástico Nazareno.	105
Figura 46 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	107
Figura 47 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	109
Figura 48 - Intervenções urbanas disponibilizadas online.	110
Figura 49 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	111
Figura 50 - Intervenções urbanas disponibilizadas online.	113
Figura 51 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	115
Figura 52 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	118
Figura 53 - Fotografia do artista plástico Silvino Mendonça.	119
Figura 54 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	123
Figura 55 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	127
Figura 56 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	128
Figura 57 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	132
Figura 58 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	134
Figura 59 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	136
Figura 60 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	137
Figura 61 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	138
Figura 62 - Fotografia produzida por Julia Casotti.	140

*Uma eficácia literária significativa só pode nascer de uma rigorosa alternância entre ação e escrita. Terá de cultivar e aperfeiçoar, no panfleto, na brochura, no artigo de jornal, no cartaz, aquelas formas despreziosas que se ajustam melhor à sua influência sobre comunidades ativas do que o ambicioso gesto universal do livro. Só esta linguagem imediata se mostra capaz a responder às solicitações do momento.*

*A maior parte das pessoas busca num amor a pátria eterna. Outros, porém, muito poucos, a eterna viagem. Estes são melancólicos, e têm motivos para temer o contato com a terra-mãe. Procuram aqueles que poderiam manter afastada deles a saudade da pátria. A esses são fiéis. Os livros medievais sobre a doutrina dos temperamentos conhecem bem a nostalgia desse tipo de homens pelas viagens longas.*

*Walter Benjamin, Rua de Mão única/ Infância berlinense, p.9 e p.3*

## 1. Uma possibilidade de encontro

Façamos da interrupção um caminho novo.  
Da queda um passo de dança,  
do medo uma escada,  
do sonho uma ponte, da procura um encontro.  
[Fernando Sabino]

Um encontro. Um encontro no outro. Um encontro com o outro. Troca, partilha, empatia, afeto. Uma possibilidade (ou várias possibilidades) a partir de um encontro na/com a cidade. Uma parceria é entrelaçada. O corpo se transforma em terreno de tensões inscrito nas ruas e nas dobras do urbano. O corpo em um espaço não mapeado, “estrangeiro”, não identificável, despido dos detalhes mais sensíveis e das crenças mais certeiras. Um encontro a partir do desconhecido e da descoberta da força que está na cidade e em seu movimento. Nas potências do encontro e na exposição das fragilidades, consigo perceber nos olhos do “outro” o que também é meu, o que me compõe. A escolha é caminhar para mapear, cartografar, encontrar um ritmo em que também possa acompanhar a dança, em que a queda e os tropeços sejam momentos de construção.

A dissertação “Cartografias de um ‘estrangeiro’: trânsitos e afetos nas ruas do Rio de Janeiro” só se tornou possível a partir do meu encontro com a cidade. Como a pesquisadora e amiga querida Ana Claudia Peres (2012) afirma, e eu corroboro, pode-se dizer que foi “uma travessia, no sentido mais literal do termo, aquele que sugere uma longa viagem ou uma passagem de um lugar a outro, com toda a aventura encontrada pelo caminho”. Do ponto de vista pessoal, o trabalho ganha impulso quando deixo a ilha Vitória, capital do Espírito Santo, com aproximadamente 350 mil habitantes, e passo a morar no Rio de Janeiro, capital do estado homônimo, com aproximadamente 7 milhões de habitantes, em agosto de 2013.

A mudança trouxe uma série de experiências: estar em uma cidade onde eu não tinha nome ou sobrenome conhecidos; não ter referências e não ser referência; ter a sensação de começar do zero uma carreira profissional; se sentir testado a todo momento, pois ainda não lhe “conhecem” ou não confiam em você. Passados

os primeiros impactos em que seu corpo se sente livre e, ao mesmo tempo, desprotegido, começa a abertura para o envolvimento, para os encontros e as escolhas – a passos lentos, de peito aberto, com a ingenuidade típica dos principiantes.

Entre esses inúmeros encontros, estava o ingresso no mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Com formação em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), outros autores, leituras e pressupostos teórico-filosóficos passaram a fazer parte da minha rotina de estudos e da minha vida. Assim, novas questões propiciadas por uma cidade tão complexa quanto o Rio também tomavam conta.

Os textos (conotativos e denotativos) da cidade estavam lá, todos os dias, acompanhando o caminho que eu escolhia percorrer no Rio – o caminho que eu construía para criar minha própria rede de afetos, o meu mapa. Quais ruas prefiro (consigo) percorrer? Quero fazer parte de qual cidade? Quem eu quero que esteja por perto? Desejo (sim, desejo) ir além das zonas criadas para simplificar a divisão urbana? Esses questionamentos são até hoje frequentes.

A partir da experiência de “mudança” e dos tantos escritos que me fizeram “levantar a cabeça” inúmeras vezes em meio ao delírio das andanças na cidade, a pesquisa ganhou contornos. Em meio a um território da ficção em que a minha experiência também fosse ponto de partida, porém não o único ponto de referência, surgiu o intuito de (re)criar os trânsitos de um narrador “estrangeiro” no Rio de Janeiro.

A opção do texto em terceira pessoa, visto que não é um diário de bordo da pesquisadora, propõe um pensamento em parceria com muitos teóricos, entre eles Roberto Corrêa dos Santos. Ele acredita que uma escrita em primeira pessoa não se move, e, sim, gera fixações. A criação do personagem é pensada para dar mais liberdade à pesquisa, na criação de uma cartografia literária, na invenção de histórias, na aposta a favor da imaginação.

O desejo é de construir, com um texto acompanhado de ilustrações, fotografias e colagens, um trabalho que busque na cidade aquilo que desloque o olhar e crie a possibilidade de sensibilizar, de afetar e de quebrar a rotina. Um estudo que dê vazão aos múltiplos encontros proporcionados em uma cidade, ao lado de palavras-chave caras à pesquisa como: *alteridade*, *simpatia*, *subjetividade*,

*o outro* (alteridade), *caminhada* e *estrangeiro*. É possível pensar este narrador que veio de “fora” como alguém que se sente mais inserido/inscrito na capital carioca ao caminhar pelas rotas afetivas do espaço urbano?

Para traçar essas paisagens, a escolha teórica foi a do método cartográfico. Proposto pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), o modelo é construído justamente a partir de uma paisagem que não é estática e muda a todo instante. Ela é feita pelos trajetos que o próprio sujeito cria em sua pesquisa. Existem múltiplas entradas em uma cartografia sem centro. É um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso, não se abre mão do rigor, que é porém ressignificado. Por aqui, é importante entendermos ação e escritas alternadas de uma forma significativa. Estar aberto para o inesperado, com suas linhas de fuga e seus fios soltos, aliando teoria e prática (ROLNIK, 2011).

Tem-se também em mente que, para um trabalho como este propor a criação de uma cartografia, é essencial ter a disposição para o encontro: o encontro com o outro, o encontro no outro, o encontro com o território que se modifica a cada acesso, tornando-se também uma espécie de fragmento desses contatos com o mundo. Ver o encontro como uma teia a produzir pensamentos e experiências sobre este outro que, de alguma forma, também é você (PIRES, 2007).

Assim, o trabalho se apresenta através de três movimentos. O primeiro deles narra os trânsitos do estrangeiro ao chegar à cidade e as questões que envolvem o ser “de fora” (KRISTEVA, 1994). O corpo na cidade que busca sensações (PIRES, 2007) em um espaço contemporâneo urbano repleto de contradições e rupturas (SENNETT, 2008), funcionando como terreno de tensões (CAIAFA, 2007). A construção de subjetividades e alteridades na busca pelo mapa cartográfico também é tema, a partir de pistas e métodos que escapam à objetividade (KASTRUP, 2009).

No segundo movimento, a caminhada é destaque, e três autores são primordiais para se pensar o corpo no espaço urbano: Frédéric Gros (2010), Adriano Labbucci (2013) e Francesco Careri (2013). Pensar o caminhar como ato filosófico, como uma revolução, como uma viagem e como um espaço de aventura é o que dá vida às páginas. Além do pensamento contemporâneo, o

primórdio da caminhada é um tema chamado para a conversa, assim como os grupos artísticos, culturais e intelectuais que acreditam nos passos para a construção de pensamento. A cidade experimentada (RISÉRIO, 2014), a atenção requerida ao caminhar (KASTRUP, 2009) e as máquinas de histórias que a compõem (SARLO, 2014) também convidam o leitor a mergulhar nessa aventura.

Em ambos os movimentos descritos resumidamente acima, o leitor vai perceber a presença de notas laterais com palavras em negrito, criadas a partir de citações de literatura, música, poesia, teoria e filosofia. As palavras escolhidas páginas alternadas têm o intuito de expandir o sentido textual – visto que são importantes ao longo da construção da pesquisa. A ideia de utilizar o recurso das laterais da página como outro suporte de escrita surgiu a partir da leitura da tese de doutoramento de Lia Duarte Mota, defendida no Programa de Pós-Graduação de Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPGLCC) da PUC-Rio em 2015. O poeta e filósofo francês Paul Valéry também é um dos autores que inspirou o estilo.

Por último, o terceiro movimento é o momento da criação de cartografias do estrangeiro na cidade. Elas aparecem no texto de múltiplas formas. Com tom confessional e outros tantos mais objetivos. O personagem se desloca, principalmente, por bairros da Zona Sul, Centro e Zona Norte do Rio de Janeiro, em busca de uma narrativa com visão aberta e ativa. Utilizo uma escrita *sampler*<sup>1</sup> (em uma mistura de literatura, teoria e ficção) desdobrada em quatro eixos teóricos: 1) a cidade; 2) o outro, estrangeiro de mim mesmo; 3) caminhada; 4) afetos. Leituras de estudos sócio-históricos, geográficos e filosóficos sobre as palavras-chave citadas acima, assim como questões suscitadas pelos atravessamentos do estrangeiro no Rio, são convites para a pesquisa ser apresentada e experimentada.

Assim, como no *Manifesto Sampler*, criado pelos pesquisadores Frederico Coelho e Mauro Gaspar em 2005, os gêneros estão misturados em um texto limite entre cartografia e literatura. As experiências vividas e inventadas dão lugar para as ideias da pesquisa se revelarem. Teóricos são reinventados, metabolizados e ressignificados nesse processo de criação, sendo que as páginas apresentam um

---

<sup>1</sup> O Manifesto Sampler, de Frederico Coelho e Mauro Gaspar, tem sete versões e saiu no *Rizoma*, em 2002 – depois, foi compilado no *ebook* “Recombinação”. A íntegra pode ser lida online: [http://www.academia.edu/18298250/Manifesto\\_da\\_Literatura\\_Sampler\\_-\\_2005](http://www.academia.edu/18298250/Manifesto_da_Literatura_Sampler_-_2005).



exercício de escrita no qual a teoria é indissociável do ficcional. Nessa linha de pensamento, a favor de uma construção mais fluida, as referências teóricas só encontram-se ao final, divididas por cada subtítulo.

Escrever não se aloja em si mesmo. Não ponho aspas. As palavras são minhas. Não importa quem fala. Sou quem pode dizer o que disse. Fui eu quem escreveu. Agora abro as comportas e deixo que elas, as palavras, as vozes, se espichem, se multipliquem, se fortaleçam. Aglutinação pela dispersão. Ele(s) redige(m), mas sou quem escreve. Um corpo em disponibilidade para si e para o outro. Todo es de todos, a palavra é coletiva e é anônima. (COELHO; GASPAR, 2005, p. 2)

Convido os leitores a mergulharem comigo na leitura desta pesquisa coletiva, feita a tantas mãos, por tantos encontros. Nas próximas páginas, poderão acompanhar o percurso desse estrangeiro, personagem-ficção, e os caminhos através dos quais ele conquista, a cada dia, seu próprio mapa urbano no Rio de Janeiro.

## 2. Primeiro movimento: o encontro com a cidade

### Cidade

Se o corpo é a casa e o mapa é o corpo  
 formamos um improvável arquipélago  
 flutuamos ora perto ora longe  
 Sem caixa de correios ou endereço  
 Apenas a correspondência possível  
 entre o silêncio de ilha e os seus pássaros  
 remotos.  
 [Laura Liuzzi]

Não saber orientar-se numa cidade não quer dizer muito. Mas extraviar-se nela como se extravia numa floresta é algo que se deve aprender completamente. Porque os nomes das ruas devem soar ao ouvido do errabundo como o ranger de ramos secos, e as vielas internas devem refletir-se para ele tão nitidamente como os passos de montanha.

### 2.1. Trânsitos no palco da cidade

Transitar por uma nova **cidade** a partir de uma escolha. Escolha esta que opta por movimento de corpos, construção de paisagens, cartografias, sensações e memórias. Habitar um dos Rios de Janeiro possíveis (e impossíveis). Estes são os percursos de um estrangeiro que inventa uma cidade com a imaginação das caminhadas embaladas por um fiel companheiro: a música que sai alta dos fones de ouvido. O mergulho nas aventuras urbanas pode ser raso ou profundo, forte, cheio de ondas e de caldos – como o mar frio ressacado do mês de novembro entre Leme e Copacabana.

O mar (e a cidade) tem esse poder de apaziguamento, assim como “simboliza um chamado à vida e convite à morte”. A frase do escritor francês Albert Camus, compartilhada em *Diário de viagem* (2004), é uma das preferidas do estrangeiro, pois simboliza o seu apreço pelas correntes marítimas. No livro, Camus descreve sua passagem pela América do Sul, sendo o Brasil um dos países mais detalhados, e deixa clara a paixão e devoção que sente pelo mar. Além de passar o tempo com as anotações, olhar o oceano é uma das atividades preferidas do escritor dentro do navio e também ao chegar às cidades.

Além do mar, ruas, esquinas, becos, ruelas, avenidas, os cantos mais sujos, escuros e sem placas de direcionamento estão todos lá, espalhados, como um quebra-cabeça à espera da criação de seu próprio

mapa. O estrangeiro está pronto para se reinventar, criar afetos, trocar e acumular experiências. A sensação é de estar fora de si, fora de um lugar ou de categorias fechadas, em um modo produtivo de apontar para essa fuga constante das molduras e dos lugares de pertencimento. Ele percebe que tudo transborda. Não há mais especificidades e nem barreiras de contenção. A qualquer momento é possível criar pontes e laços inesperados, heterogêneos e muito diferentes entre si (GARRAMUÑO, 2014).



Parece que essa é a chave: só quando ele está apto a se deslocar de si, está aberto ao outro de si. É quando o estrangeiro, como em uma escrita *sampler*, não hierarquiza, não tem portas, nem grades e limites. Ele deseja incorporar e criar catarses. É feito de movimento libertário, que atravessa e o invade de forma viva e mutante.

Estar perto de estranhos em uma nova **cidade** é livrar-se do compromisso com a própria identidade. Apostar na ideia de que ser feliz, estar à vontade consigo mesmo, “é poder tomar consciência de si sem levar um susto”, citando o pensador alemão Walter Benjamin (2013). É possível correr riscos, tombar no chão, perguntar as informações mais óbvias só para quem nasceu na capital, inventar nomes e lugares. Ele tem tempo para imaginar voos livres.

## Encontros

O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca, e é preciso andar muito para se alcançar o que está perto.

Nos primeiros meses, é comum se sentir órfão de pai e mãe, meio mutilado. E, ao mesmo tempo, estar acompanhado da sensação de reinvenção diária. Um corpo à deriva quer escrever com a cidade e não simplesmente sobre o espaço urbano. Um corpo estrangeiro quer ser parceiro dessas rotas diversas. Cria pontos afins, faz intervenções por cada espaço que ocupa e passa, assim como se desfaz do que não lhe afeta.

Ao começar a criar o próprio território, sente-se pronto para se desgarrar dos saberes plenos, das radiografias já conhecidas. A construção desse terreno se dá como plano de ação. Nessa busca, há algumas constatações que chegam rápido: nenhum caminho é feito por linha reta. O artista plástico cearense José Leonilson, em seus bordados minimalistas com palavras vivas e repletas de potência, aponta: “O tempo passa, a linha escapa. O fio borda o fim”. Nada está sob controle, apesar das escolhas serem feitas. O imprevisível é o que borda o tempo da vida. Os fins e recomeços podem (e vão) surpreender.

A publicação *O gigante das flores* (2007) é um dos suportes onde essa obra do artista visual está presente. O livro é parte da coleção “Arte à primeira vista”, cujo intuito é aproximar as crianças do universo artístico atual. Além de Leonilson, Gilles Deleuze (1997) também reforça o coro ao defender que não há linha reta nem nas coisas e nem na linguagem e que seriam os desvios responsáveis por revelar vida nos encontros.

A língua tem de alcançar desvios femininos, animais, moleculares, e todo desvio é um devir mortal. Não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem. A sintaxe é o conjunto dos desvios necessários criados a cada vez para revelar a vida nas coisas (DELEUZE, 1997, p. 12).

São nesses desvios, nos deslocamentos proporcionados ao ocupar o espaço, que os **encontros** são possíveis, presentes nos desejos construídos a partir da inscrição do corpo no ambiente urbano. No novo espaço, ele se permite achar alguém que procura, e também chocar-se contra. Descobrir. Aventurar-se. Alcançar uma confluência de (R)rios. Estar no ponto de articulação das asas de um projeto. Acertar contas por um acaso ou pura

cisma. Lutar, duelar, colidir em um combate imprevisto com outro corpo. Todas as ações são válidas na disputa pelo pertencimento na cidade.



A necessidade de se desterritorializar das antigas referências também vai constituir o seu próprio mapa em exposição. Estar à deriva. Mudar-se para viver em outro *palco urbano* é uma constante formação de trajetos e linhas de fuga a construírem uma cartografia nômade. É entender que se perder é positivo, assim como o estilhaço dos dias e os abraços de partida. É estar exposto e não ter certeza do que virá.

Apesar de *exposição* (no sentido de transparecer, revelar, arriscar) tantas vezes ser vista como fragilidade, na montagem de cartografias deste estrangeiro, ela é o contrário. O verbo “expor” é sinônimo de estar à disposição. É a capacidade de entrega, é o ato de se abrir sem receio ou pré-conceitos, ultrapassando o racional. É estar disposto a capturar sentimentos, ideias, desejos. Citando Suely Rolnik (2011) ao descrever os princípios da cartografia, se expor é dar língua e vida, através de palavras ou figuras, aos afetos que pedem passagem.

Como afirma Pires (2007), é no coletivo e na rua que o estrangeiro é capaz de se misturar no centro urbano. Ao se envolver com os espaços públicos, ao se sentir parte da construção arquitetônica da cidade contemporânea, ele dá passos largos ao lema “espalhar o corpo em busca de sensações”.

O corpo inscrito por este estrangeiro atravessa a cidade, sem rostos fixos. Os corpos são indivíduos compostos. São uma experiência coletiva, são campos, batalhas, enfrentamentos. Conjuntos de segmentações. Os corpos escapam ao controle. Tornam-se espaço das constantes atualizações de potências de diferenciação (PIRES, 2007).

O corpo do estrangeiro está em busca de situações lúdicas em um terreno pulsante, produtor de delírios agenciadores. É o ponto de partida para sua coleção de memórias e confissões, fragmentos de um discurso amoroso sobre o Rio, construção de mapas, diário de bordo, travessias, cultura debaixo da pedra no meio do caminho, **paisagem**.

Ele o mantém como lugar do devir, da metamorfose, sem delimitações definidas. Tal devir é concebido por Deleuze (1991) como um “ir além”, isto é, como uma contínua superação de todos os territórios e dos significados estáticos e definitivos.

Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um corpus linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Chamemos latitude de um corpo qualquer ao conjunto de relações de velocidade e lentidão, de movimento e quietude entre as partículas que, deste ponto de vista, o compõem, isto é, entre elementos não formados. Chamemos de longitude ao conjunto de afetos que ocupam em qualquer momento, isto é, os estados intensivos de uma força anônima (força de existir, poder de ser afetos). Estabeleçamos assim a cartografia de um corpo (DELEUZE, 1991, p. 22).

No processo de inscrição de seu corpo, o estrangeiro sabe que há um questionamento pertinente lançado aos habitantes da cidade contemporânea: o que poderia tornar as pessoas mais conscientes uma das outras, mais capacitadas a expressar fisicamente seus afetos? Ele aposta que “as relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas reações mútuas, como se veem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam” (SENNETT, 2008, p.15). As chances que se dão, a produção de presença, a participação a qual estão dispostos a doar.

O sociólogo e historiador norte-americano Richard Sennett (2008) traz alguns pontos de partida para o estrangeiro pensar as relações na cidade hoje em dia. Com a tecnologia da locomoção, Sennett afirma que o espaço tornou-se lugar de passagem, medido pela facilidade com que as pessoas se dirigem ou se afastam por ele. Para motoristas, por exemplo, o espaço é transformado em um simples corredor – funcional para os atravessamentos urbanos, mas pouco atrativo para quem passa por ele.

Assim, desbravar territórios no Rio por meio dos próprios pés é contribuir para a formação de uma relação diferente com a cidade. Benjamin (2013) já dizia que aquele que voa vê apenas como a estrada atravessa a paisagem; para o pensador alemão, a estrada desenrola-se segundo as mesmas leis que regem toda a topografia envolvente. Só quem a percorre a pé sente o seu poder e o modo como ela, a cada curva, faz saltar do terreno plano objetos distantes, mirantes, clareiras, perspectivas. Com os pés no asfalto, é possível percorrer eixos que despertam a atenção.

Claro que é impossível não pensar nos transportes em uma cidade tão grande e diversa quanto o Rio. Pegar o trem, o metrô, fazer uma integração com o ônibus, atravessar Rio-Niterói-Paquetá por barcas: todos são realidades para o estrangeiro. Esses deslocamentos propõem construções de cartografias. Muitas vezes, é através desses deslocamentos que o personagem se expõe e permite o encontro no espaço urbano.

Também auxiliado por tecnologias, o corpo contemporâneo se faz presente e está pronto para ser desafiado. É possível conhecer alguém diferente na cidade todos os dias, ou algum lugar que ainda não foi pisado, nem explorado. Muitas vezes a tendência é a repetição dos eixos já conhecidos, das zonas que parecem familiares. Moradores da Zona Sul frequentam mais a Zona Sul. Moradores da Zona Norte tendem a sair mais pela “ZN” ou pelo Centro. Moradores da Zona Oeste seguem a mesma tendência. Talvez o Centro seja um lugar de resistência, onde todas as diferentes zonas da cidade passem em algum determinado dia da semana. Trabalho, teatro, show, barzinho pé sujo mais barato, médico, material de informática com preço em conta, Saara, o árabe (ou o pastel) depois do trabalho.



No caos, o estrangeiro escolhe dançar no corpo da cidade para se sentir mais vivo. Busca conhecer as diferenças das zonas urbanas. Sabe bem que cair no samba de Olaria e de Vila Isabel não é o mesmo que sambar no Jardim Botânico. Participar de uma passeata em Madureira não é a mesma coisa que uma em Laranjeiras. Aqui, não há julgamento de valor, do que é melhor ou mais autêntico. São apenas constatações de diferenças de culturas, de comportamento, de juventudes, de situações econômicas (e de distâncias) que marcam os hábitos urbanos.

## 2.2. Cidade, código experimental

A cidade do estrangeiro é como a escrita de forma livre, indefinida, entre prosa e poesia. Cidade, esse código experimental, criado na subjetividade. Realidade externa do corpo e, ao mesmo tempo, espaço sentimental. Cidade é pensamento de risco, fala de si para o **outro**, é mecânica da montagem, construção de imagens por meio das palavras. Cidade é uma brecha entre ciência, arte e filosofia. Pode ser libertadora, como um texto das vivências que simula situações e formula destinos, imprevisível e inesperada, repleta de discontinuidades.

### Outro

em mim  
eu vejo o outro  
e outro  
e outro  
enfim dezenas  
trens passando  
vagões cheios de  
gente  
centenas

o outro  
que há em mim  
é você  
você  
e você

assim como  
eu estou em você  
eu estou nele  
em nós  
e só quando  
estamos em nós  
estamos em paz  
mesmo que  
estejamos a sós.



## Ocupação

O ato de escrever ocupa metade da minha prosa e metade da minha vida. Mando um bilhete pra ele: vê se desocupa a outra metade.

A cidade é um momento, um ponto de conexão ou convergência de trajetórias, um ponto de atração onde os circuitos se reúnem momentaneamente e ela se produz precisamente por aí. É assim que Deleuze e Guattari podem afirmar que a cidade se expande num espaço “horizontal”. Trata-se sempre de uma rede de cidades, de um espaço de circulação onde cada uma é um ponto e existe em função desses circuitos (CAIAFA, 2007, p. 117).

Em seu clássico livro *A cidade na história* (1961), o historiador norte-americano Lewis Mumford recontou quatro mil anos de história urbana, traçando a evolução dos muros, casas, ruas e praças – equipamentos sociais indispensáveis. As primeiras aldeias surgiram no período neolítico, cerca de 3500 anos a.C na Mesopotâmia. Nas origens das cidades existe um movimento, um deslocamento. São fluxos que vêm de fora e vão criar um nomadismo propriamente urbano a constituir a cidade como lugar de circulação e dispersão.

O sagrado, a alimentação e a segurança foram fatores primordiais para o início dos aglomerados, sendo representados pelas construções de templos, celeiros, plantações e muralhas. Templos, igrejas e cemitérios – todos ligados à questão da morte – tornaram-se locais de peregrinação. Mumford afirma que, embora os alimentos e a caça não encorajassem a **ocupação** permanente de um sítio único, pelo menos os mortos reclamavam por esse privilégio. Assim, além do local sagrado servir como ponto de encontro, tornou-se ponto fixo de pessoas que necessitavam do básico para subsistir.

O teórico também aponta certas funções que surgem com a cidade e que só poderiam ser realizadas nela, denominando-as “funções urbanas especiais”: mobilização, mistura e ampliação. Dessas funções, resulta uma maior capacidade de cooperação e comunhão emocional. Tanto na Mesopotâmia quanto na Grécia e no Egito, a cidade se constitui como possibilidade de encontro, mobilizando populações vindas de terras diferentes.

Para o historiador, a ocupação das cidades seria um ato de escolha, movido pelo desejo. Era o espaço que se abria a estrangeiros e refugiados, oferecendo algum tipo de inserção, de pertinência – não uma integração, mas

ao menos um lugar nos fluxos urbanos, nessa mobilização que só a cidade realiza.

Nesse contexto e ao longo da evolução das cidades, o urbano é terreno de tensões, de fronteiras, de impactos. É uma espécie de ensaio narrado que se reinventa a favor das experiências e sabe encontrar beleza dentro das feridas. Pois a beleza tem apenas uma origem: a ferida, singular, diferente para cada um, oculta e visível, que o estrangeiro (e a cidade) preserva e para onde se retira quando quer deixar o mundo para uma solidão temporária, como afirma o escritor francês Jean Genet.



### 2.3. Estrangeiro: entre a fuga e a origem

Um tipo de solidão persegue este outro que chega à cidade com a seguinte questão: é possível ser estrangeiro e feliz entre origem e fuga? Apesar de tudo, sabe-se que o estrangeiro tem a felicidade do desenraizamento e do nomadismo, o espaço de um infinito prometido. Contudo, é uma felicidade cabisbaixa, pois continua a se sentir ameaçado pelo território, tragado por lembranças de uma felicidade ou de um desastre –ambas excessivas. Um limite frágil, em trânsito, como o fogo que somente brilha porque consome. Uma ferida secreta arremessa-o nesse vagar constante. É justamente nessa dobra do vagar que o encontro chega

para equilibrar o nomadismo. O estrangeiro crédulo é um curioso incorrigível, ávido por encontros: alimenta-se deles e os atravessa em direção a outros, sempre mais longe. E no cruzamento entre duas alteridades, o “outro” acolhe o estrangeiro sem fixá-lo (KRISTEVA, 1994).

Segundo a filósofa e crítica literária búlgaro-francesa Julia Kristeva (1994), o conceito de estrangeiro nas sociedades é acompanhado de um sentido depreciativo, que consta na própria etimologia das palavras “estranho” e “estrangeiro”. Para ela, o estrangeiro é a face escondida da nossa própria identidade, levando ao confronto com esse outro estranho – que faz com que as fronteiras se esgarcem e que os conceitos sejam revistos, já que “somos todos estrangeiros de nós mesmos”.

Em um estudo sobre as literaturas estrangeiras modernas na contemporaneidade, a pesquisadora mineira Sandra Regina Goulart Almeida relembra a passagem do romance da escritora estadunidense, de origem indiana, Jhumpa Lahiri, *The Namesake* (O homônimo). No trecho, uma das personagens descreve a experiência contemporânea do estrangeiro e do trânsito através do corpo, porém, um corpo outro que se qualifica como feminino e grávido:

Ser um estrangeiro, Ashima está começando a entender, é uma forma de gravidez que dura a vida toda – uma espera perpétua, um fardo constante, um sentimento contínuo de indisposição. É uma responsabilidade constante, um parêntesis no que fora um dia uma vida comum, apenas para descobrir que aquela vida prévia desapareceu, foi substituída por algo mais complicado e incontestável. Como uma gravidez, ser um estrangeiro, Ashima acredita, é algo que evoca a mesma curiosidade dos estranhos, a mesma combinação de pena e respeito (LAHIRI, 2003, p. 49-50).

Em artigo, Sandra atenta para a relação do estrangeiro e do outro com a experiência da gravidez. Ou seja, ao procurar por uma definição de seu estado nos olhos do outro, a personagem expressa a relação intrínseca entre essa nova configuração contemporânea do estrangeiro e a maternidade em termos de gênero e do feminino. O estrangeiro é o mesmo, mas é também o outro, como defende Kristeva.

## Olhar

É tão difícil observar a si mesmo quanto olhar para trás sem se voltar.

SENTIR . PODE ?!



O filósofo Sérgio Cardoso é outro nome que teoriza a relação do estrangeiro no contemporâneo. No ensaio *O olhar viajante (do etnólogo)* (1993), ele pensa sobre esse sujeito que se desloca para um lugar não familiar, e como tal lugar é apreendido por seus sentidos. A experiência é de reorganização da sua própria subjetividade. Seu repertório se alia ao que ele acaba de ver, **olhar** e apreender no novo território para adicionar ao próprio conhecimento (LEBEDEV, 2010).

Compreendemos, portanto, que as viagens sejam sempre experiências de estranhamento. E podemos mesmo observar que está, talvez, neste efeito de distanciamento, no sentimento de *dépaysement* (termo forjado com tanta felicidade pela língua francesa, cuja significação se aproximaria do nosso termo “desterro” se tomássemos num registro exclusivamente psicológico e simbólico), que, de um modo ou de outro, sempre envolve o viajante (que não se mostra inabalavelmente frívolo), o seu núcleo

essencial e sua expressão mais íntima (CARDOSO, 1993, p.359).

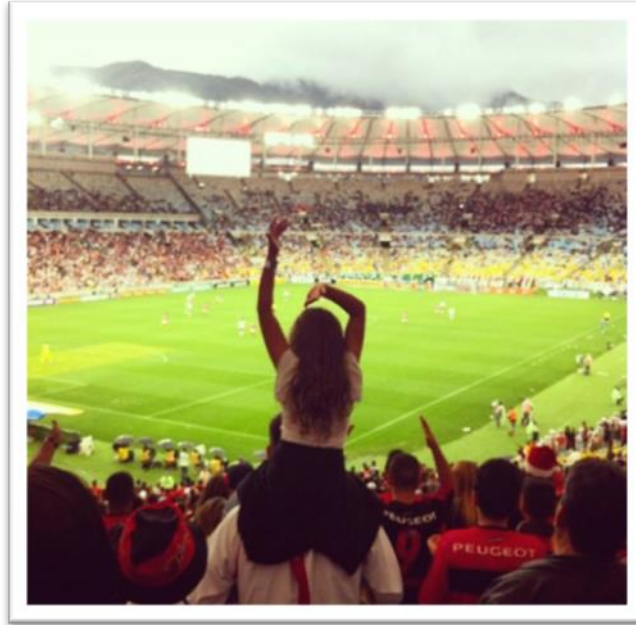


## Ruas

A rua, que eu acreditava fosse capaz de imprimir à minha vida giros surpreendente, a rua, com as suas inquietações e os seus olhares, era o meu verdadeiro elemento: nela eu recebia como em nenhum outro lugar, o vento da eventualidade.

### 2.4. Encontros com o outro na cidade

A partir da entrega, das observações e da inscrição de corpo, surgem os já mencionados encontros na cidade. Do latim “incontrare”, a etimologia da palavra “encontro” está ligada à sua face mais agressiva, que é “estar contra os adversários”. Com o tempo, o significado ganhou tom amistoso, mais lembrado ao descrever o “contato entre pessoas” – e é esse o escolhido para bordar os trânsitos no palco da cidade. Quantos encontros são proporcionados em uma cidade? Quantos encontros são proporcionados nas diferentes cidades dentro da cidade? Matematicamente, talvez seja impossível contabilizar. Mas, ludicamente, é possível apostar que um estrangeiro ao caminhar pelas rotas (**ruas**) afetivas no espaço urbano consegue se sentir mais inscrito no corpo do Rio de Janeiro.



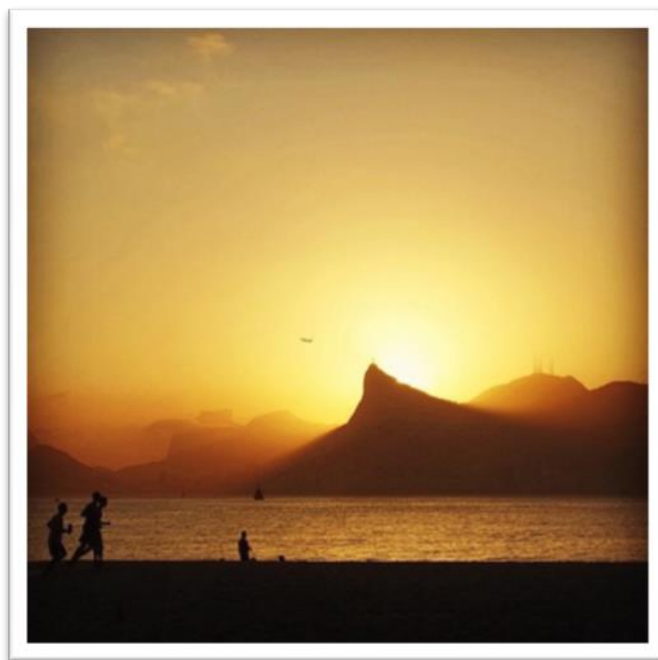
Um encontro também é feito de Física. Na ciência exata, as partículas só ganham vida a partir do choque, quando elas se encontram e colidem. Assim, é possível falar em acontecimentos ou, utilizando a linguagem desta ciência, em eventos. O então jovem alemão Werner Heisenberg imaginou que os elétrons não existem sempre. Existem só quando alguém os observa, ou, melhor, quando interagem com alguma outra coisa. Materializam-se em um lugar, com uma probabilidade calculável, quando se chocam contra algo. Os “saltos quânticos” de uma órbita para outra são seu único modo de se tornarem reais: um elétron seria assim um conjunto de saltos de uma interação a outra. Quando ninguém o perturba, ele não está em nenhum lugar preciso. O curioso é que esses saltos não acontecem de forma previsível, e sim amplamente ao acaso (ROVELLI, 2015).

Já no diálogo entre Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998), o encontro é visto com importância ao falar sobre o trabalho, como por exemplo ao fazer uma pesquisa. Os filósofos citam a tarefa como uma solidão povoada de encontros, em que é no zigue-zague dessa relação que se pode aproveitar as diferenças potenciais.

Quando trabalhamos estamos forçosamente na solidão absoluta. Não podemos fazer escola, nem fazer parte de uma escola. Só há trabalho ilegal [noir], e clandestino. No entanto, é uma solidão extremamente povoada. Não de povos de sonhos, de fantasmas nem de projetos, mas

de encontros. Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades. Todas essas coisas têm nomes próprios, mas o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito. Ele designa um efeito, um zigue-zague, algo que passa ou que se passa entre dois como sob uma diferença de potencial (...) Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre “fora” e “entre” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 6).

Em uma pesquisa que se propõe a criar possíveis cartografias em uma cidade, é essencial a disposição para o encontro: o encontro com o outro, o encontro no outro, o encontro como território que se modifica a cada acesso, tornando-se também uma espécie de fragmento desses contatos com o mundo. Como uma teia que produz pensamentos e experiências sobre este outro que, de alguma forma, também é você (PIRES, 2007).



Estar em contato com o “outro” em uma cidade com códigos desconhecidos faz com que a empatia ganhe coloração. Talvez o pensamento do

crítico e teórico russo Mikhail Bakhtin, presente em *A imaginação dialógica* (1988), ecoe para o estrangeiro:

O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro.

Ver-se e dar-se a ver nos e pelos outros. Ele tenta encontrar pontos em comum e os nós dessas relações como um desafio de integrar as tantas diferenças em uma unidade que não as anule, mas que seja responsável por ativar o potencial criativo dessa generosa conexão (FLEURI, 2003, p. 497).

Circular, deslocar, andar, correr. O olhar registra cada objeto, rua, detalhe do cenário e cria um espaço em uma escrita-vida de imagens e cheiros. Uma fabulação literária como recurso de escrita ficcional, de invenção de cidades. Ir aonde o pé alcança e ainda mais longe do que isso. Deixar a terra e a superfície para voar pelas cartografias criadas na cidade. Fazer um inventário dos lugares por onde mora, chora, dança e naqueles específicos onde o estrangeiro foi mais feliz desde que pisou por ali. Buscar **sensações** que destrancam a vida e provocam bifurcações em ruas, esquinas, praças.

Ele escreve em um labirinto de invenções, fugindo das narrativas etnográficas. Não há um caderno para anotações sendo carregado a todo momento como num diário de campo. É importante para a escrita do estrangeiro estar “por inteiro” nos lugares, gravar com os sentidos, deixando de lado a linguagem escrita imediata. Apreciar com os olhos, ouvidos, paladar e olfato – sem anotação prévia. Em alguns momentos, o papel se faz presente, ganha importância na anotação de pensamentos pelas ruas, ao ouvir diálogos de estranhos ou ao relacionar teorias e práticas da pesquisa. O processo é livre, mas feito com rigor, oferecendo espaço para situações cotidianas darem contorno às cartografias urbanas do Rio.

Nesse sair-de-si, encontra-se a dobra do outro nesta cidade em geometria esquiva, repleta de “colinas, requebros, ondulações, reflexos dum

## Sensações

Eu me lembro de que um dia acordei de manhã e havia uma sensação de possibilidade. Sabe esse sentimento? E eu me lembro de ter pensado: esse é o início da felicidade. É aqui que ela começa. E, é claro, haverá muito mais. Nunca me ocorreu que não era o começo. Era a felicidade. Era o momento. Aquele exato momento.



rio a tons incertos, conforme os dias e conforme as marés, um corpo para soletrar sem pressas” (PIRES, 2007, p. 20; 31). Observar o pensamento e passar por cima dele, entendendo que a primeira vista pode ser para os cegos<sup>2</sup>, e que o pensamento/envolvimento mais importante pode surgir em último plano, na última observação. As sensações e intuições são carregadas no corpo feito instrumento de pesquisa. Delas sai quase tudo, são como mapas com infinitas possibilidades de escalas (TAVARES, 2006).

Para Deleuze (1974), as pessoas sempre recontam o que já ouviram e portanto tocam constantemente a fronteira com a palavra do outro. O mundo possível existe a partir da presença desse outrem. E, nas cidades, a experiência de alteridade é intensificada. Nessa linha de pensamento, Deleuze observa que outrem não é sujeito nem objeto, mas uma estrutura que organiza o campo perceptivo por mostrar outros mundos; e no mesmo golpe permitir experiências. Outrem desterritorializa as identidades ao nos distrair com outros mundos possíveis.

Deleuze (1974) mostra que a presença de outrem organiza uma margem, “um fundo”, “uma profundidade” em torno dos objetos que percebo. O que não vejo é visível para outrem e constitui todo um mundo de potencialidades e virtualidades para mim. Outrem inclui essas margens na minha experiência. Esses objetos que me escapam formam um mundo para mim e eventualmente poderiam ser percebidos por mim devido à presença de outrem. Outrem regula essas transmissões, tornando possível minha experiência e ao mesmo tempo me tirando de mim mesmo. Outrem expressa mundo possíveis, reais, mas não atualizados (CAIAFA, 2007, p. 92).

Uma fascinação das cidades para o estrangeiro é vislumbrar a efervescência da variedade de outros, a diversidade que apresenta outras vidas, mundos desconhecidos. A linguagem o aproxima daquele estranho mundo, como um lugar que o outro pode trazer para mais perto.

2 Expressão citada pelo escritor português José Cardoso Pires, no livro *Lisboa*. Livro de bordo (1997), para descrever as armadilhas da cidade contemporânea turística.

## Alteridade

Ser diferente não equivale a ser outro - ou seja, não equivale a possuir essa curiosa qualidade de alteridade, comum a tudo o que existe e que, para a filosofia medieval, é uma das quatro características básicas e universais que transcendem todas as qualidades particulares. A alteridade é, sem dúvida, um aspecto importante da pluralidade; é a razão pela qual todas as nossas definições são distinções e o motivo pelo qual não podemos dizer o que uma coisa é sem a distinguir de outra.

A aventura própria das cidades só vingará se é possível produzir o coletivo. A experiência da **alteridade**, que cria o espaço aberto, que renova os processos subjetivos, não sobrevive nos meios privatizados, controlados, orientados para o comércio, onde só o reconhecimento é possível. O capitalismo pode suportar ou mesmo exigir alguma heterogeneidade, mas encaixada, desativada, posta a serviço de seus axiomas. Garantir o coletivo, lugar onde o imprevisível pode trazer a diferença, é condição fundamental para essa aventura (CAIAFA, 2007, p.128).

No processo, tentar ir além das primeiras impressões é uma das intenções do estrangeiro na condição de construtor de alteridades. É para que o outro deixe de ser somente objeto de projeção de imagens já existentes e passe a ser uma presença viva, com a qual pode construir, a partir dos encontros, territórios de existência.

A percepção da alteridade como forma de estudo já ganhou nuances científicas ainda pouco conhecidas. Suely Rolnik (2011) destaca pesquisas que mostram a dupla capacidade dos órgãos de sentido: a cortical e a subcortical. A primeira está ligada à percepção que permite a apreensão do mundo em suas formas para, em seguida, projetar sobre elas as representações dispostas no sujeito, atribuindo-lhes sentido. Essa capacidade estaria associada ao tempo, à história do sujeito e à linguagem.

A segunda, mais desconhecida, permite apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes no corpo sob a forma de sensações. O exercício dessa capacidade está desvinculado da história do sujeito e da linguagem. Com ela, o outro é uma presença que se integra à textura sensível, tornando-se, assim, parte desse estrangeiro. Dissolvem-se aqui as figuras de sujeito e objeto, e com elas aquilo que separa o corpo do mundo.

Assim, entre a vibratibilidade do corpo e sua capacidade de percepção há uma relação paradoxal. É a tensão desse paradoxo que mobiliza e impulsiona a potência de criação, à medida que coloca os corpos da cidade em crise e impõe a necessidade de criação por meio das representações que estão dispostas. Movidos por esse paradoxo, o ser humano é continuamente forçado a pensar/agir de modo a transformar a paisagem subjetiva e objetiva.

É a dinâmica entre esses dois olhares que nos é dado entrever o traçado de cartografias nos movimentos de criação da realidade de um determinado contexto histórico. Esta constitui a dimensão propriamente micropolítica do texto, sua natureza cartográfica (ROLNIK, 2011, p. 13).

Olhar vibrátil, cheio de potência, de paixão. Olhar que devora e constrói territórios para se expressar. Pode-se dizer que a pesquisa tenha sido autobiográfica, desde que se entenda por “auto” não a individualidade de uma existência, a do autor, mas a singularidade do modo como atravessam seu corpo as forças de um determinado contexto histórico.

Embalado por essa influência da produção de subjetividades construídas no encontro com o outro, há dois conceitos criados por Deleuze (1998) que são temas de afinidade em relação às cartografias e às próprias inscrições do corpo na cidade do estrangeiro. São eles: agenciamento e simpatia. Os conceitos criam desvios e, vez ou outra, se encontram.

Em uma cidade, há uma multiplicidade de componentes e de conexões que ligam elementos diversos. Nessa composição de corpos, ocorre uma afecção nos agenciamentos que deixa de lado o conceito tradicional de simpatia pensado como “sentimento de estima”. Pode ser uma ligação de amor ou de ódio – o que vale é o modo de conexão, o cofuncionamento. A simpatia é o afeto que permite ao estrangeiro entrar em ligação com os heterogêneos que o cercam, agir e escrever com eles.

Acreditem em minha simpatia. A simpatia não é um sentimento vago de estima ou de participação espiritual, ao contrário, é o esforço ou a penetração dos corpos, ódio ou amor, pois também o ódio é uma mistura, ele é um corpo, ele só é bom quando se mistura com o que odeia. A simpatia são corpos que se amam ou se odeiam, e a cada vez populações em jogo, nesses corpos ou sobre esses corpos. Os corpos podem ser físicos, biológicos, psíquicos, sociais, verbais, são sempre corpos ou corpus. O autor, como sujeito de enunciação, é, antes de tudo, um espírito: ora ele se identifica com seus personagens, ou faz que nós nos identifiquemos com eles, ou com a ideia da qual são portadores; ora, ao contrário, introduz uma distância que lhe permite e nos permite observar, criticar, prolongar. Mas não é bom. O autor cria um mundo, mas não há mundo que nos espera para ser criado. Nem identificação nem distância, nem proximidade nem

afastamento, pois, em todos estes casos, se é levado a falar por, ou no lugar de... Ao contrário, é preciso falar com, escrever com (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 65).

Deleuze (1998) observa que não há julgamento na simpatia. Não está em questão se distanciar para compreender o outro, tampouco de tomar-se por esse outro, mas de ter algo a ver com ele, algo que o agencie a ele – mesmo que seja um nó enxergado como repulsa. Não seria preciso se fundir aos outros ou se distanciar para julgar ou descrever, mas compartilhar a paixão com eles. O funcionamento desse guardião de agenciamentos deixa de lado a ideia de autoridade e faz voos livres. Na literatura, é possível dizer que o autor se coloca ao lado de seus personagens. Caiafa (2007) explica que é a partir do texto de D.H. Lawrence sobre Walt Whitman que Deleuze se inspira para a questão da simpatia ligada ao agenciamento.

A fascinação pelos estranhos que passam, pelos desconhecidos que formam uma nação, ou que encontramos nas cidades é tema conhecido na literatura de Whitman – simpatia como: sentir com – sentimento que levaria ao encontro de desconhecidos, é compaixão, partilhar a paixão (CAIAFA, 2007, p.153).

As conexões acontecem ao acaso quando se habita a cidade. Às vezes, ao ouvir uma conversa em um meio de transporte, ele sente-se parte, ri dos dramas e dos humores do outro. Em algum nível, percebe que tal circunstância também já aconteceu com ele ou é possível se dar conta de como cada um age diferentemente diante de determinadas situações. Isso para falar dos “quase contatos” com os “estranhos” nas ruas.

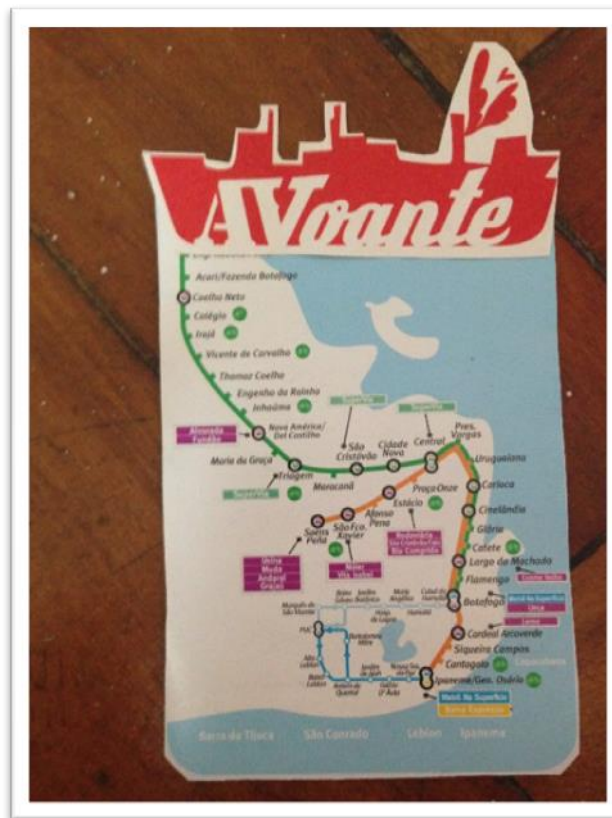
Às vezes, também é possível se sentir íntimo e solidário ao presenciar um abraço forte, um choro na escadaria do metrô, uma risada alta que tem a capacidade de ocupar um vagão inteiro de trem. De alguma forma, há um enfraquecimento de fronteiras entre as vozes e a construção do deslocamento do eu para o devir-outro narrador, como formulou Deleuze e Guattari (1977).

## 2.5. Construção dos próprios mapas

O Rio, como qualquer cidade grande contemporânea, abarca uma pluralidade de vozes e de presenças agenciadas, pronta para conexões. O Rio,

como já dito neste texto, são tantos, são espaços indecifráveis, repletos de rasuras, riscos, rabiscos, ilustrações coloridas, em preto e branco e outras em tons de cinza. O estrangeiro caminha para criar os próprios mapas, só que móveis e flutuantes. Isso porque a história da cartografia é mais estática do que móvel. Na visão da geografia, há diferenças na representação dos mapas.

Na ciência que estuda o conjunto de fenômenos naturais e humanos ligados à superfície da Terra, a representação dos mapas é estática. Já a cartografia se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem, criando mundos para expressar afetos contemporâneos em relação aos quais os universos tornaram-se obsoletos (ROLNIK, 2011).



A palavra cartografia foi escrita pela primeira vez em 1839, em uma carta enviada de Paris pelo historiador português Manuel Francisco Carvalhosa, endereçada ao historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen. No entanto, antes mesmo de ganhar nome em postal físico, o ato de criar mapas já era uma realidade desde o início das civilizações.

Há mais de 4500 anos os primeiros mapas<sup>3</sup> eram desenhados. Antes mesmo de saber escrever, já havia tentativas de representação do espaço vivido em diferentes traçados e materiais. Cerâmica, papel, bronze, cascas de coco, pedra e pele de animais são algumas dessas materialidades. Hoje, o mapa mais antigo encontrado é de origem babilônica, traçando o território pertencente ao Iraque. Historiadores apontam o primeiro mapa como um pedaço de cerâmica de apenas sete centímetros, representando o vale de um rio – provável que o Eufrates. O achado, datado entre os séculos 25 e 23 a.C, pertencia às ruínas da cidade de Ga-Sur.



Os registros desses pensamentos geográficos tinham funções de conhecer áreas dominadas, demarcar territórios, representar visões de mundo, entender o espaço ocupado. Na época das grandes navegações e dos descobrimentos marítimos (entre os séculos XV e XVI), por exemplo, os cartógrafos estavam presentes em cada expedição realizada. Sua função não era ajudar na localização, mas registrar e tornar pública a descoberta de novos territórios. Mais do que uma ferramenta de orientação e localização, os mapas ajudaram na expansão das civilizações.

### Subjetividades

Não se trata mais de conceber o “eu penso” como ponto central a partir do qual se organizam nossos sentidos de mundo, mas de apreendê-lo como ponto variável segundo o campo de nossas relações com os outros e o mundo, ou, como veremos à frente, enquanto dobras de múltiplas relações que, por não serem elas mesmas unívocas, tampouco o eu o será, sendo mais conveniente se falar em convergência de relações ou de predominância de umas sobre as outras, portanto, de relações de forças com determinadas direções de sentidos.

<sup>3</sup> As informações sobre a história dos mapas foram retiradas do site da *Revista Nova Escola*, no endereço: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/historia-mapas-sua-funcao-social-636185.shtml>.

Hoje, as cartografias criadas no estudo das cidades são pontos-chaves de expansão de sensações e dão passagem às experiências e construções no espaço urbano contemporâneo repleto de **subjetividades**. Diferentes matérias são reinventadas para essas criações: por que não usar também colagens, fotografias, cerâmicas, madeiras, papéis, poesias e sons para construir as próprias linhas que escapam?

O estrangeiro é na pesquisa uma espécie de antropófago atento às linguagens que encontra e que devora o que lhe parece possível – sons, conversas, tratados filosóficos, pichos, artes visuais são bem-vindos. Qualquer forma de comunicação é motivo para estilhaçar *egogeografias*. Um convite para estar no mundo.

Antropofagia aqui deve ser vista como uma forma de subjetivação, distinta de uma política identitária. Sua caracterização remete à ausência de identificação estável com qualquer repertório, à abertura para incorporar universos e à **liberdade** e flexibilidade de experimentação. Esse mergulho nas intensidades de seu tempo e nas descontinuidades de espaço é importante para devorar tudo o que lhe parecer possível.

A cartografia atribuída como método cria seus próprios movimentos, seus próprios desvios. É um projeto que pede passagem, que fala, que incorpora sentimentos, que emociona. Os já citados filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari atualizaram projetos filosóficos, como os métodos de Bergson e de Foucault, para chegar à ideia da apropriação conceitual da cartografia.

A partir de Bergson, Deleuze traz noções de multiplicidade e temporalidade, como as construídas no conceito de *duração* (mudanças ininterruptas onde se encontram as diferenças de natureza). Já Foucault, além de afinidade pelas metáforas geográficas, parece se inspirar no conceito de *dispositivo*, que define um conjunto de elementos moventes e heterogêneos. “Duração e dispositivo, a meu ver, são a base de um dos princípios fundadores da cartografia, o rizoma: uma imagem do pensamento múltiplo”, aponta a pesquisadora Lisiane Machado Aguiar (2011).

## Liberdade

A liberdade circunstancial que experimento desde ontem é muito menos importante que a liberdade que descubro escrevendo estas páginas. Não estou preso, é claro; mais importante: não sou preso. Tiro o meu corpo da prisão dos homens e retiro minha vida da cadeia divino-humana dos poderosos. Terei forças para continuar enfrentando os homens humanos que constroem celas e os homens divinos que tecem destinos?



Para além da distinção quantitativa-qualitativa, restam em aberto impasses relativos à adequação entre a natureza do problema investigado e as exigências do método. Não há elaboração de regras ou protocolos, mas, sim, a implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas. Não há também um sentido único para sua experimentação nem uma mesma entrada. Com isso, não se abre mão do rigor, porém este é ressignificado. De alguma forma, há uma deriva metodológica, que é construída a partir de uma paisagem que muda a todo instante, não é estática, construída a partir dos trajetos que o sujeito cria em sua pesquisa, como o sociólogo francês Edgar Morin<sup>4</sup> (1993) afirma: “Caminhar sem um caminho, fazer o caminho enquanto se caminha. A deriva não apenas pensada no seu sentido original – desgoverno da embarcação pelo vento –, mas pelo preceito de ‘andar sem rumo’” (AGUIAR, 2011).

## 2.6. Pistas não objetivas

De alguma forma, as funções continuam guardando pontos de rangência com a formação de mapas que o método cartográfico deseja suscitar. A cartografia continua não sendo uma ciência neutra que representa exatamente a realidade. O mapa é uma representação adaptada e, por trás de todo mapa, há um interesse, um

---

<sup>4</sup> A teoria da deriva é de autoria de Guy Debord (1956) e originou-se da ideia de um “urbanismo psicogeográfico”, ou seja, através do procedimento situacionista. Ele persistia em reconhecer a cidade andando apressadamente pelas mais diversas ambiências, enquanto o sujeito deixava-se levar sem rumo. Isso resultava em mapas individuais para cada lugar visitado.



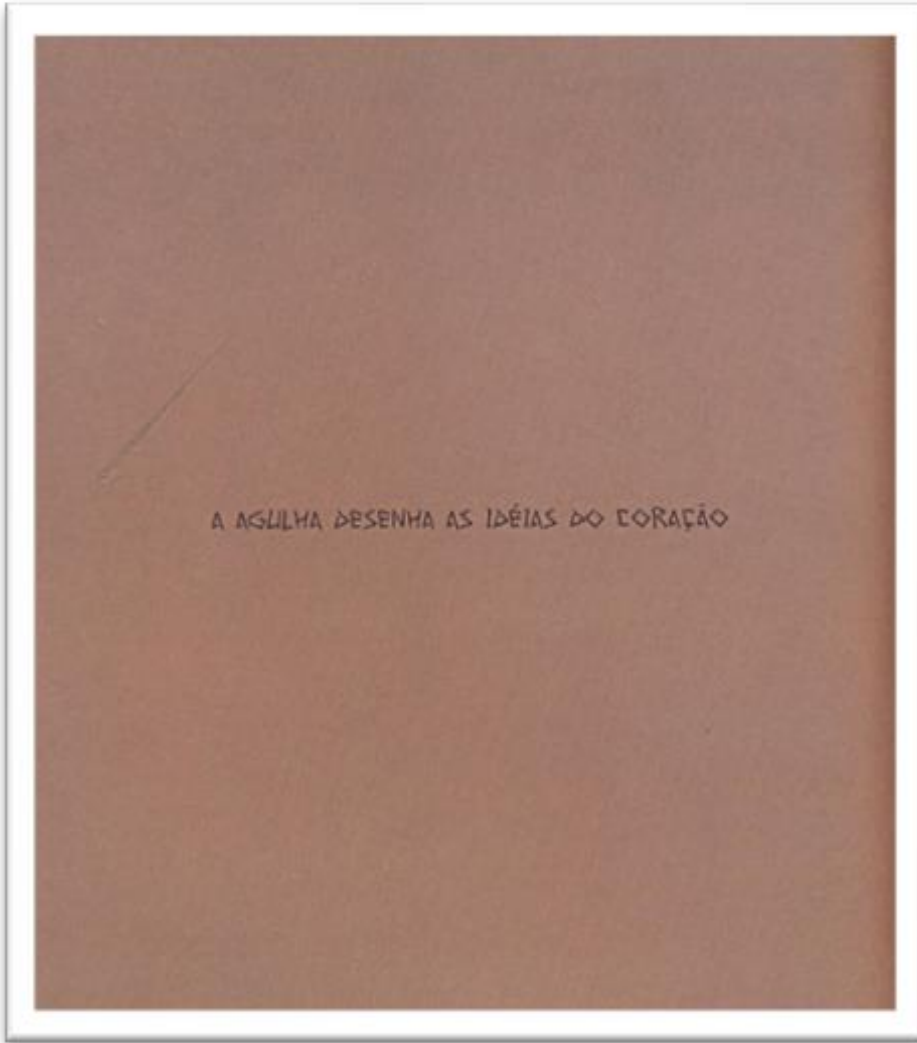
objetivo e um conceito. Em vez de regras, há a proposição de pistas, que funcionam como referência ao caminhar durante o próprio percurso da pesquisa.

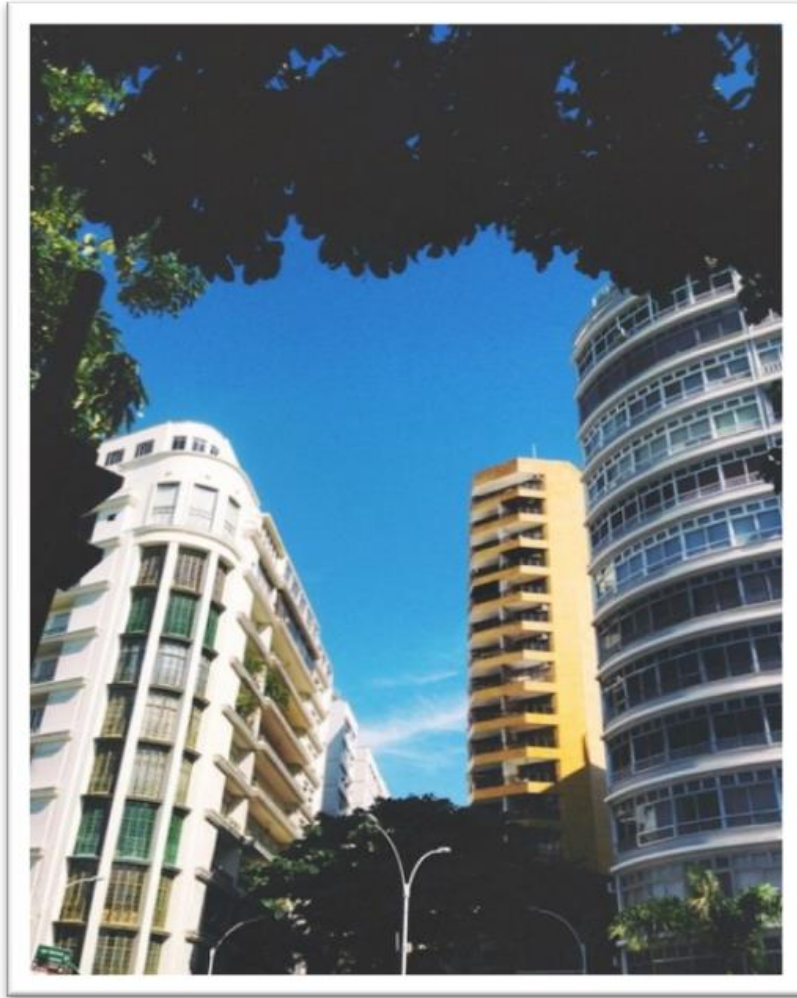
É proposta uma reversão metodológica: transformar o metá-hódos em hódos-metá. No método tradicional (metá-hódos) há uma meta estipulada por caminhos. Com esse novo direcionamento, a pesquisa é definida como um caminho (hódos) predeterminado pelas metas dadas de partida. O estrangeiro não abre mão da orientação para o percurso da pesquisa. É através do caminhar que traça, no percurso, suas metas – por isso a reversão para hódos-metá. Aqui se instala a inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir: toda pesquisa torna-se intervenção (KASTRUP, 2009).

O estrangeiro desmancha mundos e forma outros a partir de um mergulho nas intensidades de seu tempo. Nesse processo, o corpo atrai e repulsa gestos, trejeitos, expressões. Ele inventa pontes para fazer de sua travessia a linguagem em qualquer frequência, como um tapete voador que não segue protocolos preestabelecidos.

A ideia é aliar teoria e prática, sem neutralidade, em um percurso de investigação. Ele acredita que um conhecimento se produz em um campo de implicações cruzadas (valores, expectativas, compromissos, desejos, crenças). Não é apenas o olhar do pesquisador que orienta a construção de sentidos, mas o olhar cruzado do mundo, das pessoas, dos objetos e dos espectadores.

Há, inclusive, algumas críticas ao método por conta disso. Alega-se que não há transparência no olhar do pesquisador e que é problemática a não separação entre sujeito e objeto na articulação do conhecimento com o desejo. A preferência pelo construtivismo, referente à montagem das cartografias, em relação ao demonstrativo, característico das pesquisas científicas, é outro ponto que causa divergências (KASTRUP, 2009).





Assim, a pesquisa do estrangeiro não garante objetividade, e nenhum fim preciso que não seja o caminho de produção de pensamento da própria pesquisa. O estrangeiro prefere caminhar em parceria com o pensamento do escritor português Gonçalo M. Tavares, detalhado em *Breves notas sobre ciência* (2006):

Quem defende a objetividade em ciência anula-se como sujeito e orgulha-se disso – considera tal indispensável para o método. Porém, há pessoas que não acreditam em ciência feita por objetos (TAVARES, p. 2006, 44).

Não acredita nesse saber funcional, utilitário, visto que este tipo de crença gera uma ilusão de imparcialidade. É como se já não estivesse refletindo e avaliando a partir de certo campo de forças de onde eclode seu desejo, confundindo-se com ele (PUCHEU, 2007).

O desejo de explorar outras formas no texto, de encontrar o “prazer no texto” foge da objetividade. O filósofo e crítico literário francês Roland Barthes, por exemplo, foi um desses nomes que diferentemente de pensadores contemporâneos, como Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze ou Jacques Lacan, optou por não fundar uma única escola ou um sistema de conceitos. Barthes ganhou o apelido provocador de “vulgarizador sem consistência” pelos críticos por ter interesse em vários temas (moda, signos, alimentação, publicidade, fotografia, carros, arte etc.) com atenção especial para a linguagem. Costumava dizer que não há crise na língua, mas crise no amor pela língua. Por isso, pelo amor à linguagem, Barthes era um lutador apaixonado.

Éric Marty, editor das obras completas do francês, acredita que ele foi o responsável por quebrar paradigmas intelectuais ao dissolver a separação entre literatura, filosofia e outras áreas das ciências humanas. “Ele teve uma relação um pouco diferente na forma de ser um intelectual. Interessava-se pelos objetos do cotidiano, do presente, que não eram considerados pelo pensamento – na época, por exemplo, um intelectual de esquerda não falava de automóvel”, diz Marty, em entrevista à *Folha de S.Paulo*<sup>5</sup>, em 22 de novembro de 2015.

Em uma de suas aulas, em 1977, Barthes compartilhou em sala: “A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa”. Em parceria com o pensamento de Barthes, o estrangeiro tenta escrever com a cidade, inventar espaços e ocupações de corpos movidos por desejo. Desejo de criação de escrita, de movimento, de ritmos. É a busca pelo encontro de prazeres: do texto, de morar no Rio, de se sentir pertencente ao corpo urbano.

Além de Barthes, Benjamin é outro nome que guarda relação com a pesquisa e sua escrita. Em seus apontamentos publicados no livro *Rua de mão única* (2013), o ensaísta também rompe fronteiras estipuladas entre arte, filosofia e ciência. O *mix* de impressões e as observações do cotidiano urbano estão ao longo das páginas em aforismos, tantas vezes poéticos e entusiasmados, outras

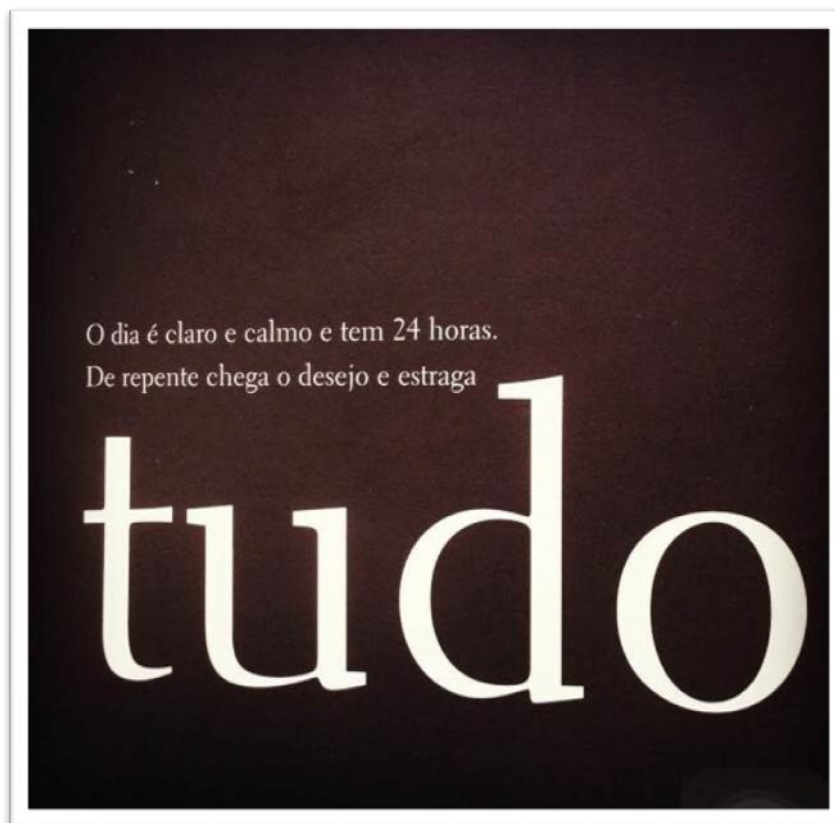
---

<sup>5</sup> O centenário de Roland Barthes, comemorado no dia 12 de novembro de 2015, foi tema de uma reportagem especial na seção “Ilustríssima”, do jornal *Folha de S.Paulo*. Com o título “O amor à linguagem de Roland Barthes, 100” e escrito pelo jornalista Fernando Eichenberg, o texto com a entrevista do editor Éric Marty (entre outras curiosidades) pode ser lido no endereço online: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/11/1707999-o-amor-a-linguagem-de-roland-barthes-100.shtml>.

tantas melancólicos e pragmáticos. Os textos são como uma rua que permite descobrir perspectivas de uma profundidade imprevista, sobretudo na sua forte relação com Paris e Berlim.

## Aventura

No que vagueia os olhos, contudo, surpreende-se-lhe o imanecer da bem-aventura, transordinária benignidade, o bom fantástico. (Imanecer não está dicionarizado)



Por aqui, o estrangeiro dá as mãos à subjetividade através das “frestas das formas, onde o intempestivo se apresenta, impulsionando a criação”. Afinal, a cidade é o “lugar onde você encontra o outro” (BARTHES, 1967, p. 4), o espaço privilegiado para a produção dessas subjetividades. Ela é a arena em que os moradores estão em constante processo de negociação.

A experiência é expandida em uma produção de espaços feito de “dentros” e “foras”. **Aventura** que nunca está pronta, em processo constante, seguida através do desejo e seus delírios numa reeducação da sensibilidade, numa margem que mostra outros mundos.

Seguindo Guattari, concebemos subjetividade como produção. A subjetividade, embora vivida individualmente, é produzida no registro social a partir de componentes heterogêneos. Entre eles não figura

apenas a história pessoal do indivíduo, mas os processos sociais e materiais que dizem respeito à sua relação com os outros, com a mídia, a cidade, o corpo, a linguagem etc. (1992). São componentes heterogêneos, internos e externos, em constante processualidade – a subjetividade não é nunca um produto, mas produção. Assim, podemos dizer que os processos sociais e materiais nas cidades podem nos afetar diretamente, produzir desejo, compor sintagmática subjetiva (CAIAFA, 2007, p. 120).



### 3. Segundo movimento: sobre os próprios pés

Indo em diferentes direções,  
a gente consegue, em vez de separação,  
um sentido de espaço.  
[John Cage]

#### 3.1. Perder-se também é caminho

Caminha-se sem rumo, sem direção e sem ideia fixa. O estrangeiro dá um passo atrás do outro. No início, um pouco acelerado, para acompanhar a curiosidade em relação à nova cidade em que aterrissa – e também para cartografar os novos espaços pisados. Dizem que é preciso estar atento ao passo no momento da **caminhada**, que é importante manter ritmo. Mas, sinceramente, o estrangeiro não está preocupado em marcar tempo, em preencher tabela de hora, nem em ser simétrico ao mover o corpo.



Não há muito a perder, e é de bom tom abrir mão das certezas ao iniciar a caminhada. Como diz o filósofo indiano Swami Ramdas em suas cadernetas de peregrinação, é no exato instante em que se abre mão de tudo que tudo nos é

#### Caminhada

Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousou mais falar em caminho. Eu que tinha querido. O Caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é o outro, são os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.

oferecido. No instante em que não se pede mais nada, tudo é entregue com abundância. E, aqui, “tudo” significa a própria intensidade da presença.

Assim que chega ao Rio de Janeiro, o seu desejo é se envolver com o movimento urbano. Cada dia é desdobrado em uma passada diferente. Nenhum passo é igual. Um dia frio pede passos como a típica calma dos desenhos feitos por pingos finos de chuva nas janelas dos ônibus, logo de manhãzinha. No calor de 40°C do verão carioca, a caminhada é cheia de sede, quer logo um mate limão gelado seguido de uma boa cerveja, é inquieta e pode até sufocar.

As situações na cidade grande também mudam o jeito de caminhar. Quando o estrangeiro está atrasado para o trabalho, por exemplo, ninguém segura a dança das passadas largas e logo a corrida toma conta do corpo. Tudo balança. A mochila faz aquele barulho insuportável das moedas pulando no fundo do tecido vermelho junto com a caixinha de plástico, também conhecida como marmita, que carrega o almoço do dia. Caminhar de manhã é compreender a força dos começos naturais, pois o estrangeiro, inspirado no poeta e filósofo norte-americano Henry David Thoreau, acredita que se mede a saúde pelo amor às manhãs.

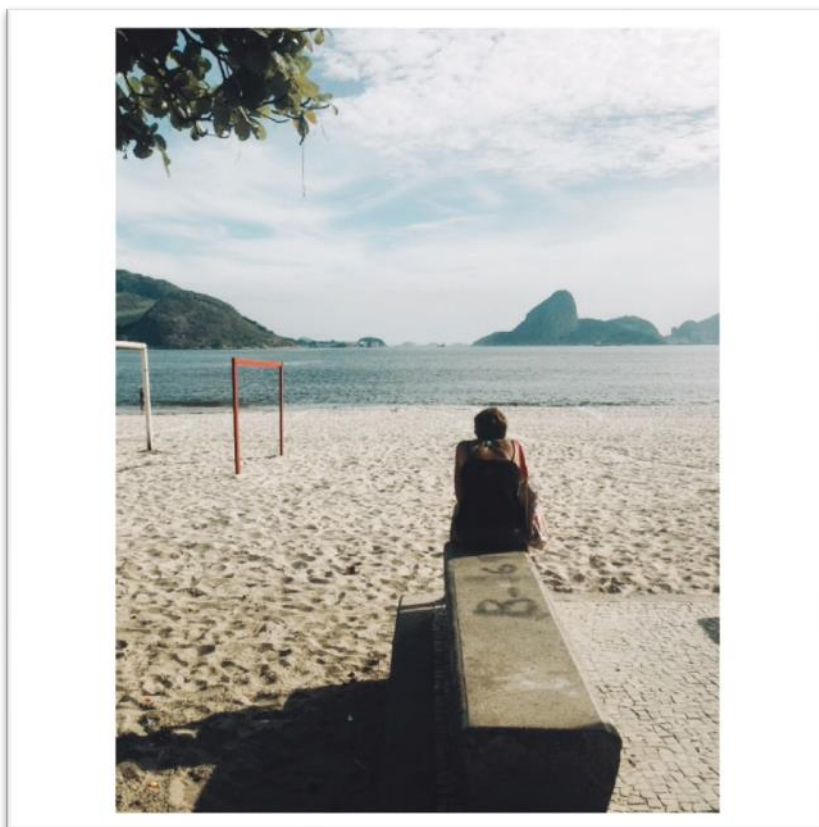


Já um sábado de sol, céu azul, com destino certo de praia, pede o andar descontraído e extrovertido. O estrangeiro quer mais é ouvir Marina Lima no volume máximo e não prestar atenção em nenhuma conversa mal-humorada



dentro do metrô. A caminhada sonha, tropeça, não enxerga direito. Só pensa no mergulho gelado de mar, no jacaré se possível, para alegrar o dia e lembrar quanto era bom surfar de *bodyboard* na infância. Pulos tímidos e remelexo das mãos acabam por marcar também a ida à praia. Sentar na areia e lembrar que o dia (de alguma perspectiva) pode sempre estar tranquilo e favorável.

Se for uma caminhada depois daquela conversa dolorosa, esqueça coesão e sorriso fácil. Caminhar dói e, ao mesmo tempo, alivia – pois fica-se cada vez mais longe de quem lhe magoou a cada passo dado. Qualquer música vira choro, lágrimas pulam dos olhos, qualquer endereço, pastel de feijoada, bar do Mineiro, praça Santos Dumont, qualquer coisa vira sinônimo de lembrança. A caminhada se transforma em saída para o tempo passar mais rápido, para ir embora e brincar de nunca mais voltar, para deixar as respostas em suspensão.



Caminhar é como gente, pode ser (e é) “muitas coisas”. Como diria o escritor mineiro João Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas* (2001), a cabeça da gente é uma só, mas as coisas que há e que estão para haver são muitas, diferentes, e a gente precisa aumentar a cabeça para aguentar esse total. Ainda mais um “total” para quem veio de fora e é estrangeiro no Rio, com outra forma de enxergar, de caminhar pelo espaço que transita/habita.

Em uma analogia com o sentido metafórico proposto por Rosa, de “aumentar a cabeça para aguentar” viver tantas diferenças, talvez seja também importante aumentar o número de caminhadas para sobreviver e reinventar modos de existência na cidade. Até construir um Rio para chamar de seu, o estrangeiro caminha bastante. Ele entende que é no movimento, no “mexer dos músculos” que se encontram os tais xis das questões.

Já em 1908 (e sem dúvida desde o início da civilização, por meio dos exercícios bem executados pelos gregos e romanos e pelas caminhadas que marcam a humanidade), o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, na publicação *Ecce Homo: Como se chega a ser o que se é*, alertava sobre a importância de pensar e estar em movimento:

Estar o menos possível sentado; não ter fé em qualquer pensamento que não tenha surgido ao ar livre e em plena liberdade de movimento – em que também os músculos não celebrem uma festa. Todos os preconceitos provêm dos intestinos. – A sedentariiedade – já uma vez o disse – é o verdadeiro pecado contra o espírito santo (NIETZSCHE, 2008, p. 28).

A beleza da frase e do pensamento que vem por trás de não acreditar em nada quando os músculos também não tenham participado. Até porque o que seria da experiência urbana sem os deslocamentos, sem a colaboração da musculatura para esses movimentos? Pouca coisa. Nietzsche viveu através de rompimentos. O filósofo alemão escrevia que essas rupturas, a princípio, são difíceis porque nos fazem sofrer – é difícil se soltar de certas amarras. Mas, no lugar das quebras, bem depressa, logo surge uma asa.

A vida de Nietzsche, de alguma forma, segue seus escritos. Ele viveu de rompimentos, de desligamentos e de isolamentos. Nada de prestar contas, nenhuma solução de meio-termo que só atrapalha uma visão desimpedida. Ao se mudar para o meio de montanhas próximas a florestas na Europa, ele se torna um caminhante notável, resistente, transformando as passadas de até oito horas por dia em um elemento crucial para sua escrita (GROS, 2010).

Andar ao ar livre, em meio à natureza bucólica silenciosa europeia, acompanhava seu trabalho de forma permanente – principalmente entre 1879 e 1889. A partir dos pensamentos compostos ao movimentar os músculos, estava pronto para passar as ideias ao papel. Longas caminhadas, longas solidões. Contra

qualquer possível dor, essas duas soluções se tornavam remédios eficazes para o alemão. Ele costumava dizer: “Caminho muito, através das florestas, e tenho comigo mesmo conversas ótimas”. Caminha como se trabalha, trabalha-se caminhando. Ele descobre as montanhas de que mais gosta – Alta Engadine e Sils-Maria –, cria laço de sangue, foge do calor, sente-se ligado à natureza (GROS, 2010).

O livro *O viajante e sua sombra*, de 1880, segue esse protocolo dos passos. Foi todo pensado durante seus trajetos, logo depois rabiscado a lápis em seis caderninhos. Para ele, a caminhada era condição básica de sua obra. Mais do que relaxamento, é o próprio elemento do pensamento – diferentemente do filósofo prussiano Immanuel Kant, que gostava de andar para se distrair, por higiene mental, para possibilitar que o corpo se recuperasse depois de permanecer sentado (GROS, 2010).

As caminhadas do estrangeiro na cidade do Rio talvez fiquem no entremeio de Nietzsche e Kant. “Nem tanto ao mar e nem tanto à terra” é um dito que se torna condição básica para escrever cartografias e ocupar o espaço urbano. Caminhar também é motivo para desanuviar, buscar higiene mental e a simples distração frente ao caos das desigualdades que estampam o Rio cotidiano.

Há um ponto caro para a pesquisa deste estrangeiro, produtor de símbolos e de ficções: caminhar para ir além das bibliotecas, do cheiro mofado de livros fechados, do silêncio ensurdecido das salas de leituras. E, nisso, Nietzsche e os pensadores franceses Frédéric Gros e Michel Onfray, entre tantos outros estudiosos, estão de acordo e são referências por aqui: vivência é um elemento fundamental para se pesquisar.

Em *Gaia ciência* (2012), Nietzsche adianta a ideia perseguida ao longo deste estudo: “Para fazer avaliação de um livro, um homem ou uma música, nosso primeiro reflexo é perguntarmo-nos: sabe ele caminhar?”, e afirma:

Não somos daqueles que só pensam em meio aos livros e cuja ideia aguarda os estímulos das páginas para nascer, nosso ethos é pensar ao ar livre, andando, pulando, subindo, dançando, de preferência nas montanhas solitárias ou à beira do mar, onde até mesmo os caminhos ficam meditativos.

**Mar**

Um livro deve ser o machado que quebra o mar gelado em nós.



Por aqui, não há tantas montanhas solitárias – apesar das diversas trilhas e parques florestais também marcarem a paisagem carioca. As montanhas, os morros da cidade estão tomados por gente, festa, sangue, trabalho e suor. Mas o estrangeiro está bem servido de mares. Os populares da Zona Sul: Leme, Copacabana, Ipanema, Leblon, Praia Vermelha, Aterro do Flamengo. Os recantos de água límpida e transparente da Zona Oeste: Recreio, Prainha, Grumari, Macumba, Perigoso, Abricó etc. Pensar à beira-mar é ato que pode chegar a salvar o dia deste estrangeiro. Um mergulho, o sol no corpo e a textura da areia são combinações mágicas para este caminhante. Estar no mar é sinônimo de entrega, momento do desapego, das desconstruções, dos desvios imaginários.

O pensamento que segue o caminhar, à beira-mar ou no burburinho da cidade, é feito de elasticidade do corpo, talvez sem o peso da cultura e da tradição. Aposta-se que quanto mais leve um pensamento, mais ele se eleva, se aprofunda, pois se compõe na vertical da opinião, dos saberes instituídos. Nesse sentido está o prazer de se pensar além das bibliotecas. Enquanto não se tirar o nariz das datas, dos fatos, tudo se encolhe para dentro de sua particularidade enrijecida, quando o mais proveitoso pode ser construir ficções e mitos (GROS, 2010).

Muitos livros têm o cheiro do fechado das bibliotecas. Alguns têm odores sombrios dos gabinetes de leitura ou de escritórios. Cômodos sem luz, pouco arejados, o ar não tem uma boa circulação. Outros textos respiram o ar revigorante dos espaços abertos, não estão sobrecarregados nem saturados de erudição vã. Refletem luminosidade e sobretudo cores.

Para o filósofo francês Frédéric Gros (2010), as bibliotecas são sombrias, remetem ao amontoado, ao empilhamento, e a altura das prateleiras contribui para impedir a entrada de claridade. Ele classifica as bibliotecas com a cor cinza e repleta de livros pesados de citações, referências, notas de rodapé, prudência explicativa, refutações imprecisas. E, com livros demais, sente-se o corpo curvado, encolhido, dobrado. Já o corpo que caminha fica estirado, aberto como a flor ao sol, com o torso exposto, as pernas tensionadas, os braços alongados.

O pensador francês Michel Onfray (2009) segue a mesma linha de pensamento e atenta para o limiar entre as leituras feitas a partir das fontes de pesquisa e o que, de fato, é possível aproveitar dessas fontes de uma forma energética, sem se tornar passivo ou repetidor de conhecimentos já expostos.

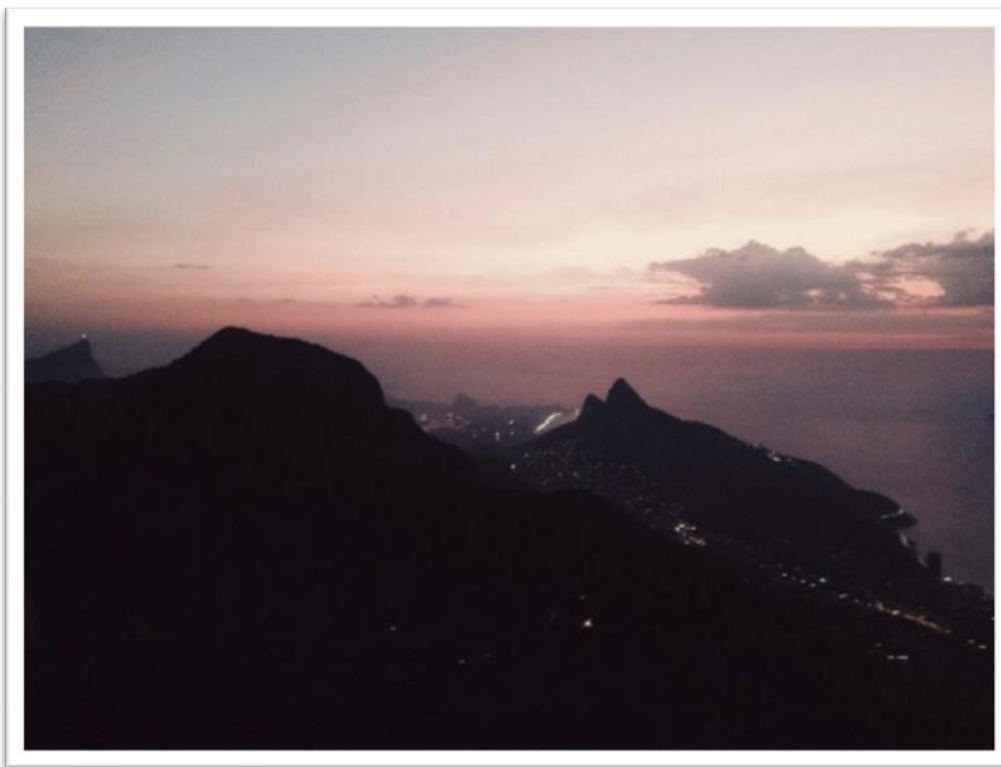
Alguns interpõem coisas em excesso entre o mundo e sua subjetividade: referências demais, leituras demais, marcas culturais demais, citações demais, rubricas demais; outros, alimentados por esses saberes, sabem, depois de alimentados, afastar com a mão a sombra projetada pelas bibliotecas e os arquivos. Nos termos de Nicolau de Cusa, o viajante artista ganha em praticar a douda ignorância (ONFRAY, 2009, p. 67).

### **3.2. Vida vivida do lado de fora (nomes para inspirar)**

A caminhada deste estrangeiro para cartografar sua possível cidade está atenta aos preceitos discorridos logo acima. Não quer permanecer “mofada” nas bibliotecas – apesar de entender a importância das leituras e dos pressupostos teóricos para compor uma pesquisa. Entretanto, sabe-se que a caminhada e o método cartográfico são feitos “no fora”, nos contornos e nas cores dos passos a partir do que a rua (e os encontros) oferecem a este narrador. Assim, é preciso borrar os limites da biblioteca correndo dos empilhamentos e das citações exageradas.

### Escrita

Estou atrás do despojamento mais inteiro da simplicidade mais erma da palavra mais recém-nascida do inteiro mais despojado do ermo mais simples do nascimentos a mais da palavra.



Há muitos que, por meio do caminhar, tentaram criar outras possibilidades de **escrita**, de pensamentos, e tiveram êxito. Além de Nietzsche, esboçado anteriormente, alguns nomes inspiram os passos deste estrangeiro. Eles estão descritos abaixo sem ordem cronológica precisa.

O cineasta alemão Werner Herzog é um deles, posto que caminhou 21 dias, de Munique a Paris. Em trecho descrito no livro *Caminhando no gelo* (2005), ao entrar na casa da crítica de cinema alemã Lotte Eisner depois dos longos dias em andanças, ele diz que ela lhe devolveu um suave sorriso e:

(...) sabendo que eu era uma pessoa que andava a pé, e, por isso mesmo, indefeso, me entendeu. Apenas por um momento, sem que nada me pesasse, atravessou-me o corpo exausto, como um sopro de ternura. Eu disse: abra a janela, faz alguns dias que eu sei voar (HERZOG, 2005, p. 73).

Antes de voar, começa-se a andar. Tal movimento pode ser capaz de produzir uma harmonia. E, para dar vida à caminhada, há uma tripla ação em cartaz: não se apressar; acolher o mundo; e não se esquecer de si mesmo no caminho (LABBUCCI, 2013). Em *Confissões IV* (2008), o filósofo suíço Jean-

Jacques Rousseau afirma nunca ter pensado tanto, existido tanto e vivido tanto quanto nas viagens que fez sozinho a pé.

Rousseau só conseguia pensar, compor, criar e inspirar-se caminhando. A visão de uma escrivaninha e de uma cadeira já bastava para tirar-lhe o ânimo. É no decorrer de uma caminhada prolongada que lhe vêm as ideias. É nos caminhos que as frases lhe chegam, como que marcando de leve o compasso do movimento. São as trilhas que estimulam sua imaginação.



Outro que caminhou vida afora foi o poeta francês Jean-Nicolas Arthur Rimbaud. Segundo definição do também poeta francês Paul Verlaine, Rimbaud era o “homem das solas de vento”, encarnando como poucos o mito do caminhante que rompe com o próprio mundo a fim de construir outro mundo possível. Costumava se autodefinir um pedestre e nada mais (GROS, 2010).

“Caminhamos para viver, e não para termos vivido.” A frase é do romancista e escritor inglês Bruce Chatwin, escreveu um livro sobre nômades e nomadismo por se interessar muito pelas andanças. No livro *Le Vie dei Canti* (O rastro dos cantos), de 1987, está presente a essência de suas ideias, observações e reflexões acerca do tema. Ao longo das páginas ambientadas na Austrália, Chatwin encontra um mito, uma lenda que colocava o caminhar no centro de tudo, dando corpo às fantasias, obsessões, intuições e desejos que o acompanharam por toda a vida (LABBUCCI, 2013).

O caminhar para o escritor permite que se veja dinamizando as linhas de canto que delineiam o território aborígene, linhas de fuga que esburacam a tela da paisagem na sua representação mais tradicional, que arrastam o pensamento atrás do movimento das coisas, ao longo dos veios desenhados nas profundidades das águas pelas trajetórias das baleias, tão bem descritas por Melville em *Moby Dick* (CARERI, 2013, p. 18 e 19).

Já o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard era a favor acima de tudo de não perder o desejo por caminhar. Caminhando todos os dias atingia uma sensação de bem-estar e deixava para trás os infortúnios. Os melhores pensamentos para ele ocorriam enquanto caminhava, e não conhecia pensamento tão pesado a ponto de não poder ser deixado para trás com boas passadas (LABBUCCI, 2013).

O norte-americano Henry Thoreau foi o autor do primeiro tratado filosófico sobre a caminhada, intitulado *Caminhando* (1862). O artigo foi publicado na revista *The Atlantic Monthly* menos de um mês após sua morte. Para ele, o caminhar e a natureza se confundem, representam a possibilidade de divórcio com o mundo, fora da civilização das máquinas, fora dos condicionamentos sociais. Estar – no lado de fora – é exatamente o lugar que Thoreau escolheu como sua morada, pois o homem antes de falar deveria ver. É ao longo do século XIX, período da Revolução Industrial e dos lucros como prioridade, que o norte-americano formula seu pensamento (GROS, 2010).

A *flânerie* também pode ser citada no sentido do deslocamento pelo espaço urbano, impondo outro ritmo frente às tecnologias e à velocidade das máquinas proporcionadas pela Revolução Industrial. Embora exista um olhar distanciado, o *flâneur* é um observador que sente a cidade, buscando asilo na multidão, como descrevia Walter Benjamin – um dos grandes exemplos de caminhantes dos centros urbanos do século XIX. Para ele, sempre há algo por ver e descobrir na cidade, em contraste com o ritmo frenético da nascente vida moderna, com o impulso de organizar o tempo segundo exigências da vida econômica.

A rua para o *flâneur* é uma espécie de livro, leia-a, não julgue. Não seja apressado demais para escolher o que é



belo e feio. Se durante o seu trajeto você quiser observar uma determinada coisa, não se precipite ávido demais sobre ela; contenha-se. Dê também a ela tempo para notá-lo. Trocam-se olhares inclusive com tais coisas. No caso dos homens, ao contrário, é aconselhável observá-los sem se deixar notar. Assim, de fato, mostram espontaneamente sua vida, a qual, a um belicoso cruzamento de olhares, por defesa, esconderiam (LABBUCCI, 2013, p. 104).

Na publicação *A arte de passear*, o filósofo alemão Karl Gottlob Schelle apura que o passeio produz uma descontração no corpo – se livrando de posturas cansativas impostas pelo trabalho, assim o espírito ganha a capacidade de se alegrar. O passeio seria capaz de obrigar as pessoas a pensarem em uma coisa de cada vez.

O *flâneur* segue a ideia de Schelle. Caminhar na cidade o desvia da solidão da velocidade, do atarefamento e do consumo. Perambular/flanar teria como pressuposto três elementos: a cidade, a multidão e o capitalismo. A experiência do passear é, sim, da caminhada, mas fica-se bem longe do ideal de filósofos como Rousseau e Nietzsche, por exemplo. Para os amantes das longas caminhadas naturais, andar na cidade reverte-se em sofrimento porque dá a entender que o ritmo será entrecortado, irregular (GROS, 2010).

Seja como for, o *flâneur* caminha para além da simples curiosidade. Ele se esgueira até no meio de uma multidão nas megalópoles, atravessa bairros que constituem mundos diferentes, pode mudar de um distrito a outro: dimensão de casas, arquitetura geral, o ambiente que se respira, o modo de vida, a luz, as categorias sociais mudam constantemente. Pode percorrer a cidade como se percorre uma montanha com suas travessias e desfiladeiros, reviravoltas de perspectivas, perigos e surpresas.

Para Gros, o *flâneur* seria subversivo. Subverte a **multidão**, a mercadoria e a cidade, bem como seus valores. Sendo que aqui subversão não é opor-se, mas contornar, desviar, exagerar até deturpar, aceitar até ultrapassar. Resiste ao produtivismo, ao utilitarismo que o cerca. Agarrado no ar aos choques e aos encontros, ele não para de criar imagens poéticas.

O *flâneur* testemunha o que acontece nos cruzamentos e não consome. Tão pouco é consumido, que não recebe a paisagem em troca de

## Multidão

O termo “multidão” foi usado desde o início da modernidade por autores como Maquiavel, Hobbes e Espinosa, ora como sinônimo de “povo” ou “plebe”, ora como equivalente ao que então se nomeava “vulgar” e que se aproxima do que costumamos designar “massa”. Em seu sentido conceitual mais forte, o termo faz sua aparição no estudo da filosofia Espinosa na que Negri publica em 1981 sob o título *A anomalia selvagem: poder e potência em Baruch de Spinoza*.

seus esforços como o homem que caminhava na natureza. Mas ele apreende, intercepta no ar encontros improváveis, instantes furtivos, coincidências fugitivas. Ultrapassa a atrocidade da cidade para resgatar suas maravilhas passageiras, explora a poesia das coisas.

Na visão de Labbucci (2013), erguer-se sobre os dois pés é o primeiro feito. Dali começaria o ato de caminhar no mundo. É um gesto natural como tantos outros, que não precisa de protestos, artifícios, artefatos, técnicas particulares – precisa apenas das pernas. E quanto mais cresce o gosto e o desejo de andar a pé, mais as pernas deste estrangeiro são confidentes e cúmplices companheiras de viagem, tornando possível responder à pergunta crucial feita pelo poeta francês Charles Baudelaire: *Dizei: o que vistes?*

Um dos adeptos das caminhadas no Rio de Janeiro em busca da “alma das ruas” foi o cronista carioca **João do Rio**, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto. O autor é conhecido pelo seu texto poético sobre a cidade, tomando o Rio como uma extensão de si próprio e traduzindo a chamada Belle Époque carioca. Para ele, é preciso ter o espírito vagabundo para compreender a psicologia das ruas, algo que ele definiu como “o vírus da observação ligado ao da vadiagem”.

Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, conversar com os cantores de modinha das alfurjas da Saúde (...) flanar é a distinção de perambular com inteligência (RIO, 2005, p. 50).

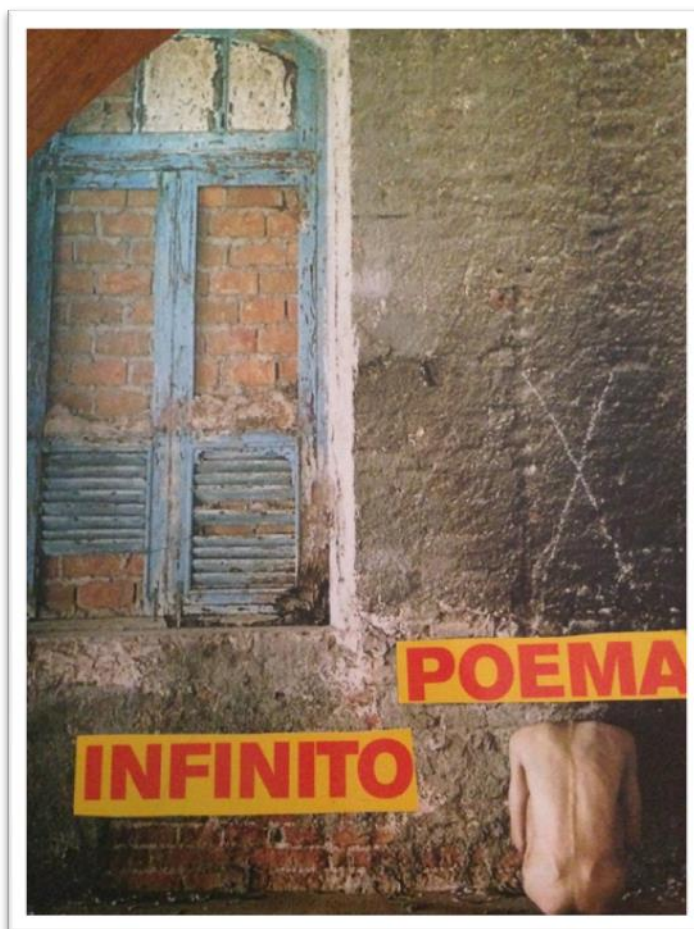
Perambular com inteligência, com atenção aos detalhes, ser sensível à cidade. Esses são alguns dos preceitos de João do Rio quando caminhava por outro Rio, em uma época diferente. Hoje, não há mais Cassino e poucos meninos tocam gaita na esquina. A cidade ganhou outras paisagens, mas as praças continuam ocupadas, a Saúde continua repleta de modinhas e ainda vale a pena meter-se nas rodas da população.

O artista performático carioca Hélio Oiticica também é um dos nomes de destaque quando o assunto são andanças – também errâncias – urbanas. A sua descoberta do Rio de Janeiro, além da Zona Sul, onde morava, em

### João do Rio

Apesar de também ter escrito romances, o jornalista ficou famoso por suas reportagens e crônicas na *Gazeta de Notícias*, publicadas entre 1901 e 1915. Esses textos eram, posteriormente, reunidos em livros, como *Os dias passam...* A obra, dividida em quatro partes, traz crônicas de situações fantasiosas que incorporam o ambiente e o cotidiano carioca, como as impressões de um viajante ao desembarcar na capital federal em “Chegada de um estrangeiro ao Rio”, além de duas séries de reportagens de repercussão: em “Dias de milagre”, João do Rio acompanhou uma excursão de romeiros a Congonhas do Campo, em Minas Gerais, onde estão as esculturas dos profetas feitas por Aleijadinho. Já em “Dias de burla”, o jornalista desmascarou aproveitadores da fé alheia, um apêndice de outra obra consagrada sua, “As religiões no Rio” (1904).

meados dos anos 1960, se dá quase toda de ônibus. Foi através desse meio de transporte que ele conheceu o subúrbio carioca. Ele tinha o hábito de pegar o ônibus e ir até o ponto final só para ver “onde dava”, ou seguia a pé, andando pelas ruas nas suas frequentes subidas de morro, especialmente o morro da Mangueira, ou quando fazia seus passeios noturnos pelas áreas marginalizadas da cidade, próximas à região do Mangue (CARERI, 2013).



### 3.3. Movimentos artísticos e caminhada

De alguma forma, as **errâncias** de Hélio também estão ligadas ao seu interesse pela participação do público na arte – desde quando foi um dos participantes do Movimento Neoconcreto. A questão é: como não associar movimentos artísticos também às caminhadas? Um deles, por exemplo, é o Movimento Dadaísta e suas incursões a partir de abril de 1921 na cidade de Paris. As caminhadas no campo francês para habitar a cidade com o banal dos

#### Errâncias

Os errantes modernos não perambulam mais pelos campos, como os nômades, mas pela própria cidade grande, a metrópole moderna, e recusam o controle total dos planos modernos. Eles denunciam direta ou indiretamente os métodos de intervenção dos urbanistas e defendem que as ações na cidade não podem se tornar um monopólio de especialistas. Dentre os errantes e nômades urbanos encontramos vários artistas, escritores ou pensadores que praticaram errâncias urbanas. Através das obras ou escritos desses artistas é possível se apreender o espaço urbano de outra forma, partindo do princípio de que os errantes questionam a construção dos espaços de forma crítica. O simples ato de andar pela cidade pode assim se tornar uma crítica ao urbanismo enquanto disciplina prática de intervenção nas cidades. Essa crítica pode ser vista tantos nos textos quanto nas imagens produzidas por artistas errantes a partir de suas experiências do andar pela cidade.

dadás elevaram a tradição da *flânerie* a uma operação estética (CARERI, 2013).

O passeio parisiense descrito por Walter Benjamin nos anos 1920 é utilizado pelo movimento como forma de arte inscrita diretamente no espaço e no tempo reais, e não mais em suportes materiais. Assim, será Paris o território ideal das experiências artísticas que procurarão dar vida ao projeto revolucionário da superação da arte, seguido pelos surrealistas e situacionistas.

Três anos depois, em maio de 1924, há uma passagem definitiva do Dadaísmo ao Surrealismo: é quando o grupo realiza um percurso errático, sem fins estabelecidos, em um vasto território da região. Comandado pelo escritor francês André Breton, o grupo decidiu partir de Paris para chegar de trem a Blois – uma pequena cidade escolhida ao acaso no mapa –, utilizando a caminhada como revelador de zonas inconscientes da cidade – aquelas partes que escapam do projeto e constituem o que não é exposto e o que não é traduzível nas representações tradicionais (CARERI, 2013).

Os situacionistas por sua vez surgem acusando os surrealistas de não terem levado às últimas consequências o projeto dadaísta. A arte anônima coletiva e revolucionária será acolhida pelos letristas/situacionistas através da prática do caminhar, pela errância. O termo *deriva* é adotado em 1957 pela Internacional Situacionista, com o pensador francês Guy Debord à frente do grupo, apoiando-se no conceito de psicogeografia: uma atividade lúdica coletiva que não visa a alcançar apenas o inconsciente das cidades, mas pretende investigar os efeitos psíquicos que o contexto urbano produz nos indivíduos (CARERI, 2013).

Deriva é a construção e a experimentação de novos comportamentos, explorando outras formas de habitar a cidade, em um estilo contra as regras da sociedade burguesa e que pretende superar a deambulação surrealista.

Para o arquiteto e pensador Francesco Careri (2013), a deriva é uma operação que aceita o destino, mas não se funde nele, e tem algumas regras – como construir aventuras por meio das cartas psicogeográficas. De alguma forma, há uma relação direta com o método cartográfico, pois ele se deixa levar pelos caminhos surpreendentes que a própria pesquisa pode construir sem metas predefinidas.

O caminhar em grupo, deixando-se levar pelas solicitações imprevistas, passando noites inteiras bebendo em vários lugares, discutindo e sonhando com

uma revolução que permanecia iminente, torna-se uma rejeição ao sistema. Em *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade* (2003), a pesquisadora Paola Berenstein Jacques esmiúça o tema ao trazer diversos escritos situacionistas sobre a cidade, mas também sobre arquitetura, vida cotidiana, prática coletiva da criação artística e o exercício de fruição dos espaços urbanos.

#### Render-se

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.

### 3.4. Primórdios da caminhada

Ao resgatar textos primitivos, também é interessante identificar as associações feitas sobre a caminhada – indo muito além do modernismo e da contemporaneidade. Uma das primeiras expressões, segundo escritos compilados da Bíblia, foi *Lekh Lekhà* (vai-te). De acordo com o livro religioso, essas foram as primeiras palavras que Deus proferiu ao homem, no caso Abraão, na história. Em Gênesis, está escrito: “vai-te da tua terra, e da tua parentela, da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei”. As palavras simbolizam um convite para a partida e de alguma maneira para uma viagem de encontro consigo mesmo.

Como cita Labbucci (2013), a expressão é comparável ao “conhece-te a ti mesmo”, da tradição grega. Obedecendo àquele “vai-te”, ele deve antes de mais nada ter claros rompimentos: com a terra de origem; com o mundo religioso; com a casa paterna, isto é, com os laços de sangue.

Por-se a caminho, **render-se**, colocar os pés em movimento sempre significou um revolvimento em direção a si mesmo e também ao próprio mundo. E, se pensarmos nos primórdios, o que o homem aprendeu a ler em primeiro lugar não foram as tabuletas cuneiformes dos sumérios ou os hieróglifos egípcios, mas os rastros do solo, pegadas de seus semelhantes e dos animais que ele caçava ou dos quais fugia.

As caminhadas e os deslocamentos são elementos presentes na história da origem dos homens. É a partir das incessantes caminhadas que acontecem as migrações dos povos, os intercâmbios culturais e religiosos, o

início da apropriação da terra e do mapeamento de territórios (LABBUCCI, 2013).

Entre os escritos sobre a divisão entre nômades e sedentários, há o mito tantas vezes revisitado de Caim e Abel. Também como se lê em Gênesis, os filhos de Adão e Eva encarnam duas personalidades representantes da divisão do trabalho e de espaço. Caim, o sedentário (dedicado à agricultura); Abel, o nômade (dedicado ao pastoreio). Adão e Eva deixariam aos seus filhos a divisão do mundo: para Caim, a propriedade de toda a terra e para Abel, a de todos os seres viventes.

Mas, após uma briga entre os irmãos, Caim acusou Abel de ter invadido o seu território e o matou, sendo condenado à condição de eterno vagabundo<sup>6</sup> pelo seu pecado. Careri (2013) afirma que, segundo as raízes etimológicas dos nomes dos dois irmãos, Caim é identificável como o *Homo faber*, o homem que trabalha e que sujeita a natureza para construir naturalmente um novo universo artificial. Abel, por sua vez, realiza um trabalho menos cansativo e mais divertido, considerado como o *Homo ludens*, o que brinca e constrói um sistema de relações entre natureza e vida.

O trabalho de Abel, que consistia em andar pelos prados para cuidar dos gados, era uma atividade privilegiada em relação à de Caim, que deveria estar nos campos para arar, semear e colher os produtos da terra. Abel teria mais tempo para se dedicar às atividades intelectuais, ao tempo livre, ao lazer. Por isso, já na origem, o tempo lúdico é associado ao caminhar tanto na criação artística como no rechaço ao trabalho. E eis o motivo da obra que se desenvolverá pelos dadaístas e surrealistas parisienses, uma espécie de preguiça lúdico-contemplativa que está na base da *flânerie* antiartística que permeia o século XX (CARERI, 2013).

É também importante notar como, após matar o irmão, Caim é punido com a vagabundagem: o nomadismo de Abel se transforma de condição privilegiada a punição divina. A errância sem pátria, o eterno perder-se, o andar errante, sem rumo é a sina de Caim, responsável por construir as primeiras cidades. Um agricultor forçado à errância dá início à vida sedentária.

---

<sup>6</sup>A definição de “vagabundo”, no masculino, tem relação com irresponsabilidade. Homem que não trabalha, vaga por aí, não tem lugar próprio, fixo, não quer se comprometer.

Dessa forma, a divisão de trabalho entre os irmãos produziu duas culturas distintas e, ao mesmo tempo, interdependentes. Isso porque há um intercâmbio contínuo dos produtos produzidos entre agricultores e pastores. Em uma passagem conhecida, Deleuze e Guattari (1995) descrevem as diferentes espacialidades existentes entre nomadismo e sedentarismo com uma imagem clara: “o espaço sedentário é estriado por muros, recintos e percursos entre os recintos, ao passo que o espaço nômade é liso, marcado somente por ‘traços’ que se apagam e se deslocam com o trajeto”. Assim como o percurso sedentário estrutura e dá vida à cidade, o nomadismo considera o percurso o lugar simbólico em que se desenrola a vida da **comunidade**, como explicita Careri abaixo:

Na ausência de pontos de referência estáveis, o nômade desenvolveu a capacidade de construir o próprio mapa a cada instante, sua geografia está em constante mutação, deforma-se no tempo com base no deslocar-se do observador e no perpétuo transformar-se do território. O mapa nômade é um vazio onde os percursos unem poços, oásis, lugares sagrados, terrenos bons para o apascentamento e espaços que mudam velozmente (CARERI, 2013, p. 42).

A caminhada implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem em um local não mapeado – e a sua variada percepção ao atravessá-lo – é uma forma de mudança de paisagem que modifica culturalmente o significado do espaço. O caminhar produz lugares. Antes do neolítico e antes dos menires, a única arquitetura simbólica capaz de modificar o ambiente era o caminhar (CARERI, 2013).

## Comunidade

*Communauté désouvrée* de Jean-Luc Nancy, publicado em 1983, recorre aos escritos de Georges Bataille a fim de escapar, no que concerne à construção política da comunidade, tanto das soluções do comunismo e do fascismo para se opor à tendência hegemônica do liberalismo. Naturalmente, o “retorno à comunidade” proposto por Nancy não tem nada que ver com a construção de um ideal de uma comunidade mística ou religiosa, tampouco com as “comunidades alternativas”, um dos pilares da contracultura dos anos de 1970. Trata-se, antes, de assimilar a própria crítica ao caráter totalitário da comunidade e tentar reconstruir um ideário em torno da comunidade a partir do fracasso que lhe é inerente.



### 3.5. Atenção durante as caminhadas

É em busca da produção de lugares e de paisagens que o estrangeiro se encontra no Rio de Janeiro. É nesse pouso que ele busca alcançar diferentes voos. E o que seria dessa busca, da construção do mapa cartográfico, sem a atenção? A atenção é ponto-chave lúdico para a tarefa da pesquisa. Encontrar o tipo de atenção que seja mais proveitoso para o trabalho é um desafio constante. Isso porque existem várias formas de enxergar o que está à volta, de acompanhar e investigar processos de produção.

A entrada do aprendiz de cartógrafo no campo da pesquisa coloca imediatamente a questão de onde pousar sua atenção. Em geral ele se pergunta como selecionar o elemento ao qual prestar atenção, dentre aqueles múltiplos e variados que lhe atingem os sentidos e o



pensamento. A pergunta, que diz respeito ao movimento que precede a seleção, seria mais bem formulada se evidenciasse o problema da própria configuração do território de observação, já que, como apontou M. Merleau-Ponty (1945/1999), a atenção não seleciona elementos num campo perceptivo dado, mas configura o próprio campo perceptivo (KASTRUP, 2009, p. 35).

Há diferentes conceitos em jogo quando o tema “atenção” entra em cena. Diversos estudiosos já criaram definições, como, por exemplo, Sigmund Freud, que desenvolveu um método sobre a atenção flutuante; e Henri Bergson, que criou o conceito reconhecimento atento – ambos métodos voltados para a produção de dados durante uma pesquisa, numa detecção dos signos e das forças circulantes.

Enquanto processo complexo, pode assumir diferentes funcionamentos: seletivo ou flutuante, focado ou desfocado, concentrado ou disperso, voluntário ou involuntário, em várias combinações como seleção voluntária, flutuação involuntária, concentração desfocada, focalização dispersa etc. Embora as variedades atencionais coexistam de direitos, elas ganham organizações e proporções distintas na configuração de diferentes políticas cognitivas (KASTRUP, 2009, p. 33).

De acordo com os estudos de pesquisa-intervenção de Virginia Kastrup (2009), Freud defende a manutenção da atenção de forma suspensa. Através da seleção, fixa-se um ponto com clareza e os outros ficam automaticamente negligenciados. A seleção envolve uma atenção consciente e deliberadamente concentrada. E caso o estrangeiro efetue a seleção no olhar, ele estará arriscando a nunca descobrir nada além do que já sabe. Entretanto, é importante enfatizar que a atenção em Freud recai somente em relação à audição – exigindo, no caso da atenção para a cartografia deste narrador, outros desdobramentos que contemplem os outros sentidos.

Já em Bergson, o importante é saber servir-se a partir do reconhecimento de um objeto. Um bom exemplo é transitar por uma cidade já previamente conhecida, onde o estrangeiro tateia com mais confiança e consegue se deslocar com eficiência sem prestar atenção no caminho percorrido. Bergson afirma que o

reconhecimento atento tem como característica reconduzir o pesquisador ao objeto para destacar seus contornos singulares (KASTRUP, 2009).

A percepção é lançada para imagens do passado conservadas na memória, ao contrário do que ocorre no reconhecimento automático. O reconhecimento não se dá de maneira linear, e, sim, na forma de circuitos. A memória não conservaria a percepção, mas a duplicaria, e cada experiência se daria em dois registros: a imagem perceptiva e a imagem amnésica. A percepção se amplia, viaja percorrendo circuitos, flutua num campo gravitacional, desliza com firmeza, sobrevoa e muda de plano, produzindo dados que, enfim, já estavam lá (KASTRUP, 2009).

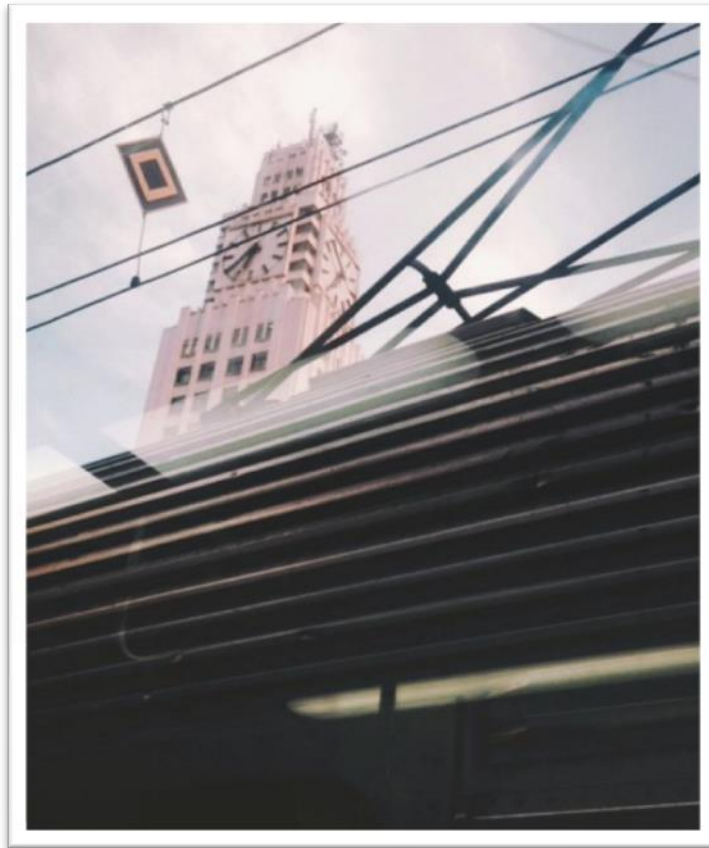


Outro filósofo que é referência nos estudos sobre a atenção é William James (1945), um dos fundadores da psicologia moderna. Ele comparou o fluxo do pensamento ao voo de um pássaro, que desenha o céu com seus movimentos contínuos, pousando de tempos em tempos em certo lugar.

Voos e pousos diferem quanto à velocidade da mudança que trazem consigo. O pouso não deve ser entendido como uma parada do movimento, mas como uma parada no movimento. Voos e pousos conferem um ritmo ao

pensamento, e a atenção desempenha aí um papel essencial (JAMES, 1945, p. 231).

A atenção descrita no método cartográfico, por exemplo, é a flutuante, concentrada, porém aberta. Trabalha com a ideia da visão construtivista, disponível aos acasos e surpresas da vida urbana, próxima da “concentração sem focalização” indicada por Gilles Deleuze em seu *Abécédaire*. A ideia de uma “atenção à espreita” é ponto de partida para tentar evitar o relaxamento passivo e a rigidez controlada. É nessa mesma linha que Deleuze e Guattari (1995) dizem que a cartografia é uma performance e que ela precisaria ser desenvolvida como política cognitiva do cartógrafo.



Kastrup é responsável por criar quatro variedades da atenção do cartógrafo: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O rastreio é gesto de varredura do campo. Visa a uma espécie de meta ou alvo – mas entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido. Rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo, numa atenção aberta e sem foco.

O toque é uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, algo acontece e exige atenção e pode levar tempo para acontecer e ter diferentes graus de intensidade. O **pouso** é o gesto que indica que a percepção, visual, auditiva ou outra, realiza uma espécie de zoom no que é observado. Um novo território se forma e o campo de observação se reconfigura. A atenção muda de escala. Segundo o psicólogo francês Pierre Vermersch (2002), muda-se de janela atencional.

A janela constitui uma referência espacial, mas não se limita a isso. Significa, antes de tudo, uma referência ao problema dos limites e das fronteiras de mobilidade da atenção. O psicólogo enumera cinco janelas pautadas em suportes historicamente relacionados a práticas cognitivas, técnicas e culturais. São elas: a joia, a página do livro, a sala, o pátio e a paisagem. Cada janela cria um mundo e exclui momentaneamente as outras, embora outros mundos continuem copresentes. Abaixo, seguem as definições das janelas:

**Joia:** janela micro que funciona na escala da atividade do joalheiro, da bordadeira, do leitor minucioso. Capaz de produzir uma cegueira atencional, que consiste na eliminação do entorno, do que está fora de foco.

**Página do livro:** janela-página, comporta indícios de distribuição da atenção.

**Sala:** janela-sala permite atenção dividida, assimila multiplicidade de partes com graus de nitidez diferenciados.

## Pouso

A exposição individual “Pouso para pensamentos e pássaros” reúne trabalhos inéditos de Hugo Fortes que tratam do tema do voo em sentido ampliado. Vistas aéreas, asas, pássaros, aviões, além de pensamentos e livros que voam são evocados para discutir relações entre natureza e cultura e as percepções humanas do desejo de voar. As obras dialogam com o texto “Pássaros”, do livro *Natural:mente*, de Vilém Flusser. A exposição reúne vídeos, fotografias, esculturas, instalação e livros de artista, abordando a experiência de voar em uma multiplicidade de aspectos e linguagens artísticas.

**Pátio:** janela-pátio é típica das atividades de deslocamento e orientação, como a atividade do caçador.

**Paisagem:** janela-paisagem é panorâmica, capaz de detectar e conectar acontecimentos próximos e distantes através de movimentos rápidos.

Por último, o reconhecimento atento é ligado aos estudos de Bergson já comentados acima. Além de Vermersch (2003), Kastrup (2009) também se inspira no pensamento dos pesquisadores Natalie Depraz e Francisco Varela. Eles apontam que o gesto de suspensão desdobra-se em dois destinos da atenção. Um que se volta para o interior. Outro implica uma mudança na qualidade da natureza da atenção, que deixa de buscar situações para acolher o que lhe acontece. A atenção não busca algo definido, mas torna-se aberta ao encontro, se desdobrando na qualidade de acolhimento.

As experiências vão então ocorrendo, muitas vezes fragmentadas e sem sentido imediato. A atenção tateia, explora cuidadosamente o que a afeta sem produzir compreensão. Tais explorações mobilizam a memória e a imaginação, o passado e o futuro, numa mistura difícil de discernir. Todos esses aspectos caracterizam o funcionamento da atenção do cartógrafo durante a produção de dados em uma pesquisa de campo (KASTRUP, 2009).



### 3.6. Cidades construídas e experimentadas

Caminhar, escutar, observar e cartografar paisagens no Rio só é projeto possível na pesquisa deste estrangeiro por causa da existência da cidade. O estrangeiro parte do encontro com o espaço urbano, com a aventura que é participar desse meio na contemporaneidade, repleto de rasuras e tensões. Arriscar inscrever e expor o corpo diariamente nas ruas, se dar conta de que os encontros acontecem no coletivo proporcionado pela vida na cidade são pontos cruciais do trabalho. Afinal, a cidade é o lugar onde você (e o estrangeiro) encontra o outro, o lugar privilegiado para a produção de subjetividades, a arena em que os cidadãos estão em constante processo de negociação.

Ao refletir sobre a cidade, um dos pensadores essenciais a inspirar o narrador estrangeiro é o antropólogo e historiador Antonio Risério. O baiano relembra no livro *A cidade no Brasil* (2013) algumas características sobre o início da criação de nossas cidades. Ele cita o teólogo Jacques Ellul, que afirma a cidade como símbolo da queda humana do espaço da graça e representante da construção de uma nova ordem. Com a expulsão do Éden, Caim constrói uma cidade para substituir o jardim divino. Dessa forma, a cidade é fruto da queda, e seu fundador

foi o primeiro assassino de que se tem notícia na história (como já discorrido anteriormente).

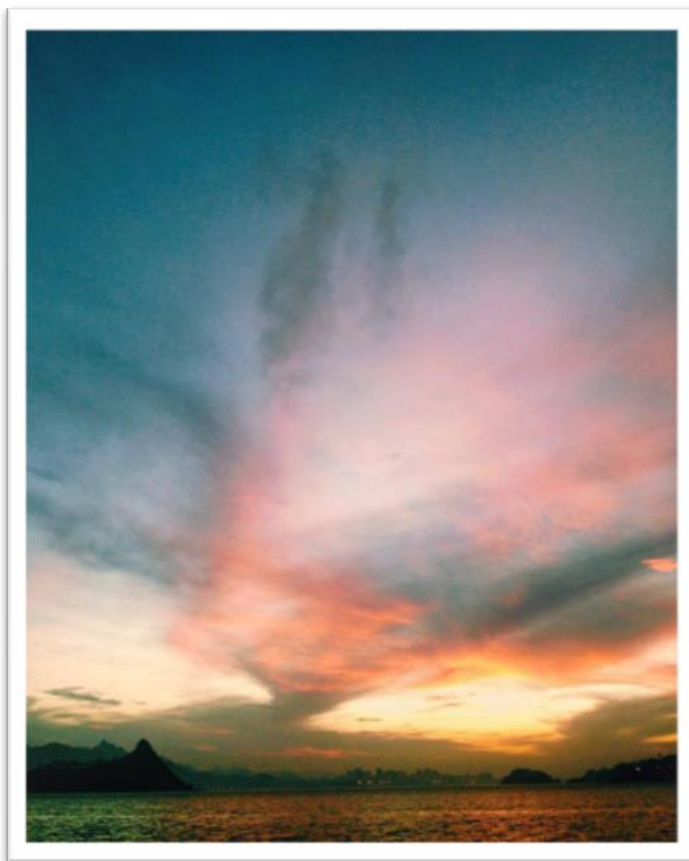
A partir da leitura de *Sedução do lugar*, escrito por Joseph Rykwert, Risério argumenta que a ambivalência diante da cidade (promessa de bem-aventurança versus símbolo de exílio/queda) não se restringe apenas à tradição judaico-cristã. Ela estende-se para muitas direções, culturas, épocas e lugares.

As cidades, do mesmo modo que seus habitantes, são uma mistura de coisas boas e ruins. Desde a invenção da escrita, há cerca de cinco mil anos, os registros criticando a cidade têm sido implacáveis. E mesmo assim as pessoas sempre se amontoaram em cidades e suas qualidades também foram louvadas com brio, escreve, ainda, Rykwert (RISÉRIO, 2013, p. 174).

Ainda pensando em parceria com Risério (2013), a cidade sempre foi vista como assunto de celebração e de crítica. Nas **mitologias** antigas, como a babilônica, ela é o trunfo do deus sobre as águas e os monstros marinhos. A vitória do cosmos sobre o caos, com Marduk criando o mundo a partir do corpo do dragão Tiamat. Já nas mitologias mais modernas, ela é o avesso das histórias divinas, criando o caos onde Deus fizera existir ordem e beleza. A cidade é vista como total “culpa” humana – irrompendo o “jardim da natureza divina”.

### Imaginação

Uma vez li uma frase – com certeza de algum autor famoso – que dizia algo assim como a vida está feita da mesma matéria dos sonhos. Eu digo que a vida pode estar feita da mesma matéria dos filmes. Contar um filme é como contar um sonho. Contar a vida é como contar um sonho ou contar um filme.



Risério ainda lê a *A cidade como destino*, de Sibyl Moholy-Nagy, e concorda que o homem constrói e ama as cidades porque a forma urbana representa uma imagem ideal de seus ideais. Quando a cidade renasce na Europa, com o século XI, começa sua ascensão, sendo que todos os grandes momentos de crescimento se exprimem em explosão urbana.

É ao pensar na construção desse espaço através desse homem que desafia a natureza em prol da vida urbana que Risério e Renato Cordeiro Gomes (2008) dialogam. Gomes afirma que o ambiente construído na cidade é resultado da **imaginação** e do trabalho coletivo do homem que desafia a natureza, sendo também escrita e materialização de sua história. Assim, a partir dessa criação que é cara a todos os habitantes de um espaço comum, seria impossível tentar alcançar uma leitura globalizante ou totalizadora dos registros de uma cidade.

A leitura desse meio urbano se dá por aproximações, tentativas, rascunhos. Possibilita visões diversas, leituras e interpretações que dependem do leitor. A cidade enquanto texto é feita de escritas múltiplas



saídas de várias culturas e que se imiscuem umas com as outras em diálogo, paródia, contestação, para usarmos uma citação de Gomes sobre Roland Barthes em seu livro *Todas as cidades, a cidade* (2008).

A tentativa de uma mera descrição física não faz jus à leitura sobre a cidade. Ela é viva, paisagem mutante em uma cartografia dinâmica. É metáfora fragmentada e às vezes pode resultar em um labirinto, desorientar sentidos com sua arquitetura sem fim, repleta de planos e linhas.

A cidade é como o “escrever” na definição de Deleuze e Guattari (1997). É caso de devir, sempre inacabado, em via de fazer-se, que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. Não se chega a uma forma, mas encontra-se uma zona de vizinhança, com imprevistos.

Já a especialista em estudos sobre cidades Beatriz Sarlo (2014) acredita que os homens só podem tolerar cidades imperfeitas e comenta que entre a cidade escrita, no sentido a que Barthes se referia, e a cidade real há uma diferença de sistemas de representação que não podem ser confundidos com “frases fáceis como a literatura não produz cidade”. Justamente porque:

Os discursos produzem ideias de cidade, críticas, análises, figurações, hipóteses, instruções de uso, proibições, ordens, ficções de todo tipo. A cidade escrita é sempre simbolização e deslocamento, imagem, metonímia. Até nos casos excepcionais em que a cidade real se ajusta a um programa prévio (como a Brasília do Costa e Niemeyer), a defasagem entre projeto e cidade é a própria chave do problema de sua construção. Escrever a cidade, desenhar a cidade pertencem ao ciclo de figuração, da alegoria ou da representação. A cidade real, por sua vez, é construção, decadência, renovação e sobretudo demolição (SARLO, 2014, p. 139).

Assim, a cidade escrita é feita de mapas e roteiros. É feita de nomes de ruas e de bairros com seus ancoradouros, lugares que Barthes chama de *capitonné*, em que a linguagem parece conectar com a realidade, o ponto em que uma superfície se une com outra para separar-se imediatamente, a tal constelação de afetos proposta por Deleuze no método intensivo (SARLO, 2014).

Um dos grandes narradores das cidades, Walter Benjamin era um desses pensadores que criaram constelações de afetos a partir da vivência urbana. O alemão criava mapas da sua vida, como se fosse uma espécie de labirinto onde

cada uma das relações importantes que manteve ao longo de sua existência surgisse como uma “entrada” possível (SONTAG, 1992).

A jornalista e pesquisadora Ana Claudia Peres (2012) relembra a obra *Infância em Berlim por volta de 1900*, por exemplo, como símbolo da configuração desses pontos topográficos de um mapa da capital alemã “não como ela se encontra num mapa Pharus, mas tal como se inscreveu na memória de um dos seus habitantes” (Bolle, 2000, p.332). O que Benjamin procurava, de acordo com Willi Bolle (2000), era a existência de afinidades entre as estruturas da cidade e dos indivíduos que a habitavam. A busca era, antes de tudo, pelas sensações que lhe provocavam uma rua, uma esquina, uma praça.

### Tensão

Tenho tudo para ouvir e ver. Ainda não sei nada. Leio livros para aprender. Estou sempre apressada. Sou muito mexida. um dia quero muita coisa, no outro quero tudo. Sofro de um problema de sossego. Não é o que estar sossegada. Mais tarde corrijo.



Citando Ítalo Calvino, Renato Cordeiro Gomes lembra que a cidade é muito mais do que um desenho terminado, sendo capaz de exprimir **tensão** entre racionalidade geométrica e emaranhado das existências humanas. Sendo assim, a Lapa não é apenas um território que abriga uma obra arquitetônica do período colonial. Do mesmo modo que a avenida Presidente Vargas não se resume a uma via com quatro corredores de ônibus que conecta a Zona Norte à região central. Existe vida pulsando em múltiplas direções (PERES, 2012).

**Passado**

A vida só pode ser compreendida, olhando-se para trás; mas só pode ser vivida, olhando-se para frente.

No mapa das ruas de uma cidade, o que salta aos olhos é uma centena de traços, grafismos aparentemente indecifráveis, um mundo em miniatura. Rio de Janeiro. Santo Cristo. Rua Teixeira Coelho. Avenida Presidente Vargas. Linha Vermelha. Praça Medalha Milagrosa. Favela Baronesa. Caju. Catedral de São Sebastião. Lapa. Largo da Segunda-Feira. Maracanã. Ainda assim, funcionam como pontos de referência que servem ao propósito de orientar. Contudo, “saber orientar-se numa cidade não significa muito” (BENJAMIN, 2000:73), perder-se nela é o mais difícil, é algo que exige esforço e requer instrução; algo que se deve aprender a fazer (PERES, 2012, p. 74).

### 3.7. Cidade como máquina de histórias

“A cidade é tempo presente, mesmo seu passado só pode ser vivido como presente. O que nela se conserva do **passado** fica incrustado no que ela mostra como pura atualidade” (SARLO, 2014, p. 142). A partir da ideia de Sarlo, tomemos o exemplo do termo “cidade maravilhosa”, que foi cunhado há tantos anos, precisamente em 1912, pela francesa Jeanne Catulle-Mendès. Isso se deu ao conhecer a cidade carioca na época da República recém-inaugurada. O termo continua até hoje como parte do imaginário dos cidadãos – claro, não esquecendo as críticas que o famoso epíteto também desperta. E as leituras da cidade acabam por se tornar movimento de resistência ao desaparecimento dos referenciais que a tornam possível.



Em prol desse movimento, é justo que o estrangeiro agregue pistas para criar sua cartografia urbana, com atenção ao ler/escrever a cidade, buscando não reproduzi-la, e, sim, construí-la novamente. Através da citação de Jeanne Marie Gagnebin, Gomes (2008) reforça a tarefa da memória, que não consiste somente em lembrar o passado, mas também:

Salvá-lo no presente graças à percepção de uma semelhança que o transforma em dois: transforma o passado porque este assume uma forma nova, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior, que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobrirmos, inscrita nas linhas da atual (GOMES, 2008, p. 47).

O estrangeiro, ao entender mais sobre a evolução do espaço urbano carioca, também consegue ter acesso a essa memória, que traz à tona um passado que ainda vive nas dobras da cidade e torna possível uma compreensão mais ampla sobre as atuais estruturas sociais e econômicas do Rio. É notório que, com o fortalecimento e a expansão da elite técnica e científica no Brasil a partir de 1870, o Rio ganhou o espaço de centro da vida política e cultural do país. Para modernizá-lo, o prefeito Pereira Passos, também engenheiro e urbanista graduado na capital francesa, se inspira no modelo parisiense para livrar-se da herança colonial, começando o aprofundamento do processo de segregação socioespacial na vida da cidade (RISÉRIO, 2013).

O século XX marca um início repleto de inovações, estranhezas e ineditismos, nas palavras de Antonio Risério: era o tempo do automóvel, do antibiótico, da comida enlatada, do rádio, do telefone, da máquina de escrever, da lâmpada elétrica, do leite pasteurizado, do cinema, da geladeira e do avião.

Em meio a esse admirável mundo novo, a novidade urbana foi encarada como uma exigência. A cidade que não exibisse, em sua própria tessitura urbana, sinais claros de sua inserção no mais recente estágio sociotécnico da história humana seria vista como um organismo ultrapassado pelo curso evolutivo da civilização. Seria cidade tosca, à margem do movimento vivo do mundo. Na América do Sul, a Argentina e o Brasil não queriam ficar fora do “concerto” das nações modernas. Era preciso providenciar grandes mudanças em Buenos Aires e no Rio de Janeiro (RISÉRIO, 2013, p. 195).

Na época, o Rio era, além de capital, o maior porto, a maior cidade do país e o cartão-postal por sua beleza natural. Logo, era prioridade modernizá-lo e torná-lo cosmopolita, dar exemplo às outras cidades brasileiras. É com a palavra “embelezamento” e “higienização” que Pereira Passos<sup>7</sup> promove as mudanças radicais na capital. A inauguração da avenida Central, atual Rio Branco, em 1904, foi o marco desse novo Rio. Ela ligava o Centro da cidade ao porto recém-construído. A Beira-Mar, modificando Botafogo; a Mem de Sá, para ligar a Lapa à Tijuca e São Cristóvão; e a Salvador de Sá. Além de várias outras, como a avenida Atlântica, a avenida Meridional, atual Delfim Moreira, orla do Leblon. Ruas arborizadas e importação de pássaros tipicamente europeus também foram iniciativas de Passos (RISÉRIO, 2013).

---

<sup>7</sup>Os livros *Evolução urbana do Rio de Janeiro* (2008), de Mauricio de A. Abreu, e *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão* (1985), organizado por Giovanna Rosso del Brenna, são referências importantes que dão conta de detalhar todo o processo de urbanização da cidade.



Na mesma linha, as reformas sanitárias eram urgentes, principalmente para combater a febre amarela. Foram feitas obras de abastecimento e canalização de águas, drenagem, aterro, esgoto, alargamento e pavimentação das ruas, desapropriação dos cimos dos morros e montanhas, demolição de prédios e casas que deixaram mais de vinte mil desabrigados. Nesse mesmo ritmo, Passos expulsou os pobres do Centro – desapropriou vários cortiços, casas de cômodos e o pequeno comércio. No espaço reformado, tudo ficou mais caro: aluguéis, impostos, taxas públicas. Assim, era o início da crise habitacional proletária, começando as migrações para o morro do Castelo e outros bairros da Zona Norte (RISÉRIO, 2013).

É certo que a favela nasceu antes da administração de Pereira Passos. Surgiu ainda no final do século XIX, no morro da Providência (ou da favela), formada por soldados rasos sobreviventes da Guerra de Canudos. Mas é na gestão de Passos que se adensam e se expandem. E se consolidam na paisagem carioca. Bem vista as coisas, a favela aparece não como negação, mas como a outra face do projeto modernizador excludente [...]. Hoje, as favelas cariocas contam-se às dúzias. E, quando falo de contraparte, tenho em mente que a favela não só abrigou formas extraeuropeias de cultura, como os cultos religiosos de origem africana, mas participou também da produção de uma modernidade própria, na criação do samba carioca, estilizando a matriz baiana (RISÉRIO, 2013, p. 201 e 202).

Nessa cidade composta por tantas memórias vivas no presente, o estrangeiro parece querer recuperar a rua como símbolo fundamental da vida contemporânea. A rua é um fator vivo do espaço urbano, feita de esquinas, pontes, praças, ruínas. Palavras, silêncios, pausas, ruídos, reticências. A cidade geográfica, cartográfica, vira apenas ponto de partida para cidades feitas de textos, no plural. Isso porque é na tessitura das narrativas cartográficas que essa cidade se revela, toma forma, ganha sentido (PERES, 2013).

Se, como diz Fernando Resende, “toda cidade é um texto que eu invento enquanto vivo e reinvento enquanto teço” (2012), o estrangeiro imagina a cidade em seu espaço físico como um **labirinto** a ser percorrido cujo desenho de fato só ocorre à medida que a cidade é vivenciada e, mais tarde, narrada. Nesse sentido, há que se considerar as muitas cidades que existem em uma. A narrativa pode ser também um convite à cidade e, sendo assim, deve comportar a desordem, o burburinho, tudo aquilo que transborda e seduz e, por isso, constitui o traço mais forte da paisagem urbana (PERES, 2013).

Roland Barthes (1967) defende que quem se move pela cidade é uma espécie de leitor que, de acordo com suas obrigações e movimentos, retira fragmentos do texto para utilizá-los em segredo. Ao trafegar pela cidade, o estrangeiro age como se fosse um leitor capaz de encontrar um poema diferente a cada verso alterado. Mais importante do que aumentar o número de inquéritos ou estudos sobre a cidade é multiplicar o número de leituras sobre essa cidade. Como dizia o título de seu ensaio: “A cidade é um poema, mas não é um poema clássico”.

### Labirinto

Vemos as coisas mesmas, o mundo é aquilo que vemos – fórmulas desse gênero exprimem uma fé comum ao homem natural e ao filósofo desde que abre os olhos, remetem para uma camada profunda de “opiniões” mudas, implícitas em nossa vida. Mas essa fé tem isto de estranho: se procurarmos articulá-la numa tese ou num enunciado, se perguntarmos o que é este nós, o que é este ver, e o que é esta coisa ou este mundo, penetramos num labirinto de dificuldades e contradições.

## 4. Terceiro movimento: criação de cartografias literárias

Chutando os prédios,  
 pregando prego no prego  
 Réu da razão, do suplico, cuspe fútil  
 Nessa estrada cariada  
 só você é o meio-fio de luz  
 Contramão sinalizada  
 no mapa do meu nada  
 Canção emocionada  
 Trajeto por teus fios  
 [Carlinhos Brown]

### 4.1. Montagem de afetos

As próximas páginas, escritas e ilustradas, estão preenchidas com a montagem da cartografia de um corpo estrangeiro no Rio de Janeiro. A partir de amplos temas-chaves, entre eles: 1) cidade; 2) o outro, estrangeiro de mim mesmo; 3) caminhada; e 4) afetos, o texto e as imagens ganham vida através de um personagem que aparece de múltiplas formas. Uns com tom confessional e outros tantos mais objetivos, narrados pelo olhar da pesquisadora, em que o estrangeiro descobre, e também se descobre, (n)as dobras do espaço urbano. As experiências vividas e inventadas cedem espaço para as ideias da pesquisa se revelarem. A leitura é aberta, assim como as inspirações que levaram a pesquisadora à escrita. Uma das pistas é a grande influência de Suely Rolnik, em *Cartografia sentimental* (2011), quando ela detalha as tarefas do cartógrafo:

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago (ROLNIK, 2011, p. 23).

O que importa é que, para ele, teoria é sempre cartografia – e, sendo assim –, ela se faz justamente com as paisagens cuja formação ele acompanha (...). Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de



expressão e criar sentido, para ele, é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso, o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia (ROLNIK, 2011, p. 65).

Músicas, shows, filmes, romances, leituras acadêmicas e filosóficas, diálogos com desconhecidos nas ruas, experiências, artes visuais, lágrimas, mergulhos de mar, manifestação, indignação, alegria, poesia, otimismo. Esses materiais são devorados com a função de alimentar a montagem da cartografia.

Teóricos são reinventados, metabolizados e ressignificados nesse processo de criação, sendo que as páginas apresentam um exercício de escrita no qual o pensamento teórico é indissociável do texto ficcional. O recurso do *sampler*, discutido no “Manifesto Sampler” pelos pesquisadores Frederico Coelho e Mauro Gaspar – já indicado na abertura da dissertação –, é uma das referências para a prática dessa construção textual mais fluida. Seguindo essa linha de pensamento, as referências teóricas encontram-se ao final do terceiro movimento, divididas por subtítulo.

Quem trabalha com a escrita sampler não é aquele que não tem o que dizer, é aquele que tem coisas demais a dizer, tem vozes demais falando dentro de si, e as expressa musicalmente, como um fluxo, como um processador de linguagem e sensações. Apropriar para produzir, e não para reproduzir. A escrita *sampler* como uma forma de — dobrar a matéria, a referência, o sujeito que existe criar uma nova/outra/diferente subjetivação do texto/música/matéria (COELHO; GASPAR, 2005, p. 3).

Assim, os gêneros estão misturados em uma escrita limite entre cartografia e literatura. Se, quando o estrangeiro caminha na cidade, o que é lido lhe invade e vice-versa, como parar no meio de uma caminhada para citar algum pensador? Os riscos e rabiscos desta dissertação também dialogam com o poeta chileno Vicente Huidobro e com sua aposta na escrita como “o balançar de mar entre duas estrelas”. Tal balançar simboliza o escape do texto lido/visto como um acontecimento encerrado, como algo definitivo. Pois tudo se move, tanto o mar quanto as estrelas.

As palavras estão ativas no movimento marítimo, e escapar dessa determinação é evitar encarar milhares de possibilidades que os encontros – enquanto criação – proporcionam. A montagem que o estrangeiro busca é fazer dobrar os sentidos das palavras, fazer significados emergirem revelando outros traços. Não há uma objetividade plena, a não ser o próprio transcurso da produção de pensamento.

A escrita também é usada para emitir sinais, como um farol, ou simplesmente para lançar mensagens em código Morse a certas pessoas cujos destinos antes eram ignorados. Jogar seus nomes ao acaso, em diversas páginas, e aguardar notícias é uma boa solução. Mistura-se uma rigorosa alternância entre ação e escrita. As experiências, as caminhadas, todos os aprendizados e escolhas feitas através da cidade são motes desta aventura.

Dizem que há algumas técnicas que devem ser seguidas para alcançar uma escrita efetiva. Para começar, quem quiser lançar-se a escrever uma obra de fôlego deveria se instalar comodamente e conceder a si próprio ao fim de cada dia de trabalho tudo aquilo que não prejudicasse a sua continuação. Ressacas nem pensar. Também não seria bom deixar que nenhum pensamento passasse incógnito, tendo o bloco de notas como o melhor amigo de bolso, já que a fala conquista o pensamento, mas só a escrita é capaz de dominá-lo.



O caderno de anotações acompanha o personagem, observador dessa incursão. Mas ele também está livre para os registros que não requerem papel e lápis. Livre para registrar com a memória fotográfica que teve que aprimorar com a mudança para o Rio. Cada sensação, descoberta de um novo restaurante, do lugar com a cerveja mais gelada do bairro, da vendinha com as hortaliças mais baratas e gostosas, de onde o cheiro de perfume vem mais forte, e onde achou o samba simples e divertido das ruas cariocas. As memórias ficam, formam o corpo, dão outros sentidos, mudam gestos e expressões. A coleção de novidades e de descobertas começa a formar o estrangeiro.

As memórias e o presente transcritos na cartografia não se dão por acabados até o estrangeiro mergulhar no trabalho mais uma vez, desde o serão até ao nascer do dia. É na madrugada que o barulho do silêncio deixa a escrita mais fluida, as ideias ganham impulso e serenidade. Outra dica para que ele aprendeu é: não escrever as páginas finais da cartografia no lugar onde habitualmente trabalha. Ali, poderia perder a coragem de fazê-lo.

Há também quem o alerte que escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores, seus lutos, seus sonhos e seus fantasmas. Não se escreve com as próprias lembranças, a menos que delas se faça a origem ou a destinação coletivas de um povo por vir ainda enterrado em suas traições e reneгаções. O narrador também sabe que pecar por excesso de realidade ou de imaginação é a mesma coisa. A literatura segue a via inversa e só se instala descobrindo sob a potência de um impessoal, que de modo algum é a generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau. A literatura só começaria quando nascesse em nós uma terceira pessoa que nos destituiria do poder de dizer “eu”.

Embora remeta a agentes singulares, a literatura é delírio e agenciamento coletivo de enunciação, pois não há delírio que não passe pelos povos, pelas raças e tribos, e que não ocupe a história universal. Todo delírio é histórico-mundial, deslocamento de raças e de continentes. A única maneira de defender a língua é atacá-la, e cada escritor é obrigado a fabricar para si sua língua.

Também já foi orientado que o estrangeiro não deveria escrever com as próprias neuroses. A neurose e a psicose não são passagens de vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido, impedido. A doença não é

processo, mas a parada do processo, como no “caso Nietzsche”. Por isso o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. Considerando-se esses critérios, vê-se que, entre todos os que fazem livros com intenções literárias, mesmo entre os loucos, são muito poucos os que podem dizer-se escritores. Haja responsabilidade ao enxergar por essa ótica.

Mas será que daria mesmo para se separar das neuroses no processo de montagem desse narrador? Seria possível se separar das lembranças produzidas ao longo de trinta meses no Rio de Janeiro para criar as próprias metamorfoses? São perguntas sem resposta, deixadas no ar de forma intuitiva. A construção da rede de afetos também passa por esses componentes: memória, neurose, psicose. Ele aposta no ponto-chave de não deixar cair no tom “umbigal” e buscar o eixo de diálogo com o outro, com todo esse agenciamento coletivo de vozes que vivem juntas de tantas formas.



#### **4.2. Sobre deixar o “eu” de lado e andar pelas mesmas ruas**

Escrever pela voz do outro, deixar o “eu” de lado e entrar em uma cidade como uma lâmina que atravessa tudo, como gostava de dizer Virginia Woolf. Quem se importaria com uma narrativa de um mundo interior? Nesse ponto que

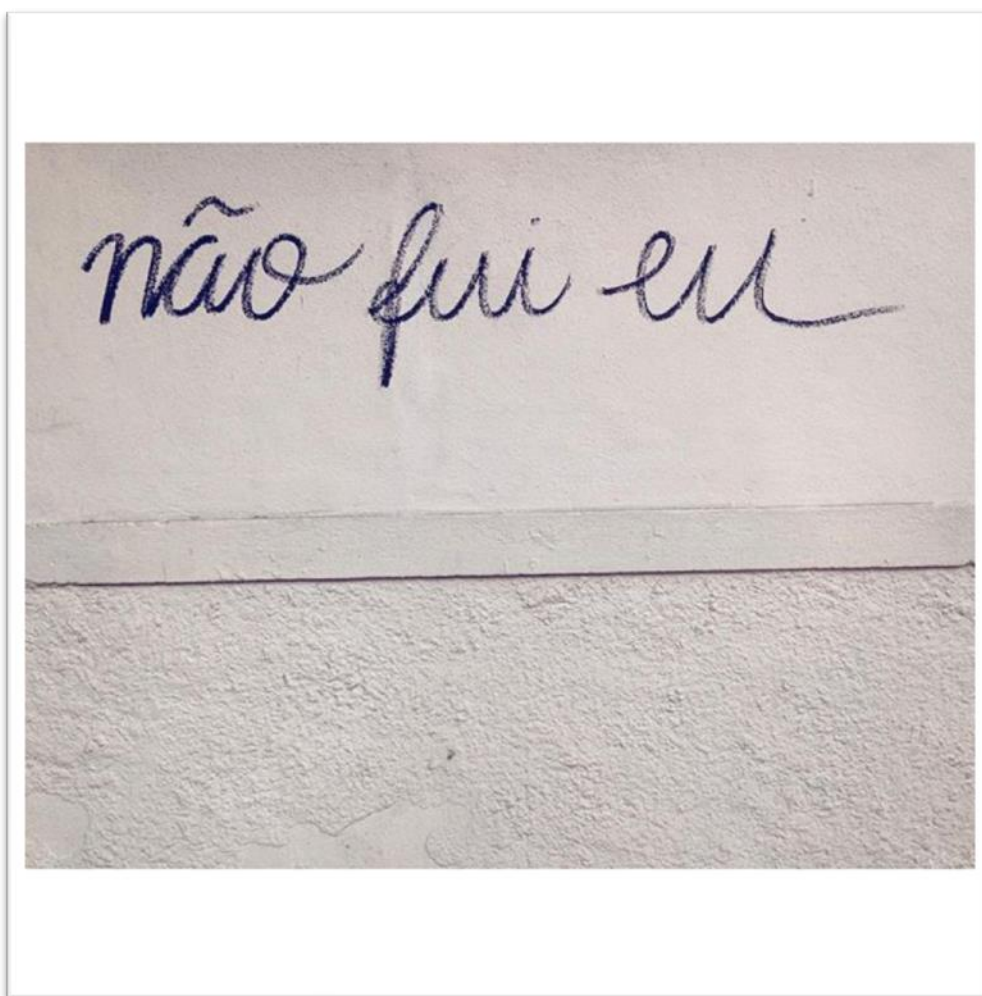
entra a anulação dos confessionalismos demasiados, no qual esse tipo de escrita pode não se mover e só gerar fixações. O estrangeiro na cidade é despreparado, busca linhas de fuga para escapar das estruturas. É do time dos esburacamentos, das rangências, dos riscos, de mais gestos (ação com emoção) a atos (pura ação).

O seu corpo é repleto de dramas e de tombos. A própria etimologia grega de *drama* vem também de ação, principalmente de um grande feito, positivo ou negativo, ligado a fazer, realizar, representar. Ou seja: é aquilo que se move, o que é capaz de tombar, como uma música de hip-hop-pop colorido da curitibana Karol Conka. O corpo na nova cidade tenta fugir das colonizações, é feito de pura entrega e lida com um reservatório composto pela vivência mental e corporal a 220 volts. Reservatório repleto de desejo, na forma de agenciamento, em que não se deseja só uma coisa, se deseja em conjunto, com uma série de fatores que nos atravessa, formando tais aproximações.

Um poste de luz cheio de fios tomados por uma imensa buganvília, repleta de folhas verdes e de flores rosadas na rua Jardim Botânico, já perto do Humaitá, é uma dessas imagens-reservatório, em que se percebe a natureza entre as criações tecnológicas. O escape verde e rosa natural no impreciso asfalto. Percebe-se também a linha de fuga entre a tempestade de verão e as obras no trânsito.



O estrangeiro nota mudanças e recortes nas paisagens da cidade, capazes de surpreendê-lo todos os dias. O motivo é simples: a cidade muda todos os dias. Uma rua já não é a mesma no próximo dia em que você passar por ela. Um novo buraco na calçada, um grafite na parede do prédio, uma loja que abriu, a banca de portas fechadas, o poste com luz queimada ou o novo abajur na varanda do vizinho. A intervenção urbana que estava lá (“Pedro Paulo bate em mulher”) e que no outro dia é substituída por um cartaz colado em cima (“Emergências”). Pode não ter sido proposital, mas faz bastante sentido quando o assunto é uma emergência no debate público.



Imagine, então, trinta meses depois. Em um domingo ensolarado, marcando 40°C graus de estilhaços cariocas, ele trilhou o mesmo caminho feito ao chegar pela primeira vez ao Rio de Janeiro. A primeira caminhada feita para escolher onde seria seu primeiro pouso na cidade, onde montaria seu quarto e

criaria a primeira nuvem de afetos, onde poderia encontrar algumas paredes de cimento, decoradas, para chamar de lar.

Voltou andando para casa da Lapa até o Flamengo, às 19h no horário de verão. Já na travessia Glória/Catete/Largo do Machado, teve um *déjà vu*. Poderia se lembrar com clareza dos primeiros passos, havia dois anos e meio, ao sair meio perdido do metrô do Largo, diante dos sinos da igreja Nossa Senhora da Glória. Naquelas batidas de 2013 acompanhadas pelo movimento do almoço de meio-dia na região, o espaço tinha cheiro de futuro. Tudo parecia desfocado, as distâncias eram grandes.

A rua do Catete parecia infinita, a Marquês de Abrantes também. Ao entrar na Paissandu, as sombras das palmeiras imperiais chamaram a atenção. Eram enormes e ocupavam a rua inteira. Sem ônibus, poucos carros – alguns estacionados, outros tentando ir a algum lugar –, muitas orquídeas e canteiros verdes. Começar no Rio de Janeiro pela rua Paissandu é para poucos – ele tinha clareza disso.

O que mal sabia naquela época era que a primeira vista é para os cegos. Mal sabia que anos depois a Paissandu seria seu porto colorido, e tantas outras vezes derivações de preto e cinza. Mal sabia que os belos contornos dos cartões-postais são bordados de fajutas expectativas. Mais tarde, apostaria que, para conhecer as ruas, seria preciso interrogar, interrogando primeiramente a si mesmo.



Seria (e é) preciso iluminar os acasos que tornam a cidade imprevisível e lhe oferecem mistério. Porque o Rio não é só luz, praia, samba, funk, natureza e futebol. Não é só geografia, revelações ou memórias. Há, em movimento contínuo, resistente, reinventado, mutante, vozes e cheiros a reconhecer.

Deslocar-se, estar preparado para espaços e meios completamente inesperados e inusitados, potencializando-os com movimento, embaralhando signos instituídos, gerando diferença e necessidade de ação. Um corpo na cidade aberto a experiências de deslocamento que transformam também a cidade – e é transformado por ela.

### 4.3. O amor é feito de cortes

*Como é fácil amar aqueles que se despedem. A chama que arde pelos que se afastam é mais pura, alimentada pelo lenço fugaz que nos acena da bicicleta ou da janela do carro. A distância passa a penetrar como tinta naquele que desapareceu, e repassa-o de um fogo suave. Depois de doze meses, se encontraram no calçadão da praia de Copacabana, e ela disse a primeira coisa que pensou: “Você está igual. Está igual, continua sendo assim, exatamente do jeito que você é. E eu continuo sendo do avesso, sempre fui do avesso, e agora quem sabe eu conte a você que em São Paulo fiquei ainda mais do avesso, completamente do avesso.”*

*Depois do encontro, em vez de ir para o apartamento, fez sinal para um táxi e pediu ao motorista que apenas dirigisse. Repetiu, explicou e até deu o dinheiro adiantado para o taxista: “Siga em qualquer direção, rode em círculos, em diagonais, tanto faz, eu desço do seu táxi quando eu sentir vontade”. Foi uma longa viagem, sem música, de Copacabana até Madureira. Durante o trajeto, não conseguiu responder a nenhuma das perguntas que o motorista de táxi lhe fez. Não o escutou.*

*Semanas depois, ele acordava e, antes de preparar o café, ligava o computador e o celular. Checava os e-mails e a caixa postal para ver se havia algum sinal dela. Seus pensamentos tinham um único objetivo: o amor dela. Vinte e quatro horas por dia, quando comia, quando trabalhava, quando tomava banho, quando dormia, só pensava nela. Checava novamente os e-mails:*



*propagandas, amigos convidando para sair ou pedindo favores, informações de palestras ou cursos.*

*Dela, nada, nenhuma palavra, nenhum sinal. Ia para o quarto e deitava na cama ainda desfeita. As cortinas fechadas como se fosse noite. Debaixo da coberta, olhava o teto e perguntava-se se um dia isso passaria, se um dia ele deixaria de pensar nela. Já hoje, tudo mudou. Como o mundo dá voltas, mesmo que essa frase pareça ser um grande (verdadeiro) clichê das comédias românticas. “Como é cruel (e bonito) que a vida continue depois, e além, de você”, dormiu sorrindo.*

*Depois de quatro anos, sentia que conseguia entender a história melhor. Antes, tampouco conhecia a extensão do próprio sentimento. Em conversa com um amigo, dizia: “Era como se o esticássemos a cada dia um pouco e, quanto mais o esticávamos, mais entendíamos que ele iria até onde quiséssemos. Ele não tinha fronteiras, não tinha tamanho, era uma presença forte. Também não tinha tempo, e foi só mais tarde que compreendi o que na época estava misturado com dor”.*

*Hoje, sabe exatamente o que significa esse sentimento entre os dois. Porque o passado não conseguia deixá-lo enxergar bem, nem a si mesmo, muito menos ela. Tudo era muito estranho e tinha um gosto salgado. Um gosto salgado de lágrimas.*



#### 4.4. Você não vai passar

*Em abril de 2015, ele brigou com o mar.*

*Foi lá, num mergulho elétrico de sábado raso, que tudo começou.*

*Os dias, a partir de então, nunca mais foram os mesmos.*

*Nuances de cor e de formas ainda desconhecidas subverteram os espaços.*

*Pois foi lá que o corpo rompeu com a mente.*

*Eles pararam de conversar.*

*Discutiram, gritaram, se encolheram e se emudeceram.*

*Assumiram que já não dialogavam havia tempos.*

*Foram meses incomunicáveis.*

*Falavam línguas completamente diferentes.*

*Até então, ele não sabia que o corpo existia muito mais vivo do que a mera extensão dos pensamentos, da cartografia sentimental da cidade, das leituras delirantes na contramão da vida.*

*Em abril de 2015, o corpo disse: você não vai passar. Desse jeito, você não vai passar dos anos que esteve dando voltas por aí, muito menos vai passar com a dor quando flagrar seu corpo dando sopa novamente por aí.*

*Repousa, repensa, reinventa, renova, revoa, re(impulsa), re(encarna), (res)pira, retira, re(memora), re(aprende).*

*O que ele aprendeu em 2015?*

*Aprendeu que o corpo tem temperamento – dos fortes.*

*Aprendeu que o corpo impõe que os sentidos se espalhem.*

#### 4.5. Guia de ônibus

Blanco, Regina, Tinguá, Costa Verde, Caravele, Mauá, União, 1001, Limousine Carioca, Fagundes, Rio Ita, Rio Minho, Galo Branco etc. Os ônibus passavam rápido pelas ruas, deixando rastros por todos os lados. As cidades dentro das cidades se cruzavam, cheias de passageiros, cheiros, afetos. Na espera do ônibus, o estrangeiro observava as pessoas e criava pequenas histórias para cada uma delas. Era um território particular. Criar enredos para os passageiros é um instrumento de sobrevivência, para diminuir o cansaço. Perceber falas, tons,

vozes e frases foi ocupando o lugar desse procedimento de inventar histórias. Naqueles instantes de criação, ele sentia-se confiante.

Rodou quase uma noite inteira dentro do 410 chorando. Era como não ter pulmão para respirar. Não sabia exatamente como, mas uma saudade contundente e frágil dos amigos o tomou. Chorava no percurso e não conseguia sair do ônibus, principalmente depois de passar pelo Centro. O Centro mexia com ele, todas aquelas construções antigas, repletas de história, fazendo-o crer que todo mundo que morasse no Rio deveria ter um lote imaginário para pensar com calma em como se envolver mais com a cidade.

Ao longo do repetido caminho, apesar das lágrimas e do buraco nos pulmões darem a constatação física do tamanho da dor que sentia, ele desconfiava daquela dor. Experimentou um prazer em organizar a dor de existir. Ver a beleza da cidade, deixar-se inebriado pela paisagem da janela. O que passa na cabeça das pessoas que cruzam a cidade na madrugada dentro dos ônibus?

Quem gravita em torno de quem? Onde é o umbigo do mundo? Será que a cidade invade o lugar de seus pensamentos? Ou será que os pensamentos já estão preenchidos o bastante por alguma rotina banal, pela preocupação do que será o dia seguinte ou se é possível aguentar a chegada da velhice? Como será que cada um constrói o quebra-cabeça de sua autoviação?



Em alguns momentos, os passageiros riam alto no ônibus. Em outros, todos atentos aos celulares, movimento de pescoço típico chamado *whatsapp* – as cabeças estão muito ocupadas para delirar ao som do movimento das paisagens lá fora.

Ao tomar coragem, parar de soluçar e descer do ônibus, começou a caminhar. Ele prefere circular na madrugada, tem a impressão de que sobra mais mundo para procurar com liberdade todas as ficções possíveis em um centro urbano caótico durante seu silêncio. No Rio de Janeiro da ficção, a liberdade é total.

#### 4.6. Observar pelo canto do olho

Em 1987, o poeta curitibano Paulo Leminski lançava o mantra: *Distraídos venceremos*. “O Rio tem distração de sobra; cuidado, isso não é bom”, ele ouve nas conversas de metrô. “Mente vazia, casa do diabo”, dizia sua avó. Mas são nos estalos de distração que ele consegue enxergar o que a rua guarda de mais precioso. O cachorro que dorme na caixa de papelão, escondido entre duas quinas de calçadas; a rachadura da parede do vizinho onde brotam folhinhas verdes; a casa antiga com flores de manacá que resolveram driblar as estações e abrir bem no inverno, perto da placa “Pare”; a fachada de vidros antigos que estampa a rua Ipiranga.



Isso para não falar dos deliciosos *insights*, definidos na língua inglesa como a capacidade de entender verdades escondidas ou sinônimos de intuição. Esses acontecem mesmo quando não são chamados, são estalos nos momentos da distração: em um almoço besta de domingo, sozinho, à mesa surrada do apartamento; no café da esquina, enquanto espera a refeição chegar; no cinema, ao ver um diálogo que o leva a lugares imaginários e aponta algumas direções; na feira de terça-feira, quando um encontro surpresa o faz acreditar que vai valer a pena todos os perrengues possíveis.

Observar o pensamento é pensar por cima do primeiro pensamento, e o mais importante seria aquele que surge como última observação. Observar pelo canto do olho é, em ciência, começar a elaborar a hipótese. O que é observado pelo centro do olho é o evidente, o óbvio, aquilo que é partilhado pela multidão. Na ciência, como no mundo das invenções, observar pelo canto do olho é ver o pormenor diferente, aquele que é o começo de qualquer coisa de significativa. Isto é: pensar ligeiramente ao lado. A isso chama-se criatividade.

A distração, de uma forma que não seja nem passiva nem rígida, pode funcionar como uma luz para construir as dobras de uma cidade, sem se preocupar com algo totalizante, global. O olhar fragmentado levanta uma comparação interessante entre pesquisa e amor. O olhar daquele que ama para seu amor é igual ao olhar do cientista para seu objeto de estudo. No intuito de dar atenção à coisa amada, o que o rodeia fica em segundo plano, e o mesmo pode suceder nos estudos científicos, sendo preciso ampliar o campo de visão, permitir-se escorregar, tropeçar, assumir outras perspectivas.

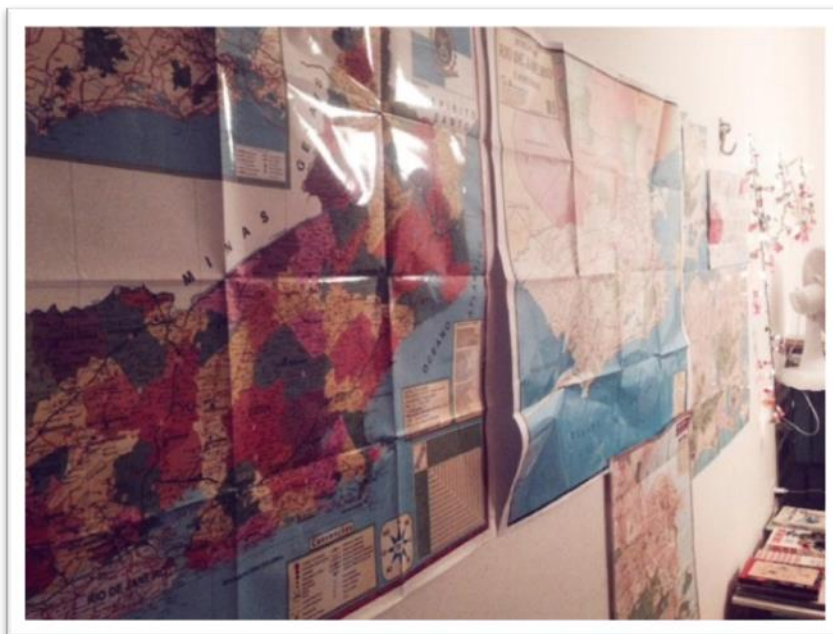
Se a verdade é uma circunferência, esta não terá, certamente, um raio limitado. Porém, cada olhar – quer seja o do amante para a amada, quer seja o do cientista para seu objeto de estudo – tem, obrigatoriamente, um raio limite. Tudo aquilo que se encontra para além desse raio não recebe a atenção do olhar. Daí ser, por vezes, o olhar distraído (o não obcecado) aquele que capta o mais importante na cidade.

#### **4.7. Banca dos mapas**

A banca do largo da Carioca, no Centro do Rio, é conhecida como a “banca dos mapas”. Basta perguntar: “Onde fica aquela banca cheia de mapas

mesmo?”, que qualquer pessoa que trabalha na região, ou passa por ali com certa frequência, sabe responder. Do lado de fora da banca, estão todos pendurados, expostos. Seu Jair cuida do trabalho, visto que seu Marcos já passou dos oitenta anos e não consegue ter o mesmo gás de antigamente.

Não há quem agunte tanto tempo o calor que faz no Rio, ainda mais dentro da banca. Seu Jair conta que, em sociedade, começaram a trabalhar vendendo mapas há mais ou menos 13 anos. “Fizemos para ter um diferencial, termos algo que chamasse atenção, nos diferenciássemos dos demais. Há tantas bancas espalhadas pela cidade, né? E hoje tudo anda difícil. Apostamos nos mapas e deu certo. Vendemos muito, principalmente para alunos e professoras de escola”.



A coleção de mapas do estrangeiro ganhou ainda mais motivo naquela tarde de segunda-feira, em julho de 2015. Juntou as moedas, as notas de R\$2 e comprou vários mapas. Das estradas do Rio de Janeiro, da cidade, do estado. Com todos devidamente colados na parede do quarto, ele conseguia entender minimamente a dimensão daquela cidade, daquele estado. No conforto de casa, ele ficava abismado com o tamanho e a disposição do Rio.

Antônio, o porteiro do prédio, dias antes, tinha dito que morava em Queimados – considerado Baixada –, mas vinha para a Zona Sul desde que se entendia por gente. Todos os trabalhos eram feitos nessa região, desde a adolescência, quando se mudou do Ceará para as terras fluminenses. Com a

lembança, o estrangeiro identificou Queimados no mapa. Como era longe Queimados do Flamengo. “Olhe, Vila Valqueire, aquela vila de militares. E Padre Miguel, com as distâncias todas milimetricamente calculadas. Tudo tão organizado no papel e tão emaranhado na ‘vida real’”.

Começou a aumentar a coleção de mapas a partir de todas essas descobertas. Amigos que já sabiam de seu interesse o presenteavam. “Fui a uma festa no *hostel* e trouxe para você.” Amigos virtuais também começavam a contribuir. “Já viu esse site? Tem ótimos recortes de mapas e atlas não só do Rio, mas do mundo inteiro.” Até o correio ajudou na pesquisa. “Trouxe coisas da Itália e de Portugal para você, me passa seu endereço certinho? Envio de presente, com chocolate de brinde.”

Mapas e atlas passaram a fazê-lo dormir, seus melhores amigos e confidentes por longos meses. E pensar que o primeiro atlas, aquela bíblia do nômade abastecida de geografia, de geologia, de climatologia, de hidrologia, de topografia, de orografia, tinha tantas pistas e informações. Naqueles mapas, ele fez várias viagens misteriosas, por meio das poéticas dos nomes, traçados, volumes e cores.

Além dos mapas físicos, marítimos e políticos, os atlas propõem igualmente o traçado das comunicações e dos fusos horários: depois da geologia, da geografia, da história e da política, a economia. Pois as linhas marítimas, as ligações aéreas, as distâncias em milhas, os números a acrescentar para obter as horas locais, as estradas, as ferrovias, os aeroportos correspondem às trocas: fluxo de homens e mulheres, circulação de pessoas, idas e vindas de mercadorias, transferências de informações, facilidades das vias traçadas em terra, ar e mar a fim de conduzir engenheiros, comerciantes, banqueiros, industriais. E entre eles, os turistas a caminho do sol.



Um mapa enuncia a ideia que se tem do mundo, não sua realidade. Quando os primeiros cartógrafos propõem seus desenhos, eles deixam transparecer uma teologia, uma concepção da relação entre divino e humano, o celeste e o terrestre, confessam a ação da época metafísica sobre eles. Todos os mapas colocam como epicentro o núcleo de sua representação intelectual. Na maioria das vezes, a imagem e o reflexo de si..

Para organizar esse real diverso, os geógrafos recorrem à geodésia. Eles materializam o real e encaixam-no em fusos, latitudes e longitudes. Desenham trópicos, um equador, dois círculos polares, um ártico, o outro antártico, traçam um meridiano que atravessa Greenwich no seu centro e se amarra aos polos. O devaneio do estrangeiro circula nesse mundo de marcas e linhas, cifras e números de que se alimenta o desejo nômade nas primeiras horas, em busca de um lugar que vele e desvele uma reminiscência.



#### 4.8. Saudade, a impossibilidade de se desconectar



Rio de Janeiro, 22.2.2015

*Meu querido amigo Carlos,*

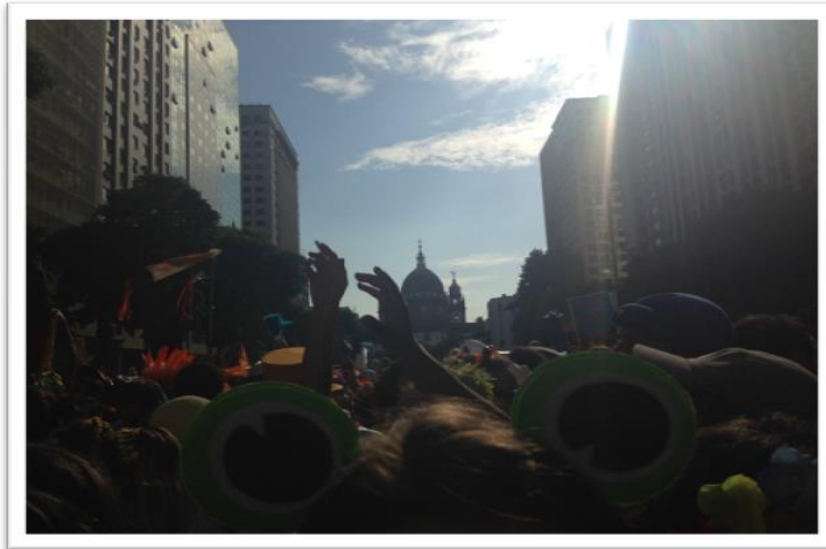
*Chegando hoje de Vitória, fui direto para casa (exausto – minhas costas doem demais, tive insônia esses dias) buscar a carta que havia chegado para mim – Era sua! Valeu todo o meu cansaço... Você nem imagina a alegria que senti. Uma carta é sempre um pedaço da pessoa, e a gente lê uma, duas, três vezes tal a fome que é a saudade que a gente sente dos amigos! Acho que virei até antropófago, como a Lygia. Alimento-me das nossas gargalhadas, do vento gelado da ilha no inverno, dos fins de festa que só você aguentava comigo. Sorrio sozinho enquanto relembro as crises de choro, o abraço seu que dói de tão forte. Com você por perto (fisicamente), era mais fácil. Nessa cidade, de mais de sete milhões de habitantes, estou sozinho. E eu nem precisava de tanto, sabe? Precisava de um amigo, desses calados, distantes, mas que secretamente influem na vida, no amor, na carne. Alguém que entrasse nesse minuto, me desse carinho, me salvasse desse aniquilamento. No Rio, conheço vozes de bichos, sei os beijos mais violentos, viajei, briguei, aprendi. Estou cercado de olhos, de mãos, afetos, procuras. Mas se tento comunicar-me, o que há é apenas a noite e uma espantosa solidão. Por*

*aqui, é muito quente, quase não conheço ninguém, não consigo me desconectar. Choro quase todas as noites, durmo para não pensar, o silêncio já não é bem-vindo. Ando de ônibus, entro no quarto, vou ao supermercado, pego o trem, mas não me reconheço. Será preciso tempo para digerir tanta mudança junta. Sorte que o carnaval está chegando, e, naquele barulho constante, só tenho corpo para balançar. Preciso cansar o corpo. (O meu signo é escorpião, lembra-se?) Manda um beijo para o Hélio. Sinto saudade de vocês três.*

#### **4.9. Amanhecer na Candelária**

Muitos eram vistos lá de cima. Do pequeno vidro embaçado e sujo do banheiro do Centro Cultural Banco do Brasil, dava para notar a multidão lá embaixo, logo no cruzamento das avenidas 1º de Março e Presidente Vargas. A madrugada dava sinais de que o céu iria pesar sobre as costas de todos os que ocupavam parte do Centro naquele sábado frio. A música não parava por sequer um minuto, o palco estava tomado e os corpos riam, pulavam, não paravam quietos.

A cidade estava ocupada. Corpos, ações, forças, gestos. Uma multiplicidade infinita de possibilidades singulares constituindo a cidade em processo. Todos os produtores de sentidos re-inventando, re-existindo na/a cidade, ocupando e criando atuais potências de vida em seus espaços públicos, em suas veias e vias expostas ao sol. Produzir alegria. Produzir vida. E que tudo mais vá para o inferno! Esse é o lema de Maiakovski e do Sol. E por que não daquela multidão?



A Candelária próxima, vigiando o dia amanhecer, espaço símbolo de um Rio trágico, ali perto, inundada de gritos, danças, músicas e corpos. Muitos corpos, desses alegres, em outro cenário possível para uma madrugada fria de sábado. Mas quem a pode esquecer como recorte violento dos anos 1990? Talvez os “gringos” lá pudessem. Um espanhol perguntou para um amigo: que igreja é essa? Mal sabia o carma que ela ocultava.

O estrangeiro a olhava e recordava as notícias de jornais dos anos 1990, a matança sangrenta, e uma parte dela parecia desfigurada para sempre. Por um minuto, ele pensou em voz alta: “Quando essas feridas tiverem fechado, como será que vou conseguir encarar a Candelária? Será que um dia essas feridas vão se fechar?” Lembra-se bem da saída do Boitolo, bloco de carnaval dos domingos, às 7h da manhã, com início na frente da igreja. Sabia da alegria que também pertencia ao lugar, mas sempre permanecia ali com um incômodo, um choro engasgado.

Parou de voar, voltou a ouvir o barulho alto das músicas, aterrissou novamente na festa. Finalmente, percebeu que tinha amanhecido. Não sabia quantas horas tinham passado dentro dos próprios pensamentos. Desceu a escadaria do CCBB e notou que todos olhavam para a igreja, ajoelhados e inertes. A música parou, o sentido se transfigurou. Amanhecer na Candelária é forte. O céu era vermelho, meio laranja. Chovia fino, das águas que gripam e matam a sede no fim de uma festa. Molhados e mortos de cansaço; era hora de deixar as

dobras da cidade para trás com a certeza de que as ruínas do passado ainda cintilam.



#### 4.10. O sol há de voltar

Caminhar é melhor do que ficar parado, estático, dentro do trânsito ensurdecedor das 17h, característico da Zona Sul do Rio de Janeiro – como o do eixo Lagoa-Gávea-Jardim Botânico-Humaitá-Botafogo. São escolhas. Há quem prefira a inércia dos abafados transportes públicos. Há quem tenha agonia deles, desça aos bufos e prefira encarar o asfalto de perto. Pensar está também no caminhar. Caminhar é ação que faz o estrangeiro olhar de perto os muros da cidade, pintados com narrativas íntimas espalhadas por quem habita o espaço “comum”. O estrangeiro gosta de pensar andando e encorajou tantos outros a adotar esse hábito em um discurso pessoal.

Em um domingo cinza, eis que Nietzsche invadiu seu apartamento. Na caminhada até a cozinha para o café, as ideias borbulhavam, assim como a cafeteira apitando que o pó preto extraforte já estava pronto para ser bebido de vez. Ao traçar a linha entre o quarto e a sala, os afetos saltaram de um lado a outro. É dia de luto. É dia de repouso, de relembrar incapacidades físicas. É dia de

mostrar que quem manda é o corpo. O corpo grita nas caminhadas internas – ele não andava bem de saúde.

Foi justamente nesse domingo que o alemão apareceu de forma esperançosa, na leitura feita na rede vermelha rendada vinda diretamente de Piripiri, interior do Piauí. Foi entre os traçados desse apartamento, que tanto dizem e calam, que a folha do jornal de domingo conversou com o chamativo título: “O que Nietzsche tem a nos dizer”. Um dia depois de publicada, a coluna do filósofo Márcio Tavares D’Amaral começava mais tarde para ele, logo assim:

— Nietzsche foi um filósofo que pensou e escreveu coisas extraordinárias, muito duras. Fugia dos contatos, arrastava atrás de si um enorme baú com seus livros, roupas, pouca coisa mais. E procurava o ar frio, bom para a saúde frágil. Punha sua mesa de frente para o sol e saía, andarilho. Na volta anotava impressões e ideias, quando ficava satisfeito, as organizava em aforismos, pequenos capítulos, poemas, e tinha um livro. Publicava-os e ninguém os lia, nem comentava. Sentiam medo do solitário violento.

Ao longo da leitura, percebeu que o texto era de esperança, sentimento que andava faltando na cidade contemporânea (e em sua própria vida). Um dos trechos que mais o animou foi o que mostrava o filósofo preocupado em fugir dos sistemas cheios de rigor lógico, tão distantes da vida. Aquele homem meio desconhecido odiava o que Sócrates defendia com afinco e lutava por uma filosofia que servisse à vida – caso contrário, ficasse quieto e não atrapalhasse a potência que é viver.

Não bastasse a dose de otimismo em um dia tão cinza, as palavras iam além. D’Amaral fazia questão de frisar que, por aqui, parece que se lamenta muito a escuridão. Como se a história e os sonhos estivessem acabados em meio a essa maré turbulenta de intolerância e de disputas em que os cidadãos se encontram. Porque amanhã haverá sol, depois raio, depois trovão, mas o sol há de voltar e retornar ainda mais forte, como uma caminhada que traz revelações sensíveis depois de muitas andanças tortas.

— Nietzsche pode ter pensado coisas estranhas, mas nessa teve razão: o tempo não acaba para aqueles que amam a vida acima de ponderações e conveniências. E estão dispostos a alucinar, encher-se de luz por ela. Esse pode

ser hoje um bom nome para a esperança. Que retorna sempre, finaliza o colunista com alegria, sussurrando que o próximo domingo há de ser de sol.

#### 4.11. Notas do diário estrangeiro



Rio de Janeiro, 12.7.2015

*Acostumei-me a guardar tudo nas caixas. Caixa: dor. Caixa: amor. Caixa: fim. Caixa: mágoa. Caixa: raiva. Aí, veio você e bagunçou tudo. Misturou todas as minhas caixas. Furou, perfurou, retalhou, pintou e bordou em cada uma delas. Todas se abriram, viajaram por aí afora e nunca mais voltaram as mesmas. Hoje restaram caixas expandidas, sampleadas, sem molduras ou limites.*

*Hoje perdi todas as velhas caixas. Vez ou outra, procuro, insisto. Mas sei bem que não quero mais só ficar bem na foto. Quero dizer a que vim, mesmo que isso me custe revelar coisas de que não gosto em mim. Nem sempre gosto dessa cara de alegre, quando sei que há tanta dor. Hoje eu não acredito em mais nada oitenta ou oitenta, você sabe, eu aprendi demais.*

*Preciso me (re)organizar nessa cidade. Aprendi a força que a vida é fora das caixas. Sabe que, ontem, caminhei à noite durante horas. Era como se eu*

*quisesse me perder por alguma rua nova no Rio. Perder-me absoluto e alegremente. Mas há momentos em que não podemos, não sabemos nos perder. Ainda que tomemos sempre as direções erradas.*

*Ainda que percamos todos os pontos de referência. Ainda que se faça tarde e sintamos o peso do amanhecer enquanto avançamos. Há temporadas em que, por mais que tentemos, descobrimos que não sabemos, que não podemos nos perder. E talvez tenhamos saudade do tempo em que podíamos nos perder. O tempo em que todas as ruas eram novas. O tempo em que eu não sabia como voltar para casa.*

#### **4.12. 365 dias de Cléa**

Cléa vem de quinze em quinze dias há trezentos e sessenta e cinco dias para arrumar a casa do estrangeiro. “Coração dos outros é terra que ninguém anda, meu filho”, gostava de profetizar às segundas-feiras. “O seu olhar melhora o meu”, ria, cantando alto com os fones de ouvido. Cléa, nordestina, é cria do Rio há mais de trinta anos. Demorou dez para voltar, visitar os parentes, ver se reconhecia os pais, tios, primos. Em junho, no mês da festa típica dos quitutes mais gostosos, Cléa decidiu ir. O tempo parecia ter parado por lá. Tudo igualzinho. Abraços fortes, clima quente, casas simples, mas agora repletas de bandeiras coloridas.

Mas ela não conseguiu aguentar de tanta emoção. Foi só comer o primeiro cachorro quente na tenda de dona Ana, para a febre, o suor frio e a dor na barriga chegarem de brinde: cama na certa. Que viagem maluca. Dez anos esperando chegar o aguardado dia para ficar dez dias de cama. Na volta ao Rio, ela ria de si mesma. Cléa tem essa aptidão: rir, por mais que doa. Ele admira isso em Cléa. Ela disse que o Rio sentiu ciúmes dela, veja só.

O Rio, essa cidade que Cléa passou a chamar dela, onde coleciona amores, cria os filhos, adora uma conversa e uma empada no fim do expediente. Cléa ouve música nos dois ônibus que pega para chegar à Zona Sul. Compra revista em quadrinhos para divertir o caminho na viagem longa. No Rio, ela quase não vai à praia, diz preferir as praças, e vez ou outra, um shopping para levar o menino e

ver um bom filme. Para a cidade, ela trouxe um hábito do Ceará: cantar os versinhos que sua mãe recitava para ela antes de dormir:

Ninguém sabe o que eu vi hoje,  
debaixo de um alecrim:  
duas pombinhas chorando  
por um amor que não tem fim.  
O bicho que tem no mato  
o melhor é pássaro-preto  
todo vestido de luto  
assim mesmo satisfeito.  
O bicho que tem no campo  
o melhor é sariema  
que parece com as meninas  
roxeando a cor morena  
O fogo quando se apaga  
na cinza deixa calor  
o amor quando se apaga  
no coração deixa a dor.

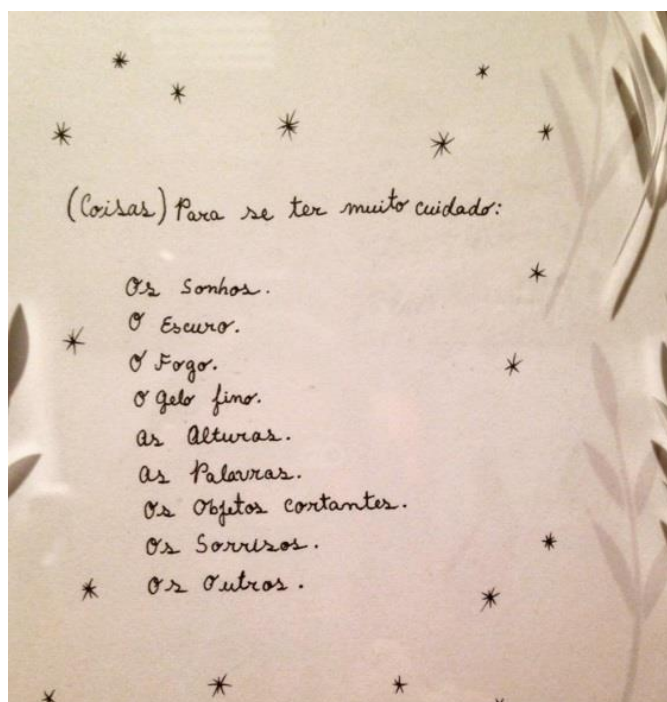
Também passou por momentos difíceis, quase pensou em desistir. “Sofri na casa das madames de Copacabana, hoje jamais”, conta, sempre acompanhada das gargalhadas. Hoje ela se impõe, se sente mais pertencente à cidade. Grita se necessário, corre quando quer, se esconde. Aqui, tolera viver com a diferença acirrada. O vizinho, filho de sua amiga, é transexual e levou por esses dias o namorado para a casa a fim de assumir os desejos à família. “Lá no morro, em torno da minha vizinhança, isso não é problema”, conta. “Nesse sentido, posso dizer que vivemos em paz, aceitamos que cada um sabe o que é, o que quer. Coração do outro é terra que ninguém pisa, meu filho.”



### 4.13. Outro, alteridade, amor e reconhecimento

É possível na alteridade buscar o comum e reconhecer-se no outro, mesmo que existam diferenças físicas e culturais? No Rio de Janeiro, as diferenças se transformaram em potência para o estrangeiro. Seus primeiros amigos foram do Ceará e do Piauí. Pense na mistura. A começar pelo sotaque, pelas gírias, pelo jeito divertido e afetuoso que eles têm de levar a vida. Lembra-se de ter começado a se sentir em casa entre as gargalhadas e os abraços dos nordestinos que tanto o acolheram.

Estar em contato com o “outro” em uma cidade com códigos desconhecidos fez com que ele conseguisse se enxergar nesse mesmo “outro” cada vez mais. “Vejo-me no outro, tento encontrar meus pontos em comum e os nós dessas relações. Como um desafio de integrar as diferenças em uma unidade que não as anule, mas que seja responsável por ativar o potencial criativo dessa possível (e generosa) conexão”, pensava.



Nessas horas, associa a diferença ao amor e, num fluxo de pensamento saltitante, relembra a carta que o ator Ethan Hawke enviou para sua filha após participar do filme *Boyhood*, dirigido ao longo de 12 anos por Richard Linklater.

“Explique-me mais uma vez por que o amor não pode durar para sempre. Por que ficamos egoístas? Por que não conseguimos perceber que nossos atritos podem ser utilizados para polir as qualidades de outra pessoa?” “Por que tantas vezes não conseguimos que os nossos atritos e nossas diferenças possam fortalecer a nós mesmos e ao ‘outro’ numa relação? Por que as diferenças são tão repelidas e em algum momento tornam insustentável uma convivência, se é na diferença que podemos nos enxergar? Se é na diferença que também podemos encontrar o comum?”, se questionou Ethan Hawke.

Desde que chegou à cidade, tenta fazer o movimento contrário. Por aqui, se encanta com as diferenças e se apropria delas com a vontade de reinventá-las, de ver graça no oposto, de encontrar respostas e perguntas naqueles que não necessariamente parecem o representar. Enxerga-se no outro todos os dias.

#### **4.14. Intervenções: desvios que levantam a cabeça**

A grande maioria de intervenções encontradas no meio urbano está relacionada a uma noção decorativa e descritiva do objeto artístico e/ou do artista como epicentro do evento. A experiência do espaço público enquanto espaço de intervenção esteve – na grande maioria das vezes – ligada a textos e discursos de poder, seja institucional ou o econômico.

O estrangeiro tem interesse em pensar o espaço público como algo que, para além de um suporte, é meio de produção de sentido, se desloca o tempo todo, extrapola as tentativas de significação estática, distende e nomadiza as iniciativas institucionais através da lógica de uso. É o corpo na cidade em experiências de deslocamento que transformam a cidade, e pela cidade são transformados, sob aspectos dessas pulsões de nomadismo e distensão.

A circunstância das intervenções urbanas apresentou-se camuflada na paisagem. As intervenções são dotadas de um certo “conteúdo virótico” capaz de instaurar uma reflexão efetiva no pedestre descuidado. “Viva vaia” é um desses exemplos. Os versos grafitados em preto nos muros da rua Paissandu, no Flamengo, o fez questionar um amigo: “Nunca lhe aconteceu ao se deparar com uma intervenção urbana interromper esse olhar, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Em uma palavra de arte

visual ou em algum desenho grafitado em postes e muros, nunca lhe aconteceu de levantar a cabeça com mais atenção?” Esse é um olhar apaixonado, responsável por nutrir sua relação com a cidade quando o tema é intervenção urbana.



Encontrou “Viva vaia” – ainda sem relacioná-lo ao criador dos versos – nos muros e ficou paralisado. Esteticamente, a concepção visual com os “A’s” e “V’s” chamou atenção. Semanticamente, foi inevitável pensar na força dessas palavras no contexto de 2014. Vaia é sinônimo de reprovação. Faz muito sentido associá-la à política carioca. Desde as truculências policiais nas manifestações que ganharam ainda mais corpo desde junho de 2013 até as espetacularizações promovidas pela televisão. “Viva vaia”: é importante não abafar descontentamento e indignação.

Semanas depois, ao ler um estudo sobre poesia concreta brasileira, lá estava estampada, em uma das páginas, “Viva vaia”. Era curioso se deparar com a escrita ali, em outro suporte, e, de novo, o paralisando, fazendo com que levantasse a cabeça inúmeras vezes de uma forma diferente. Nesse dia, estava dentro do quarto, parado, e foi lançado a deslocamentos lúdicos e ficcionais. Antes, na rua, caminhando apressado, algo o chamou atenção e o fez ficar imóvel (fisicamente), mas com o pensamento flutuante.

Relembrou que foi Augusto de Campos, na década de 1970, que criou “Viva vaia” de presente para Caetano Veloso. Quanta coincidência se deparar com o grafite, teletransportado da poesia concreta para as ruas mais de quarenta anos depois, ao mesmo tempo que começava a ler mais sobre o assunto. Lembrou-se do escritor moçambicano Mia Couto, que costuma dizer: “A vida apenas tem encontros; tudo o resto são descoincidências”.

Ainda falando em política, como não se abalar com as projeções do Coletivo Projetação? A frase “Rio, mais cinema, menos cenário” estampou monumentos da cidade, como Pão de Açúcar, Cristo Redentor e o teatro Odeon, durante o Festival do Rio – a maior mostra de cinema carioca com apelo internacional e visada em todo país por realizadores audiovisuais. O movimento quer ir além das belas imagens que compõem a cidade. O movimento não quer que as belezas naturais sejam só cenário, só pano de fundo de uma produção cinematográfica repleta de clichês. O desejo é de mais cinema: em quantidade, em qualidade e em diversidade.

Por um viés mais romântico e nostálgico, se deparou com a frase “Como é triste lhe rever vestida” em postes de Botafogo. O lambe-lambe criado pelo quadrinista André Dahmer promoveu viagens ao tempo, ao passado, aos relacionamentos que acabaram. À dor da separação, à melancolia que fica instaurada por tempo indeterminado e que vez ou outra volta. É mesmo triste encontrar um grande amor vestido.

Outro trabalho que encontrou nos muros da cidade foi o “Paginário”, do escritor e tradutor Leonardo Villa-Forte. Feito em parceria com vários colaboradores, tem a proposta de espalhar por alguns muros das ruas do Rio trechos de livros. Copacabana, Lapa, Laranjeiras, Botafogo, Santa Teresa, favela da Maré, rua do Ouvidor são alguns locais por onde o “Paginário” circula.

A partir das páginas xerocadas de romances, contos e poesias, os muros ganham outra estética, com marcadores coloridos, em que cada um dos colaboradores sublinha o trecho favorito. Além disso, as páginas estão disponíveis para que qualquer um que passe o olho por elas escreva algo, marque algum trecho que lhe chamou atenção ou anote comentários nos papéis colados nos muros sobre o que a leitura foi capaz de proporcionar.

É uma forma de brigarem contra a predominância de textos publicitários e imperativos que invadem os olhares em toda rua e muro, oferecendo alternativas com textos mais quentes e poéticos. A ideia é permitir encontros com autores em uma disposição diferente e colorida, uma ação sobre a página, tirando o livro da estante para levá-lo à rua.

A manifestação que começou na Zona Sul para marcar “SMH” (Secretaria Municipal de Habitação) em apartamentos avaliados em R\$1 milhão de reais também chamou atenção do estrangeiro. Era hora de deslocar o símbolo inscrito pela prefeitura em casas populares derrubadas para movimentação de obras na Cidade Copa-Olímpica, para ocupar os imóveis da elite carioca. Ou “3,80 é open bar”, marcado em bancas de jornal do Centro para pontuar que não “não estamos calados, a conta não bate quando se pensa o aumento da tarifa versus o serviço oferecido pelos ônibus no Rio”.



Todos esses encontros nos muros são experiências estéticas que procuram produzir novas maneiras de perceber o cenário urbano e criam diferentes relações afetivas com a cidade que não a da objetividade do dia a dia. Um lugar de

experiência, de diálogo e de relações lúdicas é proposto. Há um terreno fértil de combate que busca produzir novas maneiras de ver, sentir, perceber, ser e estar no mundo.

A cidade com seus cartazes, placas de trânsito, fachadas de lojas e *outdoors* transforma-se e renova-se como lugar de troca simbólica. Troca esta que, por si só, já é uma politização do cotidiano, uma vez que o diálogo é aberto através de intervenções. Sendo assim, intervenção é criar novos meios para levar mensagens aos espectadores.

As práticas de intervenções urbanas podem ser entendidas como um tipo tático. Há certas práticas que demonstram como os consumidores fogem à suposta passividade e massificação dos comportamentos a que estariam entregues. São procedimentos populares que jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com eles a não ser para alterá-los.

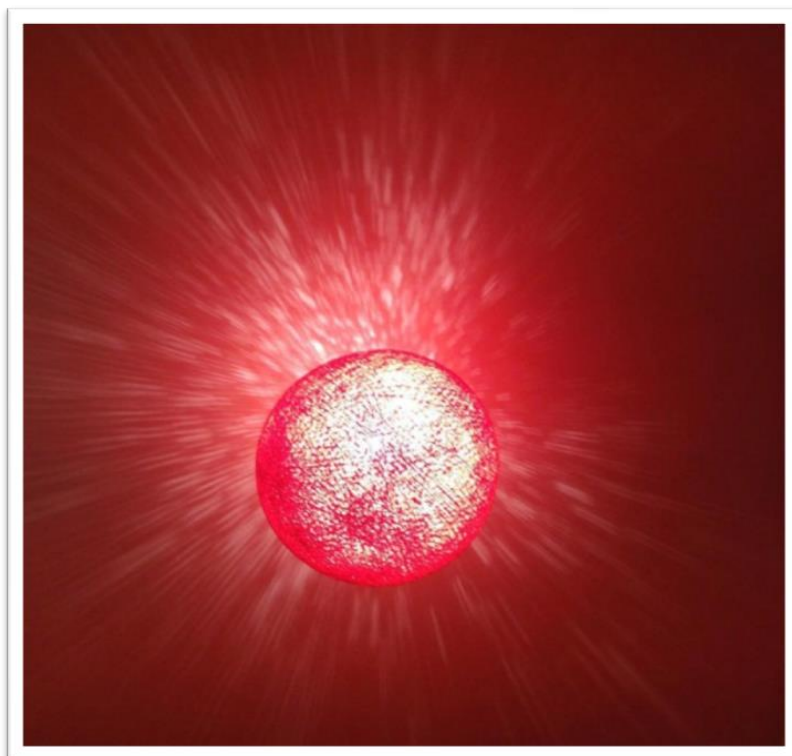


Esses movimentos de arte urbana caracterizam bem as políticas pós-modernas, com ênfase na fragmentação, ocorrendo a substituição da macropolítica por micropolíticas de subjetividade e transformações locais. A diversidade das manifestações nas ruas, com uma amplitude de interesses de grupos ou atos individuais engajados nessas atividades, acaba se destacando, e intervenções,

como políticas afetivas, atuam no campo de representações. O poder nessa ocupação através da arte nas cidades está em jogo, sendo articulado e disputado a todo momento. Os cidadãos querem participar, ter voz, ocupar espaços políticos e afetivos. O estrangeiro sabe que o poder não existe por si só, mas, sim, como uma relação de forças presentes em todo o tecido social. Ele também sabe que poder não é algo que se dá ou que se toma, pois ele surge apenas na prática e no exercício, está sempre em disputa. É uma força instável, que está em todo o lugar e perpassa as relações sociais.

#### 4.15. Dor solar na cidade

“A vida para grafar-se requer trazer ao sol.” Um dia, antes de dormir, ele leu essa frase em um romance polonês, comprado diretamente das poeiras incríveis (e alérgicas) do sebo Berinjela. A princípio, palavras simples, frase curta, dessas de impacto típicas para anunciar o fim de um capítulo. Ficou meio sem chão e preferiu sair da posição confortável em cima da cama para deitar-se nos tacos de madeira da sala. Passou horas deitado, pensando sobre o último ano de sua vida. Deixava o vento e a chuva entrarem pela janela grande da sala, tocarem seu rosto, seu cabelo ainda oleoso, seus pés.



Sentia-se flutuando, estava só em casa, todos viajaram. Ficar só em casa é de uma alegria sem tamanho quando se divide o apartamento com outras pessoas. Não importa se são amigos, desconhecidos, estranhos esquisitos. Todo mundo deveria poder morar só um dia, e sair e encontrar as coisas do mesmo jeito em que foram deixadas.

Logo depois, se questionou: “Não preciso do sol para grafar minha vida”. Ficou tanto tempo sem sol (em um sentido conotativo) e mesmo assim grafou de tantas formas sua vida. E aqueles que vivem tantos dias, meses, anos sem sol (em um sentido denotativo) não seriam capazes de grafar suas vidas? Quando a cabeça andava mais rápido do que seu corpo, cansava o corpo para equilibrar as coisas. Caminhava horas, descobria milhares de ficções a cada esquina dobrada nos bairros vizinhos. A falta de sol trouxe muitos aprendizados.

Aliás, sabia que a dor, o drama e a falta de sol formavam um combo potente para os aprendizados. Até o filme *Divertida Mente*, lançado pela Pixar em 2015, trouxe ao público adulto e infantil a importância da tristeza, do lado azul da força, para grafar a vida. A dor também pode ser feita de sol, de raios fortes luminosos ou de sombras poderosas e fulminantes.

A cidade causa muita dor. Um absurdo de inconseqüências e incongruências. Tantas vezes, faz tão pouco sentido. O discurso das pessoas, as obras espalhadas pela cidade que contribuem para o trânsito caótico, a violência da polícia. Mas é que no absurdo parece também haver luz, parece haver outras perspectivas. Porque é no absurdo que há movimento, que há a transformação a partir da revolta, da insatisfação. Naquele dia, depois de deixar o pensamento passear no chão da sala e ir para bem longe, se levantou e foi dormir mais tranquilo. Não precisaria mais concordar com toda frase de efeito vinda ao fim dos capítulos dos livros poloneses.

#### 4.16. Fidelidade

É a partir da geografia de um bairro, mais do que a cidade em si, que a fidelidade (tantas vezes) inconsciente é dedicada aos eixos urbanos. A geografia cultural, o resplendor diurno, a paz provinciana das ruas, o chafariz ao centro



salpicado de passarinho ou aquele lugar onde foi vivido o momento mais comovente da vida de um cidadão. O cheiro do bairro – sim, cada bairro tem um cheiro. Pode ser por conta do filé à Oswaldo Aranha do Café Lamas, na Marquês de Abrantes, ou até do tradicional Majórica, na Senador Vergueiro, com aquelas filas de fim de semana formadas pelas famílias gigantes-tagarelas.

Pode ser o cheiro da feira de sexta-feira, debaixo do viaduto da Pinheiro Machado. Cheiro de pastel frito, de tapioca de goiabada, de verdura fresca, do mix peixe, frango e carne – tudo junto e misturado. Cheiro das flores, regadas e mais caras a cada nova sexta-feira. Pode ser também o cheiro de livraria, aquela dentro do complexo de cinemas do Largo do Machado. Pequena o suficiente para caber (quase) todos os livros de que alguém precisa.

Pode ser cheiro de urina, cigarro e cerveja da praça São Salvador, logo no sábado de manhã. Pode ser cheiro de café e pão fresco que sobe cedo da padaria. Pode ser cheiro de criança, do talco e perfume infantil, voltando da escola com suas babás às 18h. Pode ser cheiro de shampoo, sabonete e condicionador das Lojas Americanas, quando o estrangeiro passa por lá para cortar caminho e chegar mais rápido à rua das Laranjeiras.



Há também a fidelidade de outros estrangeiros que se mudaram para o Rio ainda crianças e fazem do território o seu lugar, como o garçom que trabalha no mesmo bar há trinta anos e conhece todos os clientes. O Alves disse que antes, ainda novo, via e ouvia o mar da Ataulfo de Paiva (ainda sem muitas construções), no Leblon, e podia ouvir o barulho do carro poucas vezes ao dia. Quando os clientes chegavam, todos eram recebidos aos beijos e abraços por ele “Já acompanhei casamento, briga, separação, ressaca e muita história de vida. Consigo perceber a aura do cliente quando ele é do bem, e você tem isso”, disse ao estrangeiro.

Fidelidade pode ser muita coisa. Quem nunca foi fiel a matar as horas em um bar qualquer ou na calçada de um cinema que atire a primeira pedra. Tem dias que voltar para casa não é solução. A vontade é de deixar a hora correr solta, fingir que a mensagem não foi respondida daquela forma tão estúpida ou que a aula de Filosofia da faculdade mais parece confinamento e emoldurações dos conceitos sobre a estética da vida. No Rio, horas matadas e sequestradas se transformam em símbolos de sobrevivência.

Para ele, fazer hora era sinônimo de vazio imprevisto, e contra isso há lugares que servem de recurso. O bar era seu principal aliado. O tempo morto acabava muitas vezes em tempo vivo e podia até deixar de ser tempo de espera. Na verdade, sabia que só o bebedor desprevenido acredita que engana as horas, quando as horas é que enganam muitas vezes, contando a passo certo e batido um tempo para lá dos números.

É no exato instante do gole do chope, da olhadela no livro novo, escondido entre tantos outros na estante do sebo, que as horas de espera se tornam golpes de alívio, mixadas em tempo vivo. Tempo vivo para lembrar os encontros fortuitos que deixam a noite mais quente; a ligação no meio do caos com potencial de acolher os nós da cabeça; o riso frouxo que apazigua qualquer decepção de amigos – pois se decepcionar com amigos é pior do que terminar o namoro mais apaixonado.

No matar das horas, ele constrói parte dos olhares na cidade, principalmente nos bares. Cada bebedor tem o seu mapa, cada mapa os seus portos, e velas ao largo, e vai seguindo que a noite é ainda uma criança.

#### 4.17. Uma noite na avenida Brasil

No dia 16 de outubro de 2015, sexta-feira, perto das 22h, ele dirigiu um carro pela primeira vez no Rio, de forma desprevenida. Não dirigia havia meses, não tinha automóvel na cidade e nunca nenhum amigo tinha pedido o favor. Até que na última primavera, prestes a chegar ao show de Baby do Brasil no Circo Voador, seu amigo descobriu que tinha deixado o ingresso em casa, no Grajaú. Nervoso e se sentindo mal da coluna, pediu: “Por favor, vamos lá comigo e dirige meu carro? Não ando bem da coluna, passo cada dia mais horas sentado na frente do computador, isso ainda vai me matar”.



Contente, ainda que pressionado, com a ideia de poder dirigir na cidade, fora do horário de *rush*, aceitou o desafio na mesma hora. Só não contava com

pegar a via errada e dar de cara com a movimentada avenida Brasil, um dos corações da cidade, ligando o Centro à Zona Norte e Zona Oeste. Um nó na garganta, frio na barriga, arrepio o tomaram. De repente, um motoqueiro surgiu e gritou com a buzina no máximo: “Pelo amor de Deus, você não faz isso de novo, hein? Você me deixou nervoso agora”, profetizava bem devagar aos berros. Ele não conseguiu conter o riso, quanta barbeiragem, logo na avenida Brasil.

Já tinha passado por lá, algumas vezes de ônibus, outras de carro para seguir viagem a São Paulo, Conservatória e Nova Iguaçu. E leu bastante coisa sobre a avenida e a admirava secretamente. Criada por Getúlio Vargas, foi construída para defender o Rio. Caso fosse atacado pelo mar, o recuo do governo e de seus aliados se daria naquela direção e por isso a construção de tantos quartéis e do campo de aviação – que serviria tanto para defesa quanto para fuga. Posteriormente, ela foi refeita e utilizada pelos golpistas de 1964, para dar agilidade e rapidez de acesso ao centro da cidade para grandes contingentes de combate contra o inimigo interno. Mas a prioridade sempre foi relacionada à ordem.

Hoje é uma área sucateada pela evasão da grande indústria da cidade. O que se vê são espaços ocupados por uma imensa gama de comunidades populares, em suas vilas, casebres, barracos, amontoadas umas sobre as outras, lançando no ar uma sensação de desolação e complexidade. Existe toda uma vida que sobrevive ali criando outras formas de viver e de sobreviver às condições mais tensas economicamente, psicologicamente, existencialmente.

Ao longo da via, acumulam-se dezenas de milhares de *outdoors*, cartazes de toda a espécie, letreiros, luminosos, toda sorte de materiais e meios de comunicação de grandes proporções. A quantidade de pessoas que passa por ali é imensa. Em termos visuais, o ambiente é tão saturado, tão poluído quanto as margens da via. Essa aparente periferia é também um centro; centro de produção de mão de obra, imensa cidade-dormitório, funcionando como produção de signos.

Talvez o que ele mais gostasse fosse da maneira como a realidade visual da avenida Brasil se encontrasse disposta para a possibilidade de se intervir e de criar outras disposições, extrapolando, rompendo com o regime de signos restritamente comerciais que ocupam os espaços da via expressa. Por alguns

minutos, tudo isso passou por sua cabeça. Esqueceu até que mais tarde Baby do Brasil o esperaria para um show histórico nos palcos da Lapa. No fim das contas, chegou ao Grajaú são e salvo. Resgatou o ingresso do amigo e voltou já mais calmo, com a cabeça na avenida Brasil e naquela infinidade de possibilidades provocada pelo espaço urbano. A avenida ganhou seus sonhos com a trilha sonora de Baby, como mais um dos mistérios do planeta.

#### 4.18. Sobre o mar

A primeira vez que notou o hotel Sorriso, em Niterói, dentro do ônibus a caminho do Rio, foi só depois de ter passado no mesmo eixo mais de sessenta vezes, no mínimo. Naquele dia, até se questionou se estava sendo um bom observador da nova cidade. Mas é que são tantos signos, sinais, cores que compõem a cidade que preferiu pensar que a culpa não era sua. A culpa era de ninguém. Não tem culpa. A cidade é mutante, e a cada dia pode lhe surpreender se você estiver aberto a ela.

Seguiu viagem em meio ao trânsito na ponte. Parado lá de cima, aproveitava para admirar a baía de Guanabara, tentava achar Paquetá além-mar, percebia o porto e, novamente, o mar. O mar brilhava, refletia o sol, os barcos, o voo dos pássaros e dos aviões. Muitos pássaros davam rasantes perto do mar. O brilho das águas o fez chegar em casa e começar a rabiscar sua primeira história infantil. Era justamente sobre o brilho do mar e sobre quanto a personagem da história também queria brilhar feito aquele balançar de ondas.

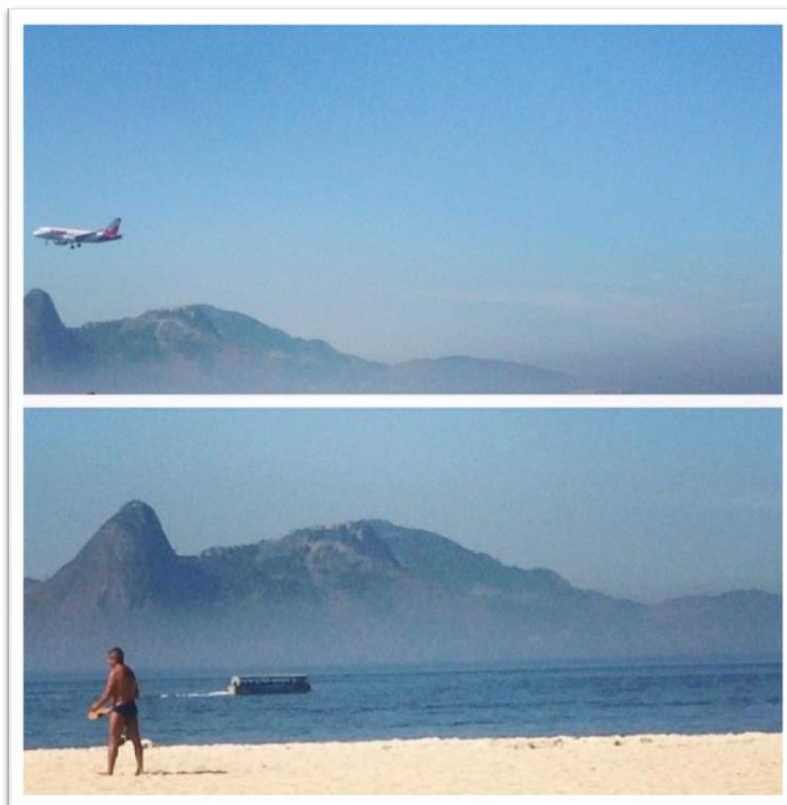
Ele lembrou que sempre teve paixão pelo mar. Desde criança, tomava muito banho de praia. Nasceu em uma ilha, tinha uma casa com piscina. Dá para imaginar que a vivência desse corpo foi de muita água salgada e doce (com cloro e cabelos esverdeados no verão). Adorava o mergulho. Mar simbolizava calma, ir para espantar a energia ruim das pessoas “fuleiragem” que passaram por sua vida.

Os fins de tarde no mar e sob essa passagem do sol poente à lua eram os únicos momentos em que sentia o coração mais leve. Terá sempre amado o mar. Ele terá sempre apaziguado tudo no mar. Essa imensidão calma, esses sulcos descobertos, essas estradas líquidas. Pela primeira vez um horizonte à altura, um espaço tão vasto quanto a audácia. Tem desejo de se tornar igual a esses mares de

esquecimento, a esses silêncios desmedidos, que são como o encantamento da morte. O mar traz esse silêncio que o liberta de tudo.

Era como uma renovação, momento de suspender o pensamento, de ouvir o som potente da água, das ondas batendo na areia com seu tom dourado. Era também sinônimo de diversão. Praia era como uma religião, servia para qualquer hora. O mar seria Deus? Difícil decidir. Porque não era só o mar. Era tudo junto: mar, clima, vento, areia, concha, siri, tatuí, peixe, alga, pegadas. Às vezes, pensava que o mar também podia estar em qualquer lugar, dentro e fora de si. “Nós somos mar porque quando a gente abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo, e o mundo aparece refletido dentro da gente”, gostava de repetir.

Um dia, depois de 14 horas pulando carnaval, avistou a praia do Flamengo. Saiu correndo com seus amigos para descansar um pouco da folia purpurinada. Deitou na areia, ignorando todas as contaminações possíveis já encontradas naquela região do aterro. Deitou para escutar o oceano, fechou os olhos, não se importava com perceber o céu. O cansaço batia feito onda. Batiam muitas ondas fortes naquela noite. Podia afirmar que terminar deitado ao lado do mar foi o melhor feito de seu carnaval.



#### 4.19. Memória da cidade

A memória funciona assim: extrai da imensidão longa e lenta os pontos de referência vivos e densos que ajudarão a cristalizar, constituir e endurecer as lembranças. Eis aí a matéria da recordação: o que acompanha o espírito após ter abandonado há muito a geografia. Com isso em mente, o estrangeiro costumava definir pontos de referência na cidade para se agarrar em meio àquela areia movediça. O corpo no Rio se abre à experiência, registra e armazena o difuso, o diverso.

Ele começou a ordenar, traçar nesse bloco de emoções linhas de força, abrir uma passagem às energias, produzir sentido, organizar, construir, elaborar a memória, dominá-la como método. Fixar o que fica nos músculos, nas articulações, no sangue, debaixo da pele, nas cadências da respiração ligadas aos ritmos profundos e aos metabolismos misteriosos, mas de maneira a priori invisível.



Pouco importa o suporte, desde que a memória produza lembranças, elabore referências com as quais seja possível organizar mais tarde o conjunto da

viagem na cidade. No amontoado e na balbúrdia da experiência vivida, o vestígio cartografa e permite o levantamento de uma geografia sentimental.

Por exemplo, um bairro extremamente labiríntico, de um emaranhado de ruas, que evitou durante anos, tornou-se subitamente familiar, quando um dia uma pessoa querida mudou-se para lá. Foi como se houvesse na sua janela um projeto que decompunha ordenadamente toda a área com feixes de luz.

A memória também pode se embaralhar, como quando ele voltou à ilha natal um ano depois. Já não a reconhecia. Tinha a sensação de pisar em um terreno estranho. Andou duas horas sozinho pelas ruas. Nunca mais voltou a vê-las assim. De cada arredor saía uma chama, de cada referência saltavam centelhas, e cada carro surgia como se fosse um carro de bombeiros. Ele podia a cada momento sair pela porta, dobrar o ângulo da esquina, estar sentado no ônibus. Se a lembrança que tinha da cidade se aproximasse dele como um simples olhar, sabia que explodiria como um depósito de munições.

#### **4.20. Rascunho de uma carta nunca enviada**

*Rio de Janeiro, 10.05.2014*

*Querida \_\_\_\_\_,*

*Sabe do que eu lembrei? Daquele feriado que passei em São Paulo. Nós almoçávamos em casa, você gostava de cozinhar e o meu voo era quase sempre no fim da tarde. O horário possível porque na manhã seguinte eu precisava estar no trabalho. Por volta das cinco horas, você me levava até o aeroporto e eu sempre imaginava como seria a última vez. Se você me daria essa carona, se haveria um abraço ou beijo de despedida no saguão ou em frente à placa do embarque doméstico. Ou se eu sairia sem olhar para trás e desceria de escada para chegar mais rápido à rua, e dali arrumar um táxi enquanto você olhava para a porta fechada. O apartamento vazio, a cama desfeita, e, então, depois de minha ida, você poderia sentar e se encolher, e respirar fundo, e fechar os olhos, e então como que desabar numa agonia que derrota todas as partes do corpo.*



*Naquele dia, eu dei a notícia da forma mais objetiva que consegui, e, embora pudesse falar sobre tristeza, e pena, e culpa, a lembrança mais nítida que tenho da época é de uma sensação envergonhada de alívio. Também relembrei tudo o que aprendi nos anos que passei com minha primeira namorada. Quer dizer, as lições do meu primeiro relacionamento. A primeira vez que alguém diz que gosta de você, a primeira vez que você aceita isso, e como você lida com isso, e como se comporta diante da infinidade de problemas que isso traz. O jeito como você fala, a maneira como você se veste, quanto você é egoísta, quanto é descuidado, mentiroso e manipulador. Quanto é inconstante, imaturo, inconfiável em aspectos tanto afetivos quanto comezinhos do dia a dia, em que só reforçava a carga de opressão sobre a outra pessoa. Enfim, tudo o que aprendi nos anos que não parei de ser acusado, julgado e condenado pela minha primeira namorada, pelo que era e nunca deixaria de ser por falta de esforço e de comprometimento em relação a ela. Por isso, hoje, nada é mais importante do que a certeza de que fiz a coisa certa naquele feriado.*

#### **4.21. Mistura entre arte e ciência**

Tocar a alma ou tocar em nervos é o que exige uma escrita poética, uma teoria literária ou uma cartografia contemporânea. Pela acomodação do tema em sua escrita enquanto obra, ela tem o impacto do assunto turbinado. Leva a plena força do sentido a atravessar, desde uma primeira instância, a alma, o coração ou os nervos do leitor. Para o estrangeiro, o rompimento de fronteiras entre o poético e o ensaístico tem como marco *Os sertões*, de Euclides da Cunha. A obra o lembra aulas de literatura em sua adolescência, a época das espinhas e das inseguranças exacerbadas.

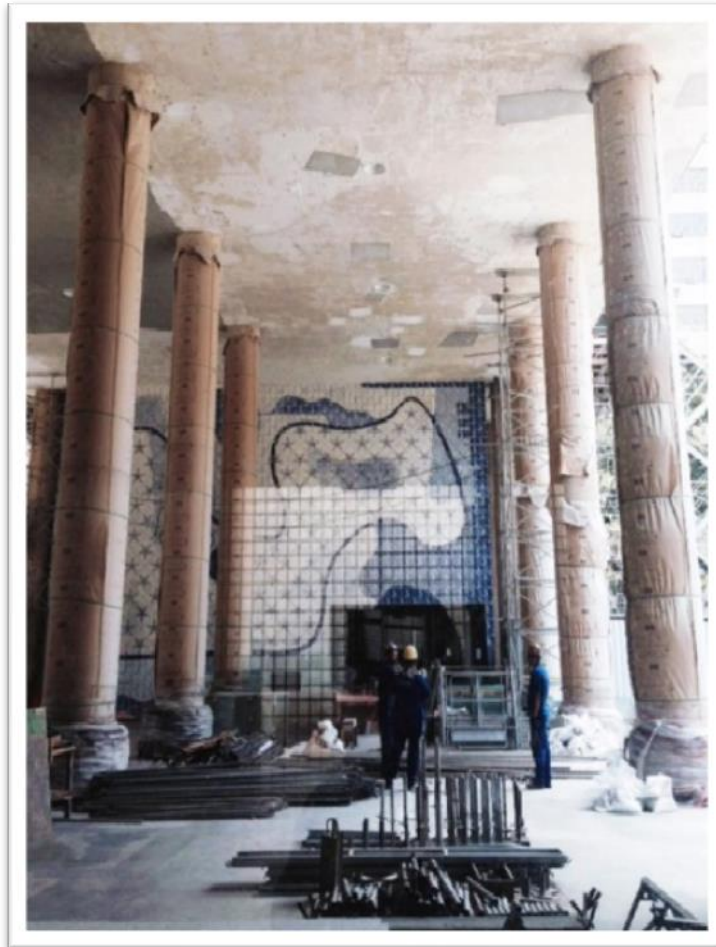
Apaixonado pelo texto, sabia várias curiosidades, como uma carta enviada de Euclides a José Veríssimo. No papel, Euclides assumia-se o precursor do consórcio da ciência e da arte – sendo hoje a tendência mais elevada do pensamento humano. Não tirou da cabeça que ainda é preciso, entre os pesquisadores, uma nova exploração: a miscigenação entre o poético e a teoria literária, entre o poético e a crítica, entre o poético e o filosófico.

Tal crença na objetividade gera uma nova ilusão: a da suposta isenção ou imparcialidade do crítico, como se, desde sempre, ele já não estivesse refletindo e avaliando a partir de certo campo de forças de onde eclode seu desejo, confundindo-se com ele. Pensou que, buscando janelas por onde olhar para fora de dentro e para dentro de fora do texto, pudesse sair do texto sem abandoná-lo e sem traí-lo. Organizar essas saídas (passagens) de dentro para fora, de fora para dentro, sem nunca pular definitivamente para fora das janelas do texto: buscar sua janela, janela também inscrita no próprio texto. Janela onde (se) olha o texto.

A poesia poderia ser o lugar de coisas grandiosas, intensas, ainda que, muitas vezes, simples. Talvez grandiosas e intensas também por ser simples. *Simplicity, simplicity, simplicity!*, já exclamou um dos maiores escritores norte-americanos, Henry Thoreau. Assim deve ser o poema: sem dar chance a exegeses, bloqueando, momentaneamente, a possibilidade de falar alguma coisa dele, obrigando o leitor a relê-lo, a ficar exclusiva e exaustivamente com ele, a querer passá-lo adiante para os amigos também o carregarem no bolso da pele. Trata-se de uma poética da derrapagem. Sendo que derrapar é assumir os próprios defeitos. São remendos que o estrangeiro pode consertar por toda a vida, que o deixam atormentado, mas que têm a capacidade de fazê-lo lembrar as imperfeições a cada passo.

#### 4.22. Derrubadas na cidade

Acordou e logo cedo recebeu um e-mail com uma proposta de trabalho. A entrevista estava marcada para sexta-feira, às 14h, no palácio Capanema (Rua da Imprensa, nº 16, Centro do Rio). Só tinha passado em frente ao palácio, nunca entrado. Também já tinha pulado muitos carnavais perto dos azulejos do artista plástico Cândido Portinari – inclusive objetos-tema de tantas fotos antes da saída dos blocos. Local de concentração, beijo, risada alta, de encontro entre amigos. Por curiosidade, sabia que o edifício possuía 16 andares sobre o térreo e um pé-direito monumental de mais de nove metros de altura.



O terreno ocupava o quarteirão inteiro do Centro e permitia a passagem desimpedida de pedestres. Era encantado pelas fotos do terraço-jardim idealizado por Roberto Burle Marx. Mas, desde o princípio, o Capanema tinha um ar meio pesado. Talvez fosse por ele ter sido construído nos arredores do finado morro do Castelo, a primeira favela a ser removida no Rio de Janeiro.

Ao adentrar o prédio antigo, tão elegante e grandioso, sentiu-se intimidado. Era estranho estar entre aquelas paredes pela primeira vez. Não conseguia deixar de pensar no morro do Castelo e na sua polêmica derrubada, em 1922. Paradigma do entrelaçamento entre reformismo urbano, saneamento moral, modelo civilizatório e identidade nacional, o episódio mobilizou os mais variados setores da intelectualidade carioca, em um debate que explicitava a indissociabilidade entre a razão prática e o repertório simbólico.

Marco de fundação da cidade, local de moradia de cerca de mil pessoas e poderosa referência do cotidiano local, o morro do Castelo reunia entre seus

defensores ideólogos avessos ao lema da “cidade branca”. Sob a liderança convicta do então prefeito Carlos Sampaio, os que pregavam seu banimento do cenário argumentavam que o Castelo representava um fantasma das origens do Rio, representadas pelo povoado africano ou por uma aldeia de botocudos. “E ainda dizem que não existe preconceito”, pensou em voz alta, depois de ler o trecho acima em um livro de história.

Estudou no Ensino Médio sobre a evolução urbana do Rio. Sabia que, com um crescimento populacional de mais de 40% entre 1906 e 1920, a cidade chegava ao centenário da Independência sob o signo da metropolização: por entre seus mais de um milhão de habitantes, circulavam nada menos que 4.415 automóveis, além de 417 linhas de bonde; dispunha de cinquenta cinemas, 24 jornais diários, além de 44 bancos.

A cidade vivia ainda sob o trauma da gripe espanhola (que poucos anos antes dizimara pessoas aos milhares) e assistia, atônita, ao aumento das páginas policiais, ao crescimento desenfreado das favelas e aos cada vez mais recorrentes casos de colisões e atropelamentos. Antes propagandeada como polo inequívoco do progresso e da civilidade, a cidade passava, agora, a ser pensada nos termos do discurso reformista.

Puseram um grande e velho morro abaixo e uma nova cidade, a “cidade branca”, surgiu – disseram alguns cronistas do Rio de Janeiro, referindo-se ao ano da graça de 1922. O velho Castelo agoniza. Foi, pouco a pouco, se esvaindo em terra para o mar, e uma nova cidade apareceu rapidamente no terreno ainda revolto.

Do bojo enorme do moribundo, entre o barro sangrento, como um parto monstruoso, vão saindo os elementos de existência da cidade do futuro. A cidade concebida pela imaginação fantástica dos engenheiros americanos.

Não conseguia também deixar de associar com todas as derrubadas que andavam acontecendo na cidade. Nas desocupações forçadas, na extrema violência com que esses “remanejamentos” eram feitos, nas várias famílias prejudicadas, na falta de tato do governo, da prefeitura do Rio – o que não era uma grande novidade. Desde que chegou, tinha a impressão de que a cidade carioca poderia ser muito mais do que era se tivesse uma boa vontade política sob

comando. Hoje, era a Vila Autódromo, vizinha ao Parque Olímpico da Barra da Tijuca, que ocupava seus pensamentos.

A comunidade da Vila Autódromo está consolidada na baixada de Jacarepaguá há mais de quarenta anos. A área, em sua maioria, é considerada de interesse social e a maior parte dos moradores tem o título de concessão do direito real de uso. “É uma terra regularizada e há muitos anos vem sendo alvo de tentativas de remoção por interesses imobiliários. Agora, usam a questão das Olimpíadas, uma vez que ela fica entre o Parque Olímpico e a Vila dos Atletas e a prefeitura utiliza o argumento de que ela estaria na passagem entre as duas instalações para atingir seus objetivos”, disse Altair Antunes Guimarães, presidente da associação de moradores da Vila, em entrevista à Agência EBC.

Guimarães também reforçou, na mesma reportagem, que: “a prefeitura tem usado uma série de estratégias para tentar nos expulsar da área, do corte de serviços básicos como água e luz ao uso da força por meio da Guarda Municipal, que ocupa permanentemente a entrada da Vila. Nós consideramos estranha essa decisão da Justiça e a impotência da Defensoria Pública em reverter a decisão, uma vez que a Vila é legalmente constituída”.

O estrangeiro passou a participar de perto da Vila. Afinal, se envolver com a cidade é isso. Estar presente em outros cantos onde não necessariamente seja o seu *habitat*, mas onde outras pessoas podem precisar de sua ajuda, de sua voz. Ofereceu oficinas de leitura para as crianças, acompanhou o lançamento de livros e de estudos sobre a área, apoiou os moradores que se recusaram a sair da região.

De repente, era hora de sua entrevista de emprego. Chamavam alto seu nome de uma sala escura, que cheirava a pó de café. Levantou da cadeira, seguiu equilibrando a mochila em suas costas, acompanhado de uma cabeça que fervilhava ideias. Já sabia a próxima ação que levaria para o grupo de resistência da Vila.

#### 4.23. Ler a cidade

O Rio, quando visto pelas publicações de outras épocas, é muito diferente daquele que é lembrado a distância. A cidade não havia sido devassada pela imprensa, que ainda não se chamava mídia. Era desvelada delicadamente pelo

olhar carioca de Stanislaw Ponte Preta ou pelo olhar estrangeiro de cronistas, como os capixabas Rubem Braga e José Carlos Oliveira, os pernambucanos Manuel Bandeira, Antonio Maria, Fernando Lobo ou os mineiros Carlos Drummond, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos.

Eles captavam a poesia escondida nas coisas aparentemente sem importância daqueles tempos. Suas celebrações líricas e solares do cotidiano ajudaram a ressaltar a vocação epicurista da cidade. O contraponto dessa visão solar era dado pela perspectiva *noir* de um genial cronista e dramaturgo: Nelson Rodrigues.

Os discursos produzem ideias de cidade, críticas, análises, figurações, hipóteses, instruções de uso, proibições, ordens, ficções de todo tipo. A cidade escrita é sempre simbolização e deslocamento. É imagem e metonímia. Até nos casos excepcionais em que a cidade real se ajusta a um programa prévio (como a Brasília de Lúcio Costa e Niemeyer). A defasagem entre projeto e cidade é a própria chave do problema de sua construção. Escrever e desenhar a cidade são ações que pertencem ao ciclo de figuração, da alegoria ou da representação. A cidade real, por sua vez, é construção, decadência, renovação e sobretudo demolição.

A rua para o *flâneur*, por exemplo, é uma espécie de livro: leia-a, não a julgue. Não seja apressado demais para escolher o que é belo ou feio. Se durante o seu trajeto você quiser observar uma determinada coisa, não se precipite ávido demais sobre ela; contenha-se. Dê também a ela tempo para notá-lo. Trocam-se olhares – inclusive com tais coisas. No caso dos homens, ao contrário, é aconselhável observá-los sem se deixar notar. Assim, de fato, mostram espontaneamente sua vida, a qual, a um belicoso cruzamento de olhares, por defesa, esconderiam. A paisagem é um sachê de sabores, cores, cheiros, onde o corpo fica infuso.

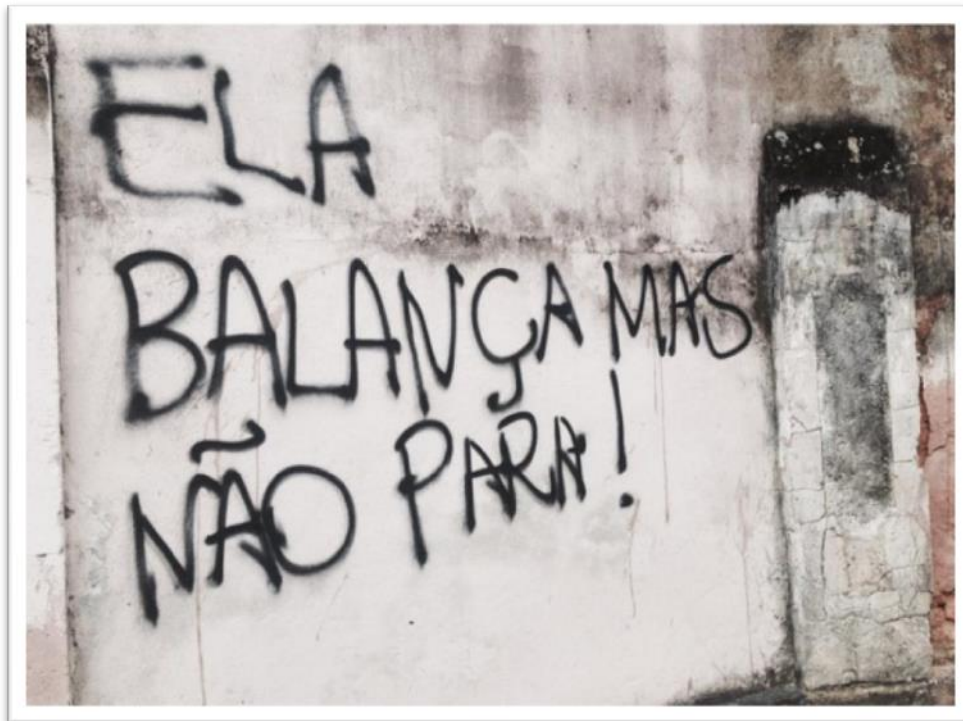


Por outro lado, há muitas queixas encontradas em jornais de outras épocas que ainda parecem contemporâneas. O estrangeiro tinha a mania de buscar notícias antigas nos acervos das bibliotecas cariocas. Queria conhecer mais, ir além da poesia dos cronistas que estampava as páginas e do imaginário de uma literatura sobre a cidade. Chegou à conclusão de que havia mais ambivalências do que supõe o maniqueísmo da memória.

Nas páginas dos jornais surge uma cidade atacada por desconfortos como a falta de luz e de água. Os boletins diários listavam os bairros atingidos pelo flagelo das torneiras secas. Era muito popular a marchinha carnavalesca que cantava: “Rio, cidade que seduz/ de dia falta água/ de noite falta luz”. Na verdade, nem sempre essa ordem era respeitada e muitas vezes água e luz faltavam ao mesmo tempo.

Os buracos, os engarrafamentos, os camelôs, o barulho atormentavam a população. O poeta Ferreira Gullar achava insuportável. No dia 4 de junho de 1958, ele escreve uma crônica sobre o tema, em que diz: “Os ônibus farfalham,

tintilam, rosnam, bondes cham e estridem, buzinas, explosões, batidas, apitos – estou em plena cidade brasileira. Sair de casa cansa mais que trabalhar”.



No fim de 2014 e início de 2015, o estrangeiro parecia reviver as manchetes do passado. Nesse período, sentiu o drama espetacularizado pela mídia da escassez de água na cidade – e no Brasil. O Rio estava em estado de alerta, a chuva quase não chegava. Na época, era repórter do jornal *O Globo*, precisava produzir especiais multimídia alertando a população sobre o uso consciente da água. O tema foi divulgado ao extremo. Já hoje, parece que não se vive a seca, quase não se fala a respeito. Ele se incomoda com o alarmismo, estado no qual as atitudes só são tomadas no extremo, ao qual se chega porque não há planejamento para evitar chegar a alguma situação de risco. E, por conta disso, continua a encarar os jornais cariocas como um museu sensacionalista de grandes novidades.

#### 4.24. Terreno desorganizado

X é assassinada em Ipanema. Y é morto a facadas na Lagoa. Z é encontrado caído na calçada da Tijuca. M morre logo cedo no Alemão. N está



desaparecido depois de uma troca de tiros em uma operação do Bope em Vigário Geral. G saiu de casa, na Ilha do Governador, e nunca mais volta. J vai ao supermercado e morre no meio do caminho, de desgosto, de tristeza, de desorganização. O jargão “Bandido bom é bandido morto” continua a ecoar, não importa em qual parte da cidade. A plataforma publicitária responsável por lançar o delegado Sivuca como deputado estadual em 1964 é até hoje entoada como cânticos, religiosos ou não. Na época, o chefe da polícia Amaury Kruel chegou a prometer que, se fosse preciso, autorizaria o extermínio puro e simples dos malfeitores.

Até 1950, o *Jornal do Brasil* registrou apenas quatro assaltos durante os 31 dias de dezembro de 1950: três no Centro e um – este, sim, escandaloso – “em plena avenida Beira-Mar”! Já a partir de 1953, foi diferente. Em menos de 12 horas, mais de duzentos chamados à polícia, dando o caldo da chamada da revista *Manchete* no dia seguinte: “1953 chegou à Cidade Maravilhosa encharcado de sangue”.

A violência não era prática estranha a uma corporação que mantinha em seus quadros os egressos do PE, a truculenta Polícia Especial do Estado Novo, terror dos prisioneiros políticos. O Serviço de Diligências Especiais (SDE) tinha vários policiais envolvidos em processos de extorsão, suborno e estelionato. Articulando corrupção e violência – um inseparável binômio que iria florescer na polícia ao longo das décadas seguintes –, o SDE reuniu homens violentos e decididos a exterminar os bandidos do Rio e adjacências. Esses Homens de Ouro ou Turma da Pesada, também conhecidos como Esquadrão da Morte, subiriam morros, invadiriam barracos e desentocariam assaltantes, caçando-os como ratos. Limpariam a cidade.

Diante da violência que marcava a cidade, Clarice Lispector e Hélio Oiticica se manifestaram na década de 1960, a partir do universo artístico, sobre mortes de “bandidos” no Rio. Uma das homenagens de Oiticica para o fora da lei Cara de Cavalo foi a bandeira-poema “Seja marginal, seja herói”. A bandeira virou emblema do Tropicalismo e estandarte da geração de 68, seguindo como mote de manifestações no século XXI.

Já Clarice, em crônica sobre o assassinato de outro famoso bandido da época, Mineirinho: “Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o

primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro”.

No dia 24 de fevereiro de 2016, o estrangeiro leu a pesquisa do Instituto de Segurança Pública produzida pela Secretaria de Segurança do Rio, mostrando que, das 644 pessoas mortas em confrontos com a polícia, 497 (77,2%) eram negras ou pardas. Ao terminar a leitura, lembrou-se do fuzilamento de cinco jovens, negros, na Zona Norte. Wilton Esteves Domingos Júnior, de 20 anos, dirigia o Palio que foi fuzilado. Também estavam no veículo Wesley Castro Rodrigues, de 25 anos, e os amigos Cleiton Corrêa de Souza, de 18 anos, Carlos Eduardo da Silva de Souza, de 16 anos, e Roberto de Souza Penha, de 16 anos. De acordo com a família, eles foram comemorar a admissão de Roberto como Jovem Aprendiz no Atacadão da avenida Brasil. O rapaz tinha recebido o primeiro salário do novo cargo no sábado.

O acontecimento o comoveu muito. Decidiu ir a Madureira, à manifestação que iria acontecer em homenagem aos jovens. Não era negro, não era pobre, não morava na Zona Norte, mas o desejo era de prestar apoio e se envolver por uma causa que o indignava. Ouvir “Negro Drama”, do Racionais MC’s, ser cantado forte por um grupo de mais de sessenta jovens negros foi um dos momentos que calou sua fala.

Ouvir os familiares das vítimas, todos unidos na luta contra a política de tratamento à juventude negra na cidade, também foi um dos grandes momentos da noite. Naquele dia, entendeu que partilhar a cidade exige presença, exige corpo ativo, exige resistência e envolvimento. E nada melhor do que se deslocar da área de conforto para dar os primeiros passos em busca de uma “cidade partilhada”.

“Porque eu sou o outro.” E para viver em uma cidade onde toda (e não só alguma) comoção seja partilhada de fato, é preciso que a própria cidade seja partilhada: direitos, demandas, espaços, autorrepresentações – palavras de Carlos Meijueiro, um dos integrantes do grupo de agitação político-cultural do Rio chamado Norte Comum. A caminhada é longa. Para se ver no outro, para partilhar

e “inspirar mudanças reais para todos, a gente vai precisar de uma nova polícia, de uma nova mídia, de uma nova ideia de cidade e de uma nova cidadania”.

É na captura pelo outro através de um diálogo estabelecido e compactuado entre aqueles que habitam a capital carioca que se instala uma desorganização. Para o estrangeiro, à medida que enxergamos o outro, enxergamos mais onde pisamos, enxergamos mais a nós mesmos. Tal atitude interessa mesmo? Porque, como afirma Clarice, quem entende desorganiza. Pois realmente há alguma coisa nas pessoas que desorganiza tudo. E que, às vezes, fica muda diante do braço da lei que precisou matar. O que o estrangeiro mais quer é áspero e difícil: ele quer terreno, ter onde pisar a partir de referências. Um terreno desorganizado, irradiando loucura na cidade, esse é o mais arriscado. Esse talvez ninguém queira pisar.

#### 4.25. Pistas sobre a caminhada

Quem caminha sabe que eliminar o supérfluo é um dos primeiros mandamentos. Para caminhar é importante estar leve e, para estar leve, restringir-se ao essencial. Caminhar põe em prática aquilo que só se descobre no mundo que já existe dentro de si. A ideia é descobrir outras verdades. O movimento representa um ato de perturbação da ordem estabelecida. É um gesto como tantos outros, que não precisa de protestos, artifícios, artefatos, técnicas particulares – precisa apenas das pernas. “Quando caminhamos, só lançamos mão do corpo. Nada do saber, das leituras, dos relacionamentos terá a menor serventia aqui: bastam duas pernas e olhos grandes para enxergar”, repetia o estrangeiro a si mesmo.

Para o estrangeiro, o caminhar se inclina sobre o tempo presente; quando se inclina sobre o futuro, é uma mentira. Caminhar é colocar-se à prova agora, sem que nada esteja garantido para depois; não é um exercício de fantasia. Não se caminha para chegar logo, caminha-se para ter os sentidos despertos, a fim de encontrar o mundo e completar uma experiência de vida.

É uma feliz união em que a rapidez e a lentidão não se excluem, tocam-se, uma inclinando-se em direção a outra, e ambas devolvem vida a esse personagem. A etimologia da palavra ensina que *humildade* é palavra central e qualidade

eminente do caminhar: *humilitas* tem uma relação direta com húmus, com a terra. É percorrendo com os pés que é possível tornar-se humilde.

Desde que chegou à cidade, caminha como um exercício de liberdade. Ele se inspira na antiga Grécia, onde ser livre significava simplesmente “poder circular segundo a própria vontade”. Há também quem defenda que ao andar você não vai ao encontro de si próprio, como se a questão fosse se reencontrar – e o estrangeiro até encontra afinidade com essa versão. Tem dias que anda para escapar da própria identidade, da tentação de ser alguém, ter um nome e uma história. A tal obrigação social que representa um peso nas costas.

No instante que não se espera mais nada do mundo, durante essas caminhadas inúteis e tranquilas, então ele se entrega, se oferece, se abandona. Justamente quando não se espera mais nada. Tudo é dado então como um acréscimo, uma graça gratuita de presença. Caminhar é, de alguma forma, reencontrar a eternidade infantil. Maravilhar-se com o tempo que está construindo.



Apreendeu que um dos preciosos significados para caminhada não está em rumar para a alteridade (outros mundos, outros semblantes, outras culturas, outras civilizações), está em ficar à margem dos mundos civilizados, quaisquer que sejam. Caminhar é pôr-se fora do caminho: ocupar essa posição marginal e passar pela experiência do real. A cada passo o peso todo do corpo se apoia e salta para frente, toma novo impulso. Por isso, ele sabe que é inútil sentar-se para escrever sem nunca ter se levantado para viver. Pois caminhar enche a mente de presença de mundo.

#### **4.26. Olhar do morador estrangeiro**

Desde que chegou ao Rio, se preocupou em não chamar de barbárie aquilo que não era sua obra. Ele tinha em mente que morar em uma nova cidade supõe menos o espírito missionário do que a vontade etnológica. O turista costuma comparar, e, para o estrangeiro, o morador não turista deve apenas separar. O primeiro permanece à porta de uma civilização, toca de leve uma cultura e se contenta em perceber sua espuma, de longe, como espectador engajado, militante do seu próprio enraizamento; o segundo procura entrar em um mundo desconhecido, sem intenções prévias, como espectador desengajado, buscando nem rir nem chorar, nem julgar nem condenar.

O comparatista indica o turista, o anatomista indica o não turista. Um não cessa de buscar e às vezes encontra, o outro nada busca e, portanto, nada obtém. Começar a vida em um novo centro urbano requer uma abertura passiva e generosa longe dos clichês, das visões morais, das reduções éticas e etnocêntricas. Acaba por solicitar o desejo e o prazer da alteridade: não a diferença facilmente assimilável, mas a verdadeira resistência, a franca oposição, a dessemelhança maior e fundamental. Acaba-se por mergulhar na subjetividade do aleatório desejado.



O morador estrangeiro possui a capacidade de registrar as menores variações. Ele é sensível aos detalhes, tem temperamento sismógrafo. Com seu espírito vivo, pode captar melhor o terreno carioca, mesmo ignorando os códigos de quem nasceu por lá, até mais do que especialistas diplomados. O olhar instintivo vale mais do que a inteligência cerebral dos laboriosos conceitos.

No Rio do estrangeiro, nunca se é um estranho para si, mas sempre o mais íntimo, o mais insistente, o mais colado em sua sombra. Diante de si, mais do que nunca obrigado a se olhar, mergulha-se mais profundamente no centro de gravidade, à medida que falta o outro para nos distrair de nossa presença forçada. Por trás dos mapas geográficos, se ocultam inacreditáveis variações sobre o tema da subjetividade.

Ele acaba por ganhar marcas da geografia particular da pele da cidade em que habita. É entendido que a modernidade fabrica megalópoles muito semelhantes, sem dúvida, mas ela não consegue suprimir as geografias. Os climas persistem, mesmo violentados pelos homens. As estações, os ritmos planetários e as alternâncias cosmológicas também. A multiplicidade dos ventos, a tectônica das placas, a deriva dos continentes, o movimento das marés, o deslocamento das

montanhas, o derretimento das geleiras, o traçado das correntes marinhas. Mudar-se de cidade supõe colocar-se à escuta para captar essas sensíveis variações.

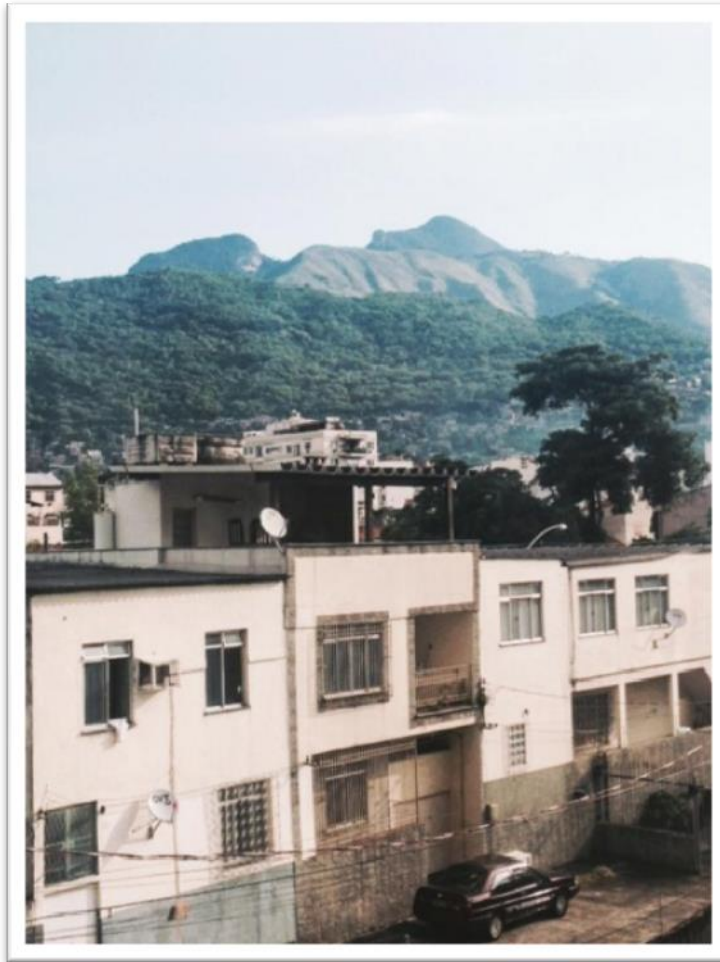
A geografia serve ao estrangeiro, primeiro, para elaborar uma poética da existência e, segundo, para descobrir ocasiões de fazer funcionar o próprio corpo, exercitando cada um dos cinco sentidos, sozinhos ou combinados. Um mapa, uma bússola, uma escala são instrumentos úteis ao conhecimento de nós mesmos e à escolha dos nossos movimentos. Uma existência, no momento da morte, se reduz a um conjunto de traços num mapa amarelado. Longe de ser terapia, a experiência da mudança é, de alguma forma, a arte de si, a busca pela própria poética.

#### 4.27. Pequeno recorte da Zona Norte

Quando chegou à cidade, percebeu as “distâncias” (não só físicas) entre as zonas do Rio. Flamengo, Botafogo, Laranjeiras, Copacabana, Gávea, Leme, Catete, Santa Teresa, Largo do Machado, Glória, Tijuca e Centro seriam seus endereços de visitas constantes. Percebeu logo que havia um mito de que ir para a Zona Norte (menos a Tijuca) era “longe”. Pegar trem? Nem pensar. Ir às praias da Zona Oeste? Nem tente, vai mofar horas no trânsito.

Para os amigos moradores da Zona Sul, as distâncias pareciam imensas e impensáveis. O deslocamento era primário, transitando entre os mesmos bares, festas e cafés. Leu em uma reportagem dos anos 1950 que, a trinta metros da praça Mauá, os repórteres já sentiam-se tão distantes da “Cidade Maravilhosa”, como se estivessem nas lonjuras do Amazonas. O texto saiu na *Manchete* da época (mas poderia ser a mesma impressão dos dias de hoje).

A reportagem narrava que, ao chegar lá, eles se encantaram com o bucolismo de uma vida em que havia quintais com pomares, crianças brincando nas ruas e comadres conversando nas calçadas. A noite era vazia de pecados e de passos boêmios, só cheia de sombras e sortilégios. As relações humanas eram mais cordiais, a vizinhança era prestativa, a vida era mais barata, mas os repórteres já denunciavam a falta de água, de esgoto, de higiene, além do transporte precário. Mesmo assim, uma razoável qualidade de vida ainda atraía para os subúrbios boa parte da classe média.



Decidiu conhecer a Zona Norte, ver de perto outros ângulos da cidade – com outro tipo de beleza. “A periferia é a grande novidade do século XXI, você quer ir porque está na moda, passa nas novelas”, sua amiga gostava de dizer. Mas nem era por isso. Tinha a ver com o que ouviu à medida que foi se espalhando para a Zona Norte. O Rio sexta-feira à noite se transforma em um alegre e interminável botequim. A festa começa no Centro às seis da tarde, quando uma algazarra toma conta dos bares, dos cafés, dos pés-sujos e restaurantes. Da Cinelândia à praça Mauá, passando pela Rio Branco e Presidente Vargas, discute-se futebol, decide-se o destino do país, batuca-se e canta-se ao som do samba e pagode – e sobretudo bebe-se.

Quando um casal de amigos se mudou de Niterói para o Méier, percebeu ali a oportunidade perfeita para começar a circular. Ao recordar a primeira vez que chegou ao bairro, em 2014, lembrou um pouco algumas cidades do Espírito Santo. A varanda da casa dos amigos dava para uma cadeia longa de montanhas,



onde era possível ver o morro Lins de Vasconcelos – e também o Monza vinho do vizinho, sempre parado na calçada ao lado de fora.



Meses depois, foi a Del Castilho e ficou abismado com os shoppings imensos e suas áreas abertas imitando ruas. Estava lotado, cheio de promoções e gente por todo o lado. Do shopping, não gostou tanto. Já de Olaria, o bairro seguinte percorrido na região, tem lembranças de um sábado quente, com música bem executada. Foi ao Cacique de Ramos acompanhar uma roda de samba. Ao descer do trem na estação Ramos, notou a falta de placas nas ruas para chegar à quadra. Os moradores indicavam as avenidas por meio de referências, como em sua ilha natal. Os cariocas que moravam naquela região não contavam com a organização da prefeitura para caminhar no bairro, e, sim, com o novo supermercado, com o bar do Zé, com a loja de roupas infantis. A referência era outra.

Nesse momento, se sentiu em casa. Na ilha, apesar de contar com placas e direcionamentos em todas as ruas, não se orientava por meio das letras. Aprendeu a chegar aos lugares pelas referências, pelos lugares que davam cor à paisagem urbana. Na volta, passou pela Mangueira, faltava luz; em Manguinhos, as crianças brincavam na rua.

Em Madureira, ao descer próximo do Viaduto – ponto famoso do Baile

Charme –, recorreu às placas e às pessoas nas ruas. Madureira, principal centro comercial do subúrbio do Rio, cerrava as portas de suas lojas e parava para assistir à passagem do Bloco das Piranhas. Berço do Império Serrano e vizinha de Oswaldo Cruz – o bairro sede da Portela –, Madureira sempre teve samba-enredo como trilha sonora. Na absoluta maioria das casas, o disco com os hinos das escolas de samba era comprado assim que chegava às lojas e girava até que cada verso estivesse devidamente decorado. Começando, é claro, por Império e Portela.

Naquele dia, foi ao show de Caetano Veloso, no Parque de Madureira, ouvir o músico baiano cantar hits antigos, como “Leãozinho” e “Sozinho”. As escolas de samba eram convites certos durante a semana, quando as quadras estavam mais vazias. A rua principal com camelôs e lojas de tudo para todos os gostos tornava possível montar todo um apartamento; o som das paróquias católicas tradicionais do bairro também eram fortes características.

Vila Isabel foi outro destino escolhido por ele como lugar afetivo. Foi pedir “socorro” a uma amiga quando chorava de mágoa; e tinha ido ao aniversário de um grande amigo em outra famosa roda de samba do bairro. O samba dominava a Zona Norte. Já a Tijuca era mais familiar. Gostava das praças, do sushi e das pequenas ruas, com apartamentos de janelas grandes e vista para a lua. Também era fã dos sanduíches dos pés-sujos, fora a receptividade do tijucano. Costumava receber boas dicas de desconhecidos nos restaurantes.



Ao longo dos trinta meses, pouco a pouco a ZN tornou-se cada vez mais familiar, como uma “segunda casa”. Sentia-se à vontade, apreciava a simplicidade dos moradores e da comunicação e ajuda constantes que ecoavam por lá. Não tinha medo da violência tão proclamada nos noticiários – talvez, por isso, não atraísse assaltos. Aliás, nunca tinha sido assaltado desde que se mudara para o Rio. Andava com o celular na mão, fones no ouvido, “dava mole”, como diriam os amigos da ZS, mas era como se optasse por resistir ao medo exacerbado de que muitos tinham ao viver na cidade. A noção de distância mudou bastante ao passar a transitar pela Zona Norte e também pela Zona Oeste. Andar 34 estações de trem/metrô – de Padre Miguel até o Flamengo –, em boa companhia, não era suplício, pelo contrário. O tempo escoava rápido. A Zona Norte, e um pouco da Zona Oeste, o fizeram entender como era possível ressignificar o sentido de tempo.

#### 4.28. Trilha

Acordou às quatro horas da manhã no sábado, ao som do ar-condicionado barulhento, em Engenho Novo. No Réveillon, mal conseguiu virar a noite para assistir ao nascer do sol. Dormiu com culpa. Queria ter conseguido ficar acordado, ver a cor do céu do primeiro dia do ano e também admirar o sol nascer das águas do mar. Passou o Réveillon em uma casa de praia com os amigos, seria a ocasião perfeita. Mas o sono tomou conta, as emoções também.

Visto o fracasso da não tarefa, fez um pacto consigo mesmo de que ia começar 2016 diferente. Em janeiro, custasse o que custasse, iria ver um nascer do sol para se redimir da preguiça tola. “Vamos fazer a trilha da Pedra Bonita? A ideia é subir de madrugada para ver o nascer do sol.” Pronto! A oportunidade de revanche chegou mais cedo do que imaginava.

Dormiu na casa dos amigos na Zona Norte, eles iam dar carona para a aventura. Ao acordar, logo pensou: “Por que eu escolhi fazer isso? Sou um corpo extremamente sedentário, detesto acordar cedo, para que ver nascer do sol?” O mau humor matinal, de um corpo furioso por ser despertado no escuro, dava o ar de sua graça. “Tudo bem, já estou aqui mesmo. Vou fazer as coisas sem pensar muito.” Essa era a solução que ele arranjava para não racionalizar tanto. Sua cabeça costumava pensar além dos limites.

A trilha foi até tranquila. Em 22 minutos de caminhada, estava no topo da Pedra. Podia ver uma parte do Rio ainda escuro, com tom lilás. Ipanema, Copacabana, São Conrado, Barra da Tijuca, Rocinha, Vidigal começaram a amanhecer juntos, bem perto de seus olhos. Aquela bola de fogo lilás, meio rosa, surgia na superfície do mar. Era o sol acenando. Naquele momento, lá de cima, sentiu que o esforço valera a pena. Pensou que se dependesse do amor pela cidade, com todas suas contradições raivosas, para além da paixão e para além do desejo, ninguém mais se afogaria. Pois, mesmo nas dificuldades, quanto mais se roda em volta do amor, mais o amor se expande.

O amor pela cidade pode não ser de todo o mais importante. Mas é, sim, o canudinho através do qual dá para ver que o mundo é muito feito de construções de papel – celulose que vem da árvore e que depois se transforma em lista telefônica da qual alguém arranca a página e logo transforma em veleiros e montanhas. Na descida da trilha, pensou quanto a cidade também é feita de fuga, de matéria escorregadia, feito manteiga, azeite, geleia e espanto. Não tinha jeito, mesmo com todas suas questões (e talvez por causa de tantas questões), ele amava a cidade.



#### 4.29. Referências bibliográficas ressignificadas (terceiro movimento)

##### - Montagem de cartografias afetivas

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única. Infância berlinense: 1900 / Walter Benjamin.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

COELHO, Frederico; FILHO, Mauro Gaspar. **Invasores de corpos: Manifesto sampler.** Ano 2. Número 11. 2005 Disponível em <[www.jornalplasticobolha.com.br/downloads/pb11.pdf](http://www.jornalplasticobolha.com.br/downloads/pb11.pdf)>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica.** São Paulo: 34, 1997.

MODIANO, Patrick. **Para você não se perder no bairro.** Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

PIRES, Ericson. **Cidade ocupada.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

RONILK, Suely. **Cartografia sentimental. Transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

##### - Sobre deixar o 'eu' de lado e andar pelas mesmas ruas

CONKA Karol. **Tombei.** In: CONKA, Karol. Single, 2015. Disponível em <[www.youtube.com/watch?v=SdYXMyJEKZs](http://www.youtube.com/watch?v=SdYXMyJEKZs)>. Acesso em 15 de março de 2016.

DELEUZE, Gilles. **L'Abécédaire.** Paris: Montparnasse, 2001.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia.** Rio de Janeiro: 34, 1992.

DOS SANTOS, Roberto Corrêa. **Eu assino embaixo. Biografia, memória e cultura.** Que jeito sou eu. 2003. (Seminário).

PIRES, Ericson. **Cidade ocupada.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

PIRES, José Cardoso. **Lisboa, livro de bordo.** Lisboa: Dom Quixote, 1997.

##### - O amor é feito de cortes

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única. Infância berlinense: 1900 / Walter Benjamin.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LAUB, Michel. **Diário da queda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LEVY, Tatiana Salem. **A chave de casa.** Rio de Janeiro: Bestbolso, 2013.

ZAMBRA, Alejandro. **Formas de voltar para casa.** São Paulo: Cosac Naify, 2014

- **Você não vai passar**

DOS SANTOS, Roberto Corrêa. **Eu assino embaixo. Biografia, memória e cultura.** Que sujeito sou eu. 2003. (Seminário).

ROCHA, Ava. Você não vai passar. In: Rocha, Ava. **Ava Patrya Yndia Yracema.** Selo Independente, 2015.

- **Guia de ônibus**

FAUSTINI, Marcus Vinicius. **Guia afetivo da periferia.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PIRES, José Cardoso. **Lisboa, livro de bordo.** Lisboa: Dom Quixote, 1997.

- **Observar pelo canto do olho**

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs,** vol. 1. Rio de Janeiro: 34, 1995.

HISSA, Cassio Eduardo Viana. **Conversações de artes e de ciências.** Minas Gerais: UFMG, 2011.

PIRES, Ericson. **Cidade ocupada.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

TAVARES M., Gonçalo. **Breves notas sobre ciência.** Florianópolis: Ed. da Casa, 2010.

- **Banca dos mapas**

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

- **Saudade, a impossibilidade de se desconectar**

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética.** Rio de Janeiro: Editora J. Olympio, 1975.

CLARK, Lygia e OITICICA, Hélio. **Cartas: 1964-74.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

- **Amanhecer na Candelária**

PIRES, Ericson. **Cidade ocupada.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

PIRES, José Cardoso. **Lisboa, livro de bordo.** Lisboa: Dom Quixote, 1997.

- **O sol há de voltar**

D'AMARAL, Marcos Tavares. **O que Nietzsche tem a nos dizer.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/o-que-nietzsche-tem-nos-dizer-16660933>> Acesso em 06 de julho de 2015.

- **Notas do diário estrangeiro**

LIMA, Marina. **O chamado.** In: LIMA, Marina. **O Chamado:** EMI Music, 1993. 1 CD. Faixa 3.

ZAMBRA, Alejandro. **Formas de voltar para casa**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

**- 365 dias de Cléa**

FAUSTINI, Marcus Vinicius. **Guia afetivo da periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

MOUTINHO, Marcelo. **Na dobra do dia: crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROSA, João Guimarães. **A boiada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

**- Outro, alteridade, amor e reconhecimento**

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Educação intercultural. Mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP& A.2003.

HAWKE, Ethan. **Boyhood – The Black Album**. Disponível em:

[http://www.buzzfeed.com/ethanhawke/boyhood-the-black-](http://www.buzzfeed.com/ethanhawke/boyhood-the-black-album#.rdb84Nr6J)

[album#.rdb84Nr6J](http://www.buzzfeed.com/ethanhawke/boyhood-the-black-album#.rdb84Nr6J) Carta de Ethan Hawke. Acesso em 08 de agosto de 2014.

**- Intervenções**

AGUILLAR, Gonzalo. **Poesia concreta brasileira. As vanguardas na encruzilhada modernista**. São Paulo: Edusp, 2005.

BARTHES, Roland. **Escrever a leitura**. In: *O rumor da língua*. Rio de Janeiro: WMF Martins Fontes, 2004.

CERTEAU, Michel. de. **A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FORTE, Leonardo Villa. **Sobre e quem faz**. Disponível em: <http://paginario.com.br/> Acesso em 01 de junho de 2014.

MAZETTI, Henrique Moreira. **Intervenção urbana. Representação e subjetivação na cidade**. 2006. Disponível em:

[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0682-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0682-1.pdf). Acesso em 20 de novembro de 2014.

PIRES, Ericson. **Cidade ocupada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

**- Dor solar na cidade**

DOS SANTOS, Roberto Corrêa. **Eu assino embaixo. Biografia, memória e cultura**. Que sujeito sou eu. 2003. (Seminário).

FAUSTINI, Marcus Vinicius. **Guia afetivo da periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

**- Fidelidade**

MOUTINHO, Marcelo. **Na dobra do dia. Crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

PIRES, José Cardoso. **Lisboa, livro de bordo**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

**- Uma noite na Avenida Brasil**

PIRES, Ericson. **Cidade ocupada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

**- Sobre o mar**

CAMUS, Albert. **Diário de viagem**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas de habitar**. São Paulo: Annablume, 2009. (Coleção ATOPOS).

**- Memória da cidade**

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única. Infância berlinense: 1900 / Walter Benjamin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MODIANO, Patrick. **Para você não se perder no bairro**. Rio de Janeiro: Rocco, 20015.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem. Poética da geografia**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

**- Rascunho de uma carta nunca enviada**

LAUB, Michel. **Diário da Queda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

**- Mistura entre arte e ciência**

PUCHEU, Alberto. **Pelo colorido, para além do cinzento; a literatura e seus entornos interventivos**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial/FAPERJ, 2007

**- Derrubadas na cidade**

COSTALLAT, Benjamim. **Mutt, Jeff & Cia**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

FAUSTINI, Marcus Vinicius. **Guia afetivo da periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

O'DONNELL, Julia. **A cidade branca. Benjamim Costallat e o Rio de Janeiro dos anos 1920**. História Social, n. 22 e 23, primeiro e segundo semestres de 2012. Cronista.



OLIVEIRA, Nielmar de. **Prefeitura do Rio derruba prédio na Vila Autódromo**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-02/prefeitura-do-rio-derruba-predio-na-vila-autodromo> Acesso em 05 de março, 2016.

PIRES, Ericson. *Cidade ocupada*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

#### - Ler a cidade

LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2013.

SARLO, Beatriz. **A cidade vista. Mercadorias e cultura urbana**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

#### - Terreno desorganizado

LISPECTOR, Clarice. **Mineirinho**. Disponível em:

[http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com\\_content&id=4396:conto-qmineirinhoq-clarice-lispector&Itemid=220&lang=pt](http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&id=4396:conto-qmineirinhoq-clarice-lispector&Itemid=220&lang=pt). Acesso em 20 de junho de 2015.

VENTURA, Z. **Cidade partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ZUAZO, Pedro. **Cinco jovens são fuzilados dentro de carro na Zona Norte do Rio**. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policial/cinco-jovens-sao-fuzilados-dentro-de-carro-na-zona-norte-do-rio-18174696.html>>. Acesso em 05 de março de 2016.

MARTINS, Marco Antonio. **Negros são 77% dos mortos pela polícia do Rio em 2015**. Disponível em <

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/02/1742551-negros-e-pardos-sao-77-dos-mortos-pela-policial-do-rio-em-2015.shtml>>. Acesso em 05 de março de 2016.

#### - Pistas sobre Caminhada

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.

LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2013.

#### - Olhar do morador estrangeiro

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem. Poética da geografia**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

#### - Pequeno recorte da Zona Norte

FAUSTINI, Marcus Vinicius. **Guia afetivo da periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

MOUTINHO, Marcelo. **Na dobra do dia. Crônicas.** Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

VENTURA, Zuenir. **Cidade partida.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- **Trilha**

CAMPILHO, Matilde. **Jóquei.** Rio de Janeiro: Editora 34, 2015.

## 5. Portas abertas para a reinvenção

Sempre cabem outros escritos nas  
páginas escritas de uma cidade.  
[Ítalo Calvino]

A trajetória desta dissertação, a partir do ponto de vista de um personagem “estrangeiro” na cidade, se resume na boa definição de Calvino (2006): sempre cabem mais escritos. Não há uma única saída, pois o processo de construção de uma cartografia literária está repleto de portas abertas. Como o mapa criado pelo método aqui explicitado, o trabalho é um conjunto de processos indefinidos. São tentativas de captar uma paisagem que muda a todo momento, transformando-se parceira de um corpo mutante. Um corpo disposto a absorver e a se envolver com a força do urbano.

Esta dissertação é, portanto, percurso que se constrói à medida que avança e não tem a pretensão de apagar suas omissões nem encontrar um encerramento. O traçado do caminho alcançado é feito de voltas, recuos, avanços, obstáculos, desafios inesperados, boas surpresas, bons encontros, como afirmou a pesquisadora Ana Claudia Peres (2013). Exatamente como o método cartográfico. O próprio texto, os teóricos encontrados em meio às aulas e às pesquisas bibliográficas, os acontecimentos na cidade, todos esses fragmentos dão vida a essa montagem de movimentos.

Nietzsche (2012) já dizia que odiava as palavras-ações “seguir” e “guiar”. “Obedecer”? Tampouco. Pensava que somente quem inspirava terror era capaz de comandar. Para ele, era odiosa a ideia de comandar a si próprio. Gostava, como os animais da floresta e do mar, de perder-se por algum tempo, para depois poder voltar a si mesmo. Sem regras, sem cartilhas, sem objetivos pré-dispostos.

De alguma forma, o trabalho dialoga com esse pensamento. O leitor escolhe, ou não, embarcar nesta história. Não é obrigado, muito menos é acompanhado por palavras de ordem. Está livre para pensar a partir do que é proposto no texto e nas imagens. O leitor tem voz própria para criar e imaginar a própria ficção a partir do olhar do “outro”. Ele pode se movimentar, se jogar para fora de si mesmo, transitar por um recorte de cidade – afinal, são muitas cidades

em uma só. É importante atentar para este ponto: há um recorte proposto entre tantos outros que poderiam ser escritos. Entre tantas experiências que a cidade contemporânea nos oferece, entre tantos encontros e escolhas que são feitos diariamente, quando os afetos pedem passagem – ou já chegam no atropelo, sem muitas formalidades.

Chegar a este ponto do texto me faz pensar: o que ficou do percurso? Como eu gostaria de encerrar **este** recorte **neste** momento? São perguntas difíceis de serem respondidas. Ao pensar na trajetória, porém, me deparo com aprendizados e novos questionamentos. O encontro com o “outro”, a construção de alteridades na cidade e a busca por uma identidade que seja confiável e, ao mesmo tempo, libertária, são temas-chaves do primeiro movimento desta dissertação. Em meio ao contexto político de março de 2016, permeado de ódio, intolerância e pouco diálogo, aposto na rua, na mobilização dos encontros e da cidade para que um primeiro passo perto desse “outro” seja dado. Para que a inscrição do corpo nos espaços afetivos seja ponto de apoio e de resistência.

Estar em contato, ocupar a cidade, se envolver com suas questões, transitar por outras zonas, conhecer de perto o “outro” que habita o mesmo espaço que você. A vontade de pertencimento é importante nesse processo, no momento em que você entende que a cidade é realmente sua – e de todos. Quando você entende que a cidade é transformada por você e por todos que a habitam. Ela é feita de rasuras, de textos mal escritos e sem sintaxe, de pichações, de obras e discursos políticos, de arte, de compartilhamento, de vontades, de desejos.

Ao perceber de perto esse parceiro que também cria a cidade junto com você, as coisas parecem ganhar novo sentido. Partilhar ganha coloração. Pensar em parceria com Deleuze e Guattari (2001) é pensar as sensações que levam a colorir o espaço, elas existem por conta própria, assim como os perceptos e afectos – conceitos destrinchados pelos filósofos franceses no livro *O que é a filosofia* (1992).

O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e de

afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 213).

São as obras de arte o principal motivo da articulação teórica dos pensadores para desenvolver os conceitos explicitados anteriormente. Entretanto, é possível carregar as teias da cidade para trabalhar as sensações provocadas pela cidade urbana. Ao discorrer, ainda no primeiro movimento, sobre o método cartográfico e sua forma não objetiva, propus um convite a uma rede de sensações para serem experienciadas. São tentativas de reaproximação com o espaço comum da cidade, do ambiente público, como quando Virginia Kastrup (2009) propõe pistas em vez de regras como referência para a manutenção de uma atitude de abertura que dá calibragem ao caminhar no próprio percurso da pesquisa. E é ao percorrer uma bibliografia sobre a caminhada, sobre o ato de caminhar, que o trabalho ganha outro rumo páginas seguintes.

O caminhar como errância, como prática estética, como revolução, como ocupação. Caminhar para se inspirar, movimentar o corpo, cansar os músculos e pensar com mais clareza. Caminhar e ter a calma necessária para trilhar desvios. No meio de todos esses percursos, há ainda a atenção necessária para o envolvimento com a potência urbana. O “estrangeiro”, ao se permitir sair da zona de conforto na cidade, andando além da Zona Sul e dos trechos íntimos, mergulha em uma ampliação de vozes. Consegue ouvir outros timbres, desenvolve uma sensibilidade a fim de estar aberto para histórias que não necessariamente são as suas, mas que com certeza mantêm pontos de rangência. Ele consegue enxergar de outras perspectivas e, com isso, chega mais perto desse “outro” que habita a capital.

Quando ele caminha, entende o seu lugar, se apropria dos afetos acumulados, sente-se preparado para o terceiro movimento da pesquisa: criar as próprias cartografias. Ele enxerga-se preparado para formar o próprio mapa na cidade, escolher por quais caminhos quer construir o seu lugar – que são tantos ao mesmo tempo, como escreve tão bem Michel de Certeau (1994). A fragmentação está em curso na cidade, somos um pouco de tantas coisas, somos feitos de contradições. As circunstâncias têm a capacidade de abrir os olhos, de arrematar o peito e de nos encher de ideias.

Em meio à ocupação de um local que sempre se modifica, a escolha de textos também fragmentados fez sentido. São “blocos de sensações”, são momentos que se conectam, mas que também falam por si sem precisar de uma leitura anterior. Escrever um texto só, com um título só, acaba distante dessa vivência urbana. Também por isso há a última aposta: exercício de escrita limite ficcional-teórica, como um desafio cumprido a cada página. Ao propor a coletânea de textos sobre os temas-chaves apresentados logo na introdução, há o ganho de velocidade e de fluidez.

A escolha pelo formato do texto exigiu muita pesquisa. Isso porque a ideia não era simplesmente optar pela apropriação. A seleção dos autores, poetas, músicos em meio às ficções inventadas foi minuciosa, como um exercício formal de escrita em que teoria e prática pudessem caminhar de mãos dadas – como defendia Walter Benjamin (2013) sobre o que considerava ser um bom texto. Assim, se justificaram nesse contexto o *sampler* (COELHO; GASPAR, 2001) e o método de estar aberto aos afetos (ROLNIK, 2011). O intuito de ressignificar as bibliografias encontradas ao longo dos dois anos de mestrado foi o caminho que mais ecoou para dar vida aos trânsitos desse “estrangeiro” nas ruas do Rio de Janeiro.

A inspiração também foi motivada por textos que chamavam a atenção para os seguintes mantras: não seja uma biblioteca ambulante, de citações constantes, de notas de rodapé. Arrisque-se, aproveite para dissertar com paixão sobre algum tema que lhe interesse, algum tema que a mova. Aproveite e seja uma pesquisadora sobre esse tema, divida conhecimentos. Como não ser movida pelo que a cidade lhe traz todos os dias? Como passar inerte pelos arrebatamentos e pelas transições provocadas a partir da mudança? Impossível não ser afetado das mais diferentes formas. Melancolia, solidão, medo, insegurança, dor, liberdade, vontade, amor, luta. São variados os sentimentos e as sensações que compõem um corpo estrangeiro em uma nova região.

Todo o caminho percorrido move. Por isso, evitei chamar os textos de “capítulos”, preferi “movimentos”. São escritos que vão em diferentes direções, abertos para serem percorridos da forma escolhida pelo leitor. Movimento que não para, não cessa. Feito de matéria pulsante, como o mar, que não só vem e vai, mas

que também brilha, tem ondas, espumas brancas. E que em outros dias é lento, repleto de água parada, paralisante.

A cidade é como o mar, como o movimento. Fragmento que dá o braço (e o abraço) quando nos abrimos para ela. Quando escolhemos nos doar, sem esperar nada em troca, a favor da simplicidade e do compartilhamento sensível. Mas sem ilusões: esses braços podem ser confortáveis por alguns dias, em outros, capazes de causar sufocamento. Viver em uma cidade contemporânea como o Rio de Janeiro é um processo intrigante, mas ainda assim amável, com as portas abertas para a reinvenção.

## 6. Referências bibliográficas

ABREU, Mauricio de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2008.

AGUIAR, Lisiane Machado. **As potencialidades do pensamento geográfico**. A cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual 1. In Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro de 2011 Disponível em <[http://geografias.net.br/papers/12\\_LisianeAguiar.pdf](http://geografias.net.br/papers/12_LisianeAguiar.pdf)>. Acesso em 13 de março de 2016.

AGUILLAR, Gonzalo. **Poesia concreta brasileira**. As vanguardas na encruzilhada modernista. São Paulo: Edusp, 2005.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **O estrangeiro, o moderno e a ação humana**. As literaturas estrangeiras modernas em tempos de pós e muito mais... In: Conexão Letras. Revista da Pós-Graduação em Letras da UFRGS. N 3. Disponível em <[www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap9.pdf](http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap9.pdf)>. Acesso em 13 de março de 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Editora J. Olympio, 1975.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Forense Universitária, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **The Dialogic Imagination. Four Essays**. Trad. Caryl Emerson, Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1988.

BARTHES, Roland. **Escrever a leitura**. In: O Rumor da Língua. Rio de Janeiro: WMF Martins Fontes, 1967

\_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **The City Is a Poem, However, It Is Not a Classical Poem**. Disponível em <<http://blog.buro-gds.com/2010/05/roland-barthes-city-is-poem-however-it.html>>. Acesso em setembro de 2014.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas III**. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1997.

\_\_\_\_\_. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.



\_\_\_\_\_. **Rua de mão única.** Infância berlinense: 1900. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna.** Representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Edusp, 2000.

BROWN, Carlinhos. **O mapa do meu nada.** In: Com você... meu mundo ficaria completo. EMI, 1999. CD e DVD.

CAGE, John. **Musicage.** Palavras, John Cage em conversações com Joan Retallack. Rio de Janeiro: Numa Editora, 2015.

CAIAFA, Janice. **Aventuras das cidades.** Ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAMPILHO, Matilde. **Jóquei.** Rio de Janeiro: Editora 34, 2015.

CAMUS, Albert. **Diário de viagem.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

CARDOSO, Sérgio. **O olhar do viajante.** In: NOVAES, Adauto. *O olhar.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARERI, Francesco. **Walkscapes, o caminhar como prática estética.** Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2013.

CERTEAU, Michel. de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CLARK, Lygia e OITICICA, Hélio. **Cartas: 1964-74.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

COELHO, Frederico e FILHO, Mauro Gaspar. **Invasores de Corpos. Manifesto sampler.** Ano 2. Número 11. 2007. Disponível em <[www.jornalplasticobolha.com.br/downloads/pb11.pdf](http://www.jornalplasticobolha.com.br/downloads/pb11.pdf)>. Acesso em 20 e janeiro de 2016.

COSTALLAT, Benjamim. **Mutt, Jeff & Cia.** Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

D'AMARAL, Marcos Tavares. **O que Nietzsche tem a nos dizer.** Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/o-que-nietzsche-tem-nos-dizer-16660933> . Acesso em 06 de julho de 2015.

DELEUZE, Gilles. “Michel Tournier e o mundo sem outrem”. In: **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1977.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza, filosofia crítica.** Milão: ED, Associati, 1991.

- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: 34, 1997.
- DELEUZE, G. **L'Abécédaire**. Paris: Montparnasse, 2001.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DEPRAZ, Natalie, VARELA, Francisco e VERMERSCH, Pierre. **On Becoming Aware**. A Pragmatic of Experiencing. Filadélfia – Amsterdam: Benjamin Publishing, 2003.
- DI FELICE, Massimo. **Paisagens pós-urbanas**. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas de habitar. São Paulo: Annablume, 2009.
- DOS SANTOS, Roberto Corrêa. **Eu assino embaixo. Biografia, memória e cultura**. In: *Seminário que sujeito sou eu*. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2003.
- FAUSTINI, Marcus Vinicius. **Guia afetivo da periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Educação intercultural**. Mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP& A.2003.
- FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Migração**. In Mundo Educação. Disponível em <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/migracao.htm>. Acesso em 13 de março de 2016.
- GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos**. Sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**. Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.
- HAWKE, Ethan. **Boyhood – The Black Album**. Disponível em <<http://www.buzzfeed.com/ethanhawke/boyhood-the-black-album#.rdb84Nr6J>Carta de Ethan Hawke>. Acesso em 08 de agosto de 2014.
- HERZOG, Werner. **Caminhando no gelo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- HISSA, Cassio Eduardo Viana. **Conversações de artes e de ciências**. Minas Gerais: UFMG, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva**. Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JAMES, W. **Princípios de psicologia**. Buenos Aires: Corrientes, 1945.

KASTRUP, Virgínia. **Pistas do método da cartografia pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad.: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LAUB, Michel. **Diário da queda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LEBEDEV, Nádia. **Olhar pela primeira vez. A percepção do estrangeiro**. In *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero*. São Paulo, volume 2, dezembro de 2010. Disponível em <[www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/7496/6917](http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/7496/6917)> . Acesso em 13 de março de 2016.

LEVY, Tatiana Salem. **A chave de casa**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2013.

LIMA, Marina. **O chamado**. In: LIMA, Marina. *O Chamado*: EMI Music, 1993. 1 CD. Faixa 3.

LISPECTOR, Clarice. **Mineirinho**. Disponível em <[www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com\\_content&id=4396:conto-qmineirinhoq-clarice-lispector&Itemid=220&lang=pt](http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&id=4396:conto-qmineirinhoq-clarice-lispector&Itemid=220&lang=pt)>. Acesso em 20 de junho de 2015.

LIUZZI, Laura. In: *Revista Gratuita: volume 2 / Organizadora Maria Carolina Fenati – Belo Horizonte (MG): Chão da Feira*, 2015.

MAZETTI, Henrique Moreira. **Intervenção urbana**. Representação e subjetivação na cidade. 2006. Disponível em <[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0682-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0682-1.pdf)>. Acesso em 20 de novembro de 2014.

MODIANO, Patrick. **Para você não se perder no bairro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

MORIN, Edgar. **O método 1**. A natureza da natureza. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MOUTINHO, Marcelo. **Na dobra do dia. Crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Como se chega a ser o que se é. Covilhã: Universidade da Beira do Interior, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

O'DONNELL, Julia. **A cidade branca**. Benjamim Costallat e o Rio de Janeiro dos anos 1920. In: *História Social* Revista do Programa de Pós-Graduação em História do IFCH/Unicamp, n. 22/23, 2012.

OLIVEIRA, Nielmar de. **Prefeitura do Rio derruba prédio na Vila Autódromo**. In: Agência Brasil. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-02/prefeitura-do-rio-derruba-predio-na-vila-autodromo>>. Acesso em 05 de março de 2016.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**. Poética da geografia. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PERES, Ana Claudia Mendes de Andrade e. **Narrativas e cidades. Uma cartografia de paisagens possíveis para o jornalismo**. Universidade Federal Fluminense, 2012.

PIRES, Ericson. **Cidade ocupada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

PIRES, José Cardoso. **Lisboa, livro de bordo**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PUCHEU, Alberto. **Pelo colorido, para além do Cinzento**; a literatura e seus entornos interventivos. Rio de Janeiro: Azougue Editorial/FAPERJ, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Estética e Política. São Paulo: EXO Experimental (org.); Editora 34, 2009.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RISÉRIO, Antonio. **A Cidade no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2012.

ROCHA, Ava. **Você não vai passar**. In: ROCHA, Ava. Ava Patrya Yndia Yracema. Selo Independente, 2015. Disponível em <[www.youtube.com/watch?v=850VvOreUf4](http://www.youtube.com/watch?v=850VvOreUf4)>. Acesso em 15 de março de 2016.

RONILK, Suely. **Cartografia sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROSA, João Guimarães. **A Boiada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões IV**. São Paulo: Edipro, 2008.

ROVELLI, Carlo. **Sete breves lições de física**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

SABINO, Fernando. **Encontro marcado**. São Paulo: Record, 2006.

SANT'ANNA, Renata. **Gigante das Flores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

SARLO, Beatriz. **A cidade vista**. Mercadorias e cultura urbana. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**. O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SONTAG, Susan. **Prefácio. Sob o signo de Saturno**. In *BENJAMIN, Walter. Rua de sentido Único e Infância em Berlim por volta de 1900*. Lisboa: Relógio D'água, 1992.

TAVARES M., Gonçalo. **Breves notas sobre ciência**. Florianópolis: Ed. da Casa, 2006

VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VERMERSCH, P. **La Prise em compte de la dynamique attentionelle**. *Éléments théoriques*. *Expliciter*, 43, 2002a.

VILLA-FORTE, Leonardo. **Sobre e quem faz**. Disponível em <http://paginario.com.br>. Acesso em 01 de junho de 2014.

ZAMBRA, Alejandro. **Formas de voltar para casa**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ZUAZO, Pedro. **Cinco jovens são fuzilados dentro de carro na Zona Norte do Rio**. In: Extra. Disponível em <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/cinco-jovens-sao-fuzilados-dentro-de-carro-na-zona-norte-do-rio-18174696.html>>. Acesso no dia 05 de março de 2016.

MARTINS, Marco Antonio. **Negros são 77% dos mortos pela polícia do Rio em 2015**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/02/1742551-negros-e-pardos-sao-77-dos-mortos-pela-policia-do-rio-em-2015.shtml>>. Acesso no dia 05 de março de 2016.

## 6.1 Referências bibliográficas das barras laterais

Cidade: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Infância berlinense: 1900. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Encontros: SARAMAGO, José. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Paisagem: CHÁR, René. **Poèmes à Aragon**. In: *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G, Gille, 2013.

Outro: LEMINSKI, Paulo. **Caprichos e relaxos**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

Ocupação: CESAR, Ana Cristina. **Poética/Ana Cristina Cesar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Olhar: THOREAU, Henry David. Citação disponível em: <http://www.citador.pt/frases/e-tao-dificil-observarse-a-si-mesmo-quanto-olhar-henry-david-thoreau-7255>. Acesso em março de 2016.

Ruas: BRETON, André. **Le Pas perdu**. In: *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G, Gille, 2013.

Sensações: CUNNINGHAM, Michel. **As horas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Alteridade: ARENDT, Hanna. **A Condição Humana**. São Paulo: Forense Universitária, 2014.

Subjetividades: CASSIANO, Marcella.; FURLAN, Reinaldo. **O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise**. In *Psicologia & Sociedade*, 25(2). 2013. 372-378.

Liberdade: SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

Aventura: ROSA, João Guimarães. **Nenhum, nenhuma**. In: *Primeiras Histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Caminhada: LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Crônicas publicadas no *Jornal do Brasil* de 1967 a 1973. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Mar: KAFKA, Franz. Disponível em <https://bibliotecaprt21.wordpress.com/2013/02/06/um-livro-deve-ser-o-machado-que-quebra-o-mar-gelado-em-nos-franz-kafka/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2016.

Escrita: CESAR, Ana Cristina. **Poética/Ana Cristina Cesar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Multidão: SANTIAGO, Homero. **O que é, quem é a multidão**. In: Revista Cult. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/05/o-que-e-quem-e-a-multidao/>>. Acesso em 13 de março de 2016.

João do Rio: CAZES, Leonardo. **Cronista de alma carioca, João do Rio tem três livros clássicos reeditados pela primeira vez**. In *O Globo*, 28 de fevereiro de 2015. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/cronista-da-alma-carioca-joao-do-rio-tem-tres-livros-classicos-reeditados-pela-primeira-vez-15457809#ixzz42ck0DpFs>>. Acesso em 13 de março de 2016.

Errâncias: JACQUES, Paola Berenstein. **Errâncias urbanas**. A arte de andar pela cidade. In *ArqTexto – A Prancheta Eletrônica*. 7. ed. 2005. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs\\_revista\\_7/7\\_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf](http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf)>. Acesso em 13 de março de 2016.

Render-se: LISPECTOR, Clarice. Disponível em <<http://www.todamateria.com.br/vida-e-obra-de-clarice-lispector/>>. Acesso em fevereiro de 2015.

Comunidade: Ramos, Pedro. **Sobre a comunidade que vem de Giorgio Agamben**. In: Publicações da UFRRJ, Rio de Janeiro. Disponível em <[http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/etica-alteridade/artigos/Pedro\\_Hussak.pdf](http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/etica-alteridade/artigos/Pedro_Hussak.pdf)>. Acesso em 13 de março de 2016.

Pouso: FABRI, Gabriel. Exposição **“Pouso Para Pensamentos e Pássaros” aproxima público da experiência de voar**. In: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Disponível em <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=19582>>. Acesso em 18 de março.

Imaginação: RIVERA, Hernán Letelier. **A contadora de filmes**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Tensão: MÃE, Valter Hugo. **O paraíso são os outros**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Passado: KIERKEGAARD, Søren. **Die Tagebücher 1834 – 1855**. München: Verlag Jakob Hegner, 1949.

Labirinto: MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2009.